

convergência

MARÇO ■ 1997 ■ ANO XXXII N° 300



convergência

- A FRATERNIDADE E OS ENCARCERADOS
- PRESOS E RELIGIOSOS
- SER CRISTÃO NO MEIO DE CONFLITOS
- ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VIDA CONSAGRADA
CONFRONTO ENTRE O IDEAL QUE NOS
PROPOMOS E A REALIDADE VITAL
- VIDA RELIGIOSA E CONTEMPORANEIDADE
- RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA
DA MULHER NA VIDA RELIGIOSA FEMININA
DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

SUMÁRIO

EDITORIAL	65
Ir. Carmelita de Freitas, FJ	
PALAVRA DO PAPA	68
INFORME CRB	71
A FRATERNIDADE E OS ENCARCERADOS	73
Maria Soares de Camargo	
PRESOS E RELIGIOSOS	83
Fr. Bernardino Leers	
SER CRISTÃO NO MEIO DE CONFLITOS	97
Prof. Antônio Geraldo Cantarella	
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VIDA CONSAGRADA CONFRONTO ENTRE O IDEAL QUE NOS PROPOMOS E A REALIDADE VITAL	107
Ir. Elza Ribeiro	
VIDA RELIGIOSA E CONTEMPORANEIDADE	119
Fr. Prudente Nery, OFM Cap	
RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NA VIDA RELIGIOSA FEMININA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE	126

NOSSA CAPA

A ilustração da capa da *Convergência* nos próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegarray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1997:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 55,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 5,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

A FRATERNIDADE E OS ENCARCERADOS

A encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II (1990) chamou a atenção da Igreja para um aspecto crucial da sua missão no mundo de hoje: a existência de novas situações ou “lugares” de evangelização, que o Papa denominou de “novos areópagos”. Com esta expressão, o Papa se referia a um amplo leque de realidades, situações e compromissos de evangelização, tais como: o mundo da comunicação social; o compromisso pela paz; o desenvolvimento e a libertação dos povos; os direitos humanos e dos povos, sobretudo das minorias; a promoção da mulher e da criança; a ecologia; a cultura e a pesquisa científica; as relações internacionais; o fenômeno do retorno do religioso (RMI 37). A partir de então, a expressão encontrou ressonância crescente no discurso e na prática eclesiais, muitas vezes em estreita relação com a temática da “nova evangelização” e da missão da Igreja no limiar do terceiro milênio.

A expressão possui uma fluidez simbólica e imaginativa que é bom manter. Está impregnada de uma intuição missionária, evangelizadora, capaz de suscitar perspicácia e criatividade em face das novas situações históricas e humanas do nosso tempo, alguma delas sem contornos muito definidos. Ela nos remete às ruas e praças; às periferias e porões da sociedade; aos espaços de produção do pensamento e da ciência; aos centros de decisão; à pluralidade de etnias, culturas, religiões e

crenças; às questões de gênero e de ecologia, de justiça e paz. Ela nos leva a ultrapassar as fronteiras do convencional, do estabelecido, do rotineiro, dos caminhos já trilhados, das práticas sabidas e seguras. Ela nos situa na encruzilhada do mundo pós-moderno, com suas características desafiadoras, ambigüidades e promessas, em certa equivalência com a expressão “sinais dos tempos” que João XXIII introduziu no universo semântico do Vaticano II e na prática eclesial pós-conciliar.

Com tais expressões, trata-se de designar algo novo, algo recente, algo que está emergindo e abrindo espaço a inusitadas situações e relações. Ou algo que vem de situações remotas, mas que adquire, no atual momento histórico, contornos específicos e novas características desafiadoras.

Nesse segundo caso, pode-se dizer que a Campanha da Fraternidade deste ano de 1997 nos situa diante de um novo e complexo “areópago” moderno: o sistema penitenciário e carcerário do Brasil de hoje e a dura realidade dos encarcerados e encarceradas do País.

Efetivamente, a Campanha da Fraternidade, de acordo com seus objetivos específicos, trata de ser um tempo forte e abrangente de evangelização, orientado a provocar conversão pessoal e mudanças sociais, a partir precisamente de situações concretas da vida humana, onde a fraternidade é negada ou ferida. Nesta perspectiva, o tema da Campanha da Fraternidade

desde ano – “A fraternidade e os encarcerados” – é extremamente atual e nos confronta com uma situação explosiva da sociedade brasileira, de um “areópago” incômodo, que nos desinstala de nossos preconceitos e de nossa indiferença. “Na verdade, o tema desta Campanha é uma das chaves para entender as relações sociais”, deixando a descoberto as incoerências e as contradições de uma sociedade que não conseguiu garantir a todos os cidadãos e cidadãs condições básicas para uma vida digna, sem violência, sem discriminações, sem fome, sem desemprego, sem violação dos direitos humanos fundamentais, sem corrupção nem sonegação de princípios éticos indispensáveis para a convivência no respeito mútuo e na justiça.

Dentro da dinâmica do projeto *Rumo ao Novo Milênio*, a Campanha da Fraternidade de 1997 abre um amplo espaço para aprofundar e rever a questão dos direitos civis: direito à vida, à integridade pessoal, à liberdade, à propriedade e à igualdade perante a lei, como eixos do serviço a ser prestado pelos cristãos na transformação da sociedade (cf. RNM, 122; Texto-base, 8).

CONVERGÊNCIA deste mês de março quer oferecer às comunidades religiosas elementos para refletir sobre esta candente questão e ressituar-se diante desse “areópago” dos encarcerados e encarceradas, suas causas estruturais e conjunturais, e os desafios que lançam à nova evangelização. O artigo “A fraternidade e os encarcerados”, de Maria Soares Camargo – assessora do setor Pastoral Social da CNBB – apresenta os grandes eixos articuladores da CF-97, tratando de fazer uma leitura sociopastoral do tema, que ajude as comunidades não só a aprimorar o seu conhecimento do assunto, mas a colaborar, na medida de suas possibilidades, com a pastoral carcerária, entendida no seu sentido amplo, e na busca de alternativas para a situação atual. Como observa a autora, trata-se de um tipo de pastoral que não deve

ser feita por agentes isolados, mas, de preferência, em grupos mistos de homens e mulheres e com o aval do Bispo, pois certamente se terá de enfrentar conflitos, inclusive com autoridades do sistema.

Fr. Bernardino Leers, OFM, no seu artigo “Presos e religiosos”, aborda o tema a partir de um ângulo de aproximação extremamente iluminador da questão. “Combinando Levinas e Häring” afirma o autor, “o ângulo de aproximação será o outro, neste caso, os presos em seu ambiente e condições reais”. Neste enfoque, são os próprios encarcerados que formam o ponto de saída da reflexão ética. O artigo tem, assim, a mordência de uma abordagem original, apta a provocar a conversão ou a “inversão” da perspectiva na abordagem da complexa questão do “outro encarcerado”. Para o autor, “na prática, o método de se situar como ouvinte diante do outro e no lugar do outro em sua alteridade, quase entrando na pele dele, no coração dele, é tanto mais difícil quanto maiores são a diferença e a distância que há entre os dois”.

No intuito de continuar oferecendo aos leitores e leitoras elementos de reflexão cristológica, dentro da dinâmica do projeto *Rumo ao Novo Milênio*, situa-se o interessante artigo “Ser cristão no meio de conflitos”, do Prof. Antônio Geraldo Cantarela. Especialista em Paulo, o autor faz uma leitura cristológica da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, tratando de evidenciar o “modo paulino” do seguimento de Jesus, e as interpelações que esse modo de seguimento apresenta à Vida Religiosa dos nossos dias. Para o autor, Paulo anuncia o Evangelho de maneira criativa, sempre a partir da situação e necessidades das comunidades. É assim que vão se esboçando as linhas mestras da teologia paulina que definem tal seguimento.

Ir. Elza Ribeiro, Presidente da CLAR, partilha com os leitores e leitoras de CON-

VERGÊNCIA suas preocupações e esperanças em relação ao presente e ao futuro da Vida Religiosa na América Latina. Seu sugestivo texto "Reflexões sobre a Vida Consagrada. Confronto entre o que nos propomos e a realidade vital", foi exposto e debatido nas Assembléias Regionais de São Paulo e de São Luis do Maranhão. Comentando um texto de Felicísimo Martínez Díez, a autora insiste na imagem do caos e se pergunta se "não será a nossa uma situação de caos bíblico, uma oportunidade de graça, de libertação, de recriação e de conversão?"

As grandes transformações que ocorrem no mundo atual e as características da sociedade contemporânea são com frequência objeto de reflexão e de debate nas comunidades religiosas. O artigo de Fr. Prudente Nery, OFM Cap – "Vida Religiosa e contemporaneidade" – apresenta excelente conteúdo, capaz de iluminar e alimentar com criatividade e sentido evangélico tais reflexões e debates, não raras vezes

polêmicos. Para o autor, "esbravejar, de modo pretensamente profético, lamúrias e indignados anátemas contra a contemporaneidade, sem tentar surpreender a *anima* e o *animus* de nosso tempo, pode até ter algum efeito para aliviar a consciência, mas será ineficaz também no presente, como já o foi no passado".

O projeto da CLAR, "Recuperação da memória histórica da mulher na Vida Religiosa feminina da América Latina e do Caribe" passou, como é sabido, por vicissitudes e contratempos inusitados. Reelaborado, está pronto para levar adiante uma pesquisa de fôlego que permitirá conhecer melhor o rosto feminino da Vida Religiosa no Continente e países caribenhos. CONVERGÊNCIA publica neste número a primeira parte do projeto, ou seja, uma apresentação minuciosa do mesmo, visando não só informar seus leitores e leitoras, mas também suscitar a colaboração das comunidades para o êxito do projeto.

Mensagem de Sua Santidade
João Paulo II aos irmãos no
Episcopado e às pessoas
consagradas, por ocasião da
primeira celebração do
DIA DA VIDA CONSAGRADA,
em 2 de fevereiro, festa da
Apresentação de Jesus no
Templo.

escrevia: “Na realidade, *a vida consagrada tem seu lugar no próprio coração da Igreja*, como elemento decisivo para a sua missão, já que “exprime a íntima natureza da vocação cristã” e a tensão de toda a Igreja-Esposa para a união com o único Esposo” (n.3). Às pessoas consagradas eu gostaria de repetir o convite a olhar o futuro com confiança, contando com a fidelidade de Deus e a força da sua graça, capaz de realizar sempre novas maravilhas: “Vós não tendes apenas uma gloriosa história para recordar e para contar, mas *uma grande história a construir!* Olhai para o futuro, no qual o Espírito vos projeta para ainda hoje fazer convosco coisas grandes” (ibid, 110).

Os motivos do Dia da Vida Consagrada

1. A celebração do **Dia da Vida Consagrada**, que acontecerá pela primeira vez no próximo dia 2 de fevereiro, pretende ajudar a Igreja inteira a valorizar sempre mais o testemunho das pessoas que escolheram seguir a Cristo mais de perto, mediante a prática dos conselhos evangélicos e, ao mesmo tempo, quer ser para as pessoas consagradas uma ocasião propícia para renovar os propósitos e reavivar os sentimentos que devem inspirar a sua doação ao Senhor.

A missão da vida consagrada, no presente e no futuro da Igreja, já no limiar do terceiro milênio, não diz respeito apenas àqueles que receberam esse carisma especial, mas a toda a comunidade cristã. Na Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, publicada no ano passado, eu

2. Portanto, é tríplice o espaço de tal Dia: **em primeiro lugar**, ele responde à íntima necessidade de louvar mais solenemente o Senhor, e agradecer-Lhe pelo grande dom da vida consagrada, que enriquece e alegra a comunidade cristã com a multiplicidade dos seus carismas e com os frutos de edificação de tantas existências, totalmente doadas à causa do Reino. Jamais devemos esquecer que a vida consagrada, antes de ser compromisso do homem, é dom que vem do Alto, iniciativa do Pai, “que atrai a si uma criatura sua, com um amor especial, e em vista de uma missão especial” (ibid., 17). Esse olhar de predileção toca profundamente o coração de quem é chamado, e que o Espírito Santo impele a se pôr nas pegadas de Cristo, numa forma toda especial de seguimento, mediante o assumir os conselhos evangélicos de

castidade, pobreza e obediência. Que dom estupendo!

“O que seria do mundo, se não existissem os religiosos?”, perguntava com muita razão Santa Teresa (*Livro da vida*, 32, 11). É uma pergunta que nos impele a agradecer incessantemente ao Senhor que, com esse dom singular do Espírito, continua a animar e sustentar a Igreja na sua exigente caminhada no mundo.

3. Em segundo lugar, esse Dia tem o objetivo de promover o conhecimento e a estima pela vida consagrada, por parte de todo o povo de Deus.

Como o Concílio sublinhou (cf. *Lumen gentium*, 44) e eu mesmo tive como reafirmar na citada Exortação apostólica, a vida consagrada “convida mais fielmente e representa continuamente na Igreja a forma de vida que Jesus — supremo consagrado e missionário do pai para o seu Reino — abraçou e propôs aos discípulos que o seguiam” (n. 22). Portanto, ela é memória vivente e especial do seu ser de Filho que faz do Pai o seu único Amor — eis a sua virgindade —, que encontra nele a sua exclusiva riqueza — eis a sua pobreza —, e tem na vontade do Pai o ‘alimento’ de que se nutre (cf. Jo 4, 34) — eis a sua obediência.

Essa forma de vida, abraçada por Cristo, e que se torna presente, de modo especial, nas pessoas consagradas, tem grande importância para a Igreja, chamada a viver em cada um de seus membros, a mesma tensão para o Tudo de Deus, seguindo Cristo na luz e na força do Espírito Santo.

Nas suas múltiplas expressões, a vida de especial consagração está a serviço da consagração batismal de todos os fiéis. Contemplando o dom da vida consagrada, a Igreja contempla a sua íntima vocação de pertencer somente a seu Senhor, desejosa de ser aos olhos dele “sem mancha nem ruga nem qualquer outra coisa semelhante, mas santa e imaculada” (Ef 5, 27).

Por isso, compreende-se muito bem a oportunidade de um Dia especial para fazer com que a doutrina sobre a vida consagrada seja mais largamente e mais profundamente meditada e assimilada por todos os membros do povo de Deus.

4. O terceiro motivo se refere diretamente às pessoas consagradas, convidadas a celebrar em conjunto e solenemente as maravilhas que o Senhor realizou nelas, para descobrir, com um olhar de fé mais lúcido, os raios da divina beleza difundidos pelo Espírito no seu gênero de vida, e tomar consciência mais viva da sua insubstituível missão na Igreja e no mundo.

Imersas num mundo muitas vezes agitado e distraído, às vezes absorvidas por tarefas prementes, as pessoas consagradas serão também ajudadas, pela celebração desse Dia anual, a voltar às fontes de sua vocação, a fazer um balanço da própria vida, a confirmar o compromisso da própria consagração. Assim, nas diferentes situações, poderão testemunhar alegremente os homens e às mulheres do nosso tempo que o Senhor é o Amor capaz de preencher o coração da pessoa humana.

Na verdade, existe uma grande urgência de que a vida consagrada se mostre sempre mais “cheia de alegria e de Espírito Santo”, se lance com entusiasmo nas estradas da missão, se torne credível pelo testemunho vivido, já que “o homem contemporâneo escuta com mais boa vontade as testemunhas do que os mestres; ou, se escuta os mestres, é porque são testemunhas” (Exort. Apost. *Evangelii nuntiandi*, n. 41).

Na festa da Apresentação do Senhor ao Templo

5. O Dia da Vida Consagrada será celebrado na festa em que se faz memória da apresentação que Maria e José fizeram de Jesus ao Templo, “para oferecê-lo ao Senhor” (Lc 2, 22).

Nessa cena evangélica, revela-se o mistério de Jesus, o consagrado do Pai, que veio ao mundo para cumprir fielmente a Sua vontade (cf. Hb 10,5-7). Simeão o aponta como "luz para iluminar as nações" (Lc 2,32), e prenuncia com palavra profética a oferta suprema de Jesus ao Pai, e a sua vitória final (cfr. Lc 2,32-35).

Assim, a Apresentação de Jesus no Templo constitui um eloqüente ícone da total doação da própria vida, para todos os que foram chamados a reproduzir na Igreja e no mundo, mediante os conselhos evangélicos, "os traços característicos de Jesus virgem, pobre e obediente" (Exort. ap. *Vita Consecrata* n. 1).

Maria se associa à apresentação de Cristo.

A Virgem Mãe, que leva o Filho ao Templo, para que seja oferecido ao Pai, expressa bem a figura da Igreja que continua a oferecer seus filhos e filhas ao Pai Celeste, associando-os à única oblação de Cristo, causa e modelo de toda consagração na Igreja.

Já faz algumas décadas que, na Igreja de Roma e em outras Dioceses, a festividade do dia 2 de fevereiro reúne quase espontaneamente numerosos membros de Institutos de Vida Consagrada e de Sociedades de Vida Apostólica ao redor do Papa e dos pastores diocesanos, para manifestar coralmente, em comunhão com todo o povo de Deus, o dom e o compromisso do próprio chamado, a variedade dos carismas da vida consagrada, e a sua peculiar presença no âmbito da comunidade dos que crêem.

Desejo que essa experiência se estenda a toda a Igreja, de modo que a celebração do Dia da Vida Consagrada reúna as pessoas consagradas, juntamente com os outros fiéis, para cantar com a Virgem Maria as maravilhas que o Senhor realiza em tantos seus filhos e filhas, e para manifestar a todos que a condição de "povo a ele

consagrado" (Dt 28,9) é a condição de todos que foram remidos por Cristo.

Os frutos que se esperam para a missão de toda a Igreja

6. Caríssimos irmãos e irmãs, enquanto entrego a instituição desse Dia à proteção materna de Maria, de todo o coração desejo que ele produza frutos abundantes para a santidade e a missão da Igreja. Especialmente, ajude a fazer crescer na comunidade cristã a estima pelas vocações de especial consagração, a fazer com que se torne sempre mais intensa a oração para obtê-las do Senhor, fazendo amadurecer nos jovens e nas famílias uma generosa disponibilidade a receber esse dom. A vida eclesial no seu conjunto será beneficiada, e disso há de haurir força a nova evangelização.

Tenho confiante esperança de que esse "Dia" de oração e de reflexão ajude as *Igreja Particulares* a valorizar sempre mais o dom da vida consagrada, e a medir-se com a sua mensagem, para encontrar o justo e fecundo equilíbrio entre atividade e contemplação, entre oração e caridade, entre empenho na história e tensão escatológica.

A Virgem Maria, que teve o altíssimo privilégio de apresentar ao Pai Jesus Cristo, seu Filho Unigênito, como oblação pura e santa, obtenha-nos a graça de estar constantemente abertos e acolhedores em relação às grandes obras que Ele não cessa de realizar para o bem da Igreja e da humanidade inteira.

Com tais sentimentos, e augurando às pessoas consagradas perseverança e alegria na sua vocação, concedo a todos a Bênção Apostólica.

Do Vaticano, 6 de janeiro de 1997.

Joannes Paulus II

1. CARTA DO SUPERIOR GERAL DOS IRMÃOS MARISTAS

Superiore Generale dei Fratelli Maristi

Roma, 16 de janeiro de 1997.

Estimado Pe. João Roque,
Membros da Diretoria e
Conselho Superior.
Cordiais e fraternas saudações!

Somente hoje chegou a minhas mãos a mensagem de solidariedade que a CRB, por meio de seus mais significativos representantes, teve a gentileza de nos enviar por ocasião do trágico desaparecimento de nossos missionários no Zaire.

Em nome do Conselho Geral e em meu próprio nome, agradeço o gesto fraterno, que muito nos conforta nesta ocasião em que a vontade do Senhor se manifesta encoberta pela dor e pelo sofrimento. Em não poucas oportunidades nos temos perguntado quais as mensagens que estão por trás de tantos sinais. Algumas, nós conseguimos captar e interpretar; outras nos sobrepassam e nos deixam perplexos, sobretudo quando contemplamos nos meios de comunicação as filas intermináveis de refugiados vagando como ovelhas sem pastor.

Queira Deus que, de fato, o sangue de nossos mártires, maristas ou não, seja semente de novos cristãos e de processos de paz e reconciliação definitivos. Rogamos também ao Senhor para que outros missionários continuem a obra começada e que está longe da consolidação.

Por outra parte, somos gratos a Deus pela forma como a sociedade civil, em particular a Igreja e a vida religiosa, recebeu e interpretou o holocausto de nossos irmãos. Na Espanha, especialmente, houve verdadeira evangelização, que atingiu praticamente toda a nação, despertando inúmeras iniciativas de solidariedade e de apoio. Chega-se à conclusão que existem ainda muitos valores que, despertados, podem suscitar mudanças profundas nas pessoas e nas instituições.

Neste início de ano, unimo-nos a vocês e rogamos a Maria, nossa Boa Mãe, que os acolha todos no regaço, junto ao Filho.

Fraternalmente,

*Irmão Benito Arbues, fms
Sup. Geral*

2. Centenário da morte da Fundadora das Religiosas da Assunção, a Bem-aventurada MARIA EUGÊNIA MILLERET "É BOM CELEBRAR..."

As maravilhas que Deus opera merecem ser contadas e celebradas. Por isso, as Religiosas da Assunção estão festejando o Ano Centenário da morte de sua fundadora, MARIA EUGÊNIA MILLERET.

Apaixonada pelo Evangelho e por sua época, desejando empregar todas as suas forças na extensão do reino de Deus, Maria Eugênia lançou-se à tarefa de fundar uma nova congregação religiosa que unis-

se ação e contemplação. Profundamente enraizadas em Jesus Cristo, as irmãs deveriam estar atentas e abertas às conseqüências sociais do Evangelho e, por meio de ação educativa e libertadora, ajudar as pessoas a entrar nesse mesmo dinamismo.

Como costuma acontecer com as pessoas a quem Deus confia a missão de fundadores, Maria Eugênia foi uma mulher de visão penetrante, capaz de ir além de seu tempo e perceber os apelos de Deus em meio às realidades humanas. Assim, ela vislumbrou situações e necessidades que despontavam em sua época e estão presentes na nossa. "Fomos fundadas, dizia ela, para tempos de crise". E foi para responder a essas necessidades que ela orientou a vida e a ação da congregação que estava fundando. Entre outros traços muito atuais de seu pensamento, sublinhamos alguns:

- A formação de uma fé firme, sólida, embasada na Palavra de Deus, que não temesse o diálogo com o progresso da ciência humana, mas que, ao contrário, o saudasse com alegria.
- A necessidade de trabalhar pela libertação da mulher.
- O sentido da eclesialidade.
- A visão de universalidade.
- A importância do desenvolvimento humano das pessoas e o respeito pela sua individualidade.
- A necessidade de empenhar-se para que, segundo suas palavras, "nenhuma pessoa viesse a sofrer opressão por parte de outra".
- A convicção de que é necessário preparar a juventude para exercer o seu papel na sociedade.

— A percepção de que a transformação da sociedade brota a partir da vivência dos valores evangélicos.

Ainda durante a sua vida, a congregação já havia saltado os limites do continente europeu e lançado sua raízes na África, na Ásia, na Oceania e na América. Hoje, cem anos depois de sua morte, as irmãs vivem o desafio da internacionalidade, pois estão presentes em 35 países. No Brasil, as irmãs têm uma única Província, com sede em Brasília, e estão presentes nos estados de Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 10 de março de 1898, Maria Eugênia faleceu em Paris. No entanto, o lema escolhido pelas irmãs para celebrar este centenário é "Maria Eugênia vive!" Vive na atualidade de seu pensamento; vive na herança de santidade que deixou (foi beatificada em 1975 e o processo de canonização está aberto); vive na concretização de suas instituições espirituais e apostólicas, que se manifesta, de maneira muito diversificada, na vida e na atuação de suas irmãs, espalhadas pelo mundo; vive na congregação que fundou.

E aí está a razão de celebrar o centenário: louvar e agradecer a Deus que nos faz ver, nesta figura de mulher, o testemunho de uma vida toda consumida pela paixão do Reino, toda centrada em Jesus Cristo, toda entregue a Deus e aos irmãos.

A abertura da comemoração do Ano Centenário será no domingo, 9 de março do corrente ano, no Rio de Janeiro — primeira comunidade fundada pelas Religiosas da Assunção no Brasil — e o seu encerramento será em Brasília, no dia 15 de agosto de 1998.

A FRATERNIDADE E OS ENCARCERADOS

Maria Soares de Camargo

Lembrem-se dos presos como se vocês estivessem na prisão com eles. Lembrem-se dos que são torturados, pois vocês têm um corpo, Hb 13,3.

1. INTRODUÇÃO

O tema da Campanha da Fraternidade-97: *A Fraternidade e os Encarcerados*, insere-se no Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil Rumo ao Novo Milênio no que diz respeito ao *SERVIÇO* a ser prestado pela Igreja à sociedade. A temática proposta para os três próximos anos, os direitos humanos, tem a reflexão iniciada, em 1997, com os direitos civis. Falar dos encarcerados é tratar concretamente de alguns direitos civis basilares, como a liberdade e a igualdade de todos perante a lei, além do direito à vida e à integridade e segurança pessoal.

O lema escolhido, "*Cristo liberta de todas as prisões*", abre mais amplamente a possibilidade de diálogo com áreas como a do anúncio querigmático, da catequese bíblico-litúrgica e outras que devem desenvolver seus trabalhos em torno da pessoa de Jesus Cristo, inspiradas na *Tertio millennio adveniente*.

O grande desafio consiste em que todas as dimensões da evangelização inculturada apresentem a promoção dos direitos

civis fundamentada na fé em Jesus Cristo, que vem para que todos tenham vida, nos libertar de todas as prisões e nos igualar a todos na mesma dignidade humana e vocação divina (PRNM nº163).

2. OBJETIVOS

"A Fraternidade e os Encarcerados" deseja *despertar a sensibilidade e a solidariedade* dos cristãos para com as vítimas da violência criminal e para com os presos, em vistas a superar preconceitos e injustiças.

Para tanto, o texto-base fornece algumas informações sobre a realidade carcerária do Brasil, sobre o funcionamento da polícia e a administração da justiça. À luz da Palavra de Deus, em especial da prática de Jesus, sugere o acompanhamento às vítimas, para ajudá-las a enfrentar os problemas advindos da agressão. Incentiva o auxílio às presas e aos presos, a fim de que se tornem sujeitos ativos no processo de reinserção na sociedade e de conversão pessoal, mobilizando para isso estruturas de atendimento à suas necessidades vitais e às suas famílias.

A Campanha objetiva também que todos os homens e mulheres de boa vontade empenhem-se em fazer o que pode ser feito enquanto *educação da consciência para a liberdade responsável e solidária*, para além da manutenção de um vínculo direto com a questão dos encarcerados.

Enfim, a proposta é construir uma *sociedade sem violência e sem vingança*, fruto

do dom de Deus e do esforço humano. Nessa luta pela transformação das relações humanas em todas as dimensões, só o *perdão* efetivo assegura a vitória final sobre a violência.

3. VER

"Suspeitos de pequenos delitos têm a inviolabilidade de sua imagem desrespeitada em festivais de sensacionalismo. Se é pobre e feio, é escrachado sem dó nem piedade no 'Aqui e Agora'. Se é bem situado socioeconomicamente, o suposto ladrão vira atração do 'Fantástico'" (trecho da entrevista do Capitão Edson de Jesus Sardano, da Polícia Militar de São Paulo, à revista *Veja*, 26 de junho de 1996, p. 158).

3.1. Como a sociedade considera as pessoas presas?

Como são vistos os presos? e as presas? O que se diz por aí a respeito delas? São vagabundas, preguiçosas, sem vergonha? De que maneira os programas policiais de rádio e televisão se referem aos infratores? Dizem que alguns já nascem bandidos; outros, escolheram o caminho do crime; se estão presos, é porque não prestam mesmo, não têm jeito; na cadeia, vivem até melhor do que merecem...

Compreendemos essas opiniões que configuram o senso comum. A insegurança, real e amplificada pelos meios de comunicação social, envolve-nos a todos e dificilmente conseguimos tratar a questão com objetividade. Se nós mesmos ainda não fomos assaltados, conhecemos sempre algum amigo ou parente que tenha sofrido violência, o que coloca boa carga emocional em nossas reflexões sobre o tema.

Por trás dessas idéias, subsistem vários mitos, como o da liberdade humana livre de condicionamentos: como se o chamado

bandido, em pleno gozo de seu livre-arbítrio, fizesse conscientemente sua opção pelo "mundo do crime". Na prisão, estaria apenas colhendo o que plantou - pois reina a crença que a ordem social estabelecida no mundo é natural: os culpados são sempre punidos pela Justiça e cada um tem a vida que merece.

O mito do mérito parece ser o mais arraigado nas consciências cristãs, que tendem a uma visão moralista da sociedade, isto é, transformam em classificação moral (boa, má, ignorante, violenta...) uma situação de exclusão social. Assim, alguém que exerce um papel social importante porque teve oportunidade de estudar, colecionar diplomas, herdar relações influentes, tem mais "mérito" do que milhares de crianças que não estudam porque trabalham, na roça ou nas ruas da cidade, para sustentar-se e aos familiares adultos desempregados. O mérito torna-se um mito porque explica a realidade de forma simplista, freqüentemente ilusória, levando pessoas e grupos a formular juízos preconceituosos e a assumir formas de comportamento discriminatórias, que violam o direito à igualdade fundamental de todos os seres humanos.

Por outro lado, não se trata de cair no extremo oposto, afirmando ser o criminoso simples vítima, mero produto de uma sociedade criminógena. A liberdade responsável dignifica a pessoa humana e negá-la significa também anular a possibilidade de a pessoa ser sujeito de sua própria transformação. No entanto, a faixa de livre decisão varia bastante, e são incontáveis os condicionamentos na história de vida de qualquer transgressor: condições precárias de alimentação, moradia, saúde, falta de educação e perspectivas futuras, desemprego, abandono da família, carências afetivas etc...

Quem é de fato culpado? Indivíduo ou sociedade? O enigma permanece,. Porém,

é preciso que se registre o peso das condições econômicas na questão da criminalidade. Diminuindo a miséria, diminui o número de pessoas envolvidas em ocorrências criminais, e vice-versa. O fator econômico, no entanto, não esgota a complexidade do fenômeno da delinquência, que inclui ainda fatores de ordem cultural, familiar, psicológica, moral etc.

3.2. As prisões no Brasil

Os dados reproduzidos no texto-base referem-se ao censo penitenciário de 1994, publicado pelo Ministério da Justiça em 1995. Hoje já existem números mais atualizados, porém, o quadro dos cárceres brasileiros não mudou. Permanece o triste cenário divulgado pelos meios de comunicação social: superlotação, tentativas de fuga, denúncia de maus-tratos e outras feridas que relutamos em aceitar.

Importa lembrar que a lei penal determina três finalidades à pena privativa da liberdade: punir retributivamente o mal causado; prevenir novas infrações pela intimidação do condenado e potenciais infratores; recuperar o condenado por sua reinserção social.

A realidade mostra que apenas a punição é efetiva, e, além do mais, ultrapassa amplamente os limites da sentença condenatória. A situação das prisões brasileiras é tal que, ao ser condenado à perda da liberdade, o preso pode ser "condenado" também a passar fome, frio, a ter a saúde abalada, ser contaminado por tuberculose ou AIDS, a usar drogas, a conviver intimamente com qualquer tipo de pessoa, a ser usado sexualmente, a perder vínculos afetivos e o emprego que eventualmente pudesse ter.

"Essas condenações implícitas, mas efetivas, reais, com as quais ninguém parece se escandalizar ainda que sejam manifestas, são padecidas da mesma forma por

qualquer preso, independentemente da gravidade de seu crime.(...) Se o Estado me condena a uma pena determinada, tem a obrigação de garantir que eu cumpra esta pena e não outra maior. Se não pode garanti-lo e se por sua decisão me são acrescentados castigos não previstos nem estipulados ou a própria morte, então é o Estado que por sua vez está delinquindo - fica incapacitado para administrar a Justiça e perde toda a legitimidade."

Javier Mariás, escritor espanhol, analisando a ilegitimidade atual da Justiça, *Folha de S. Paulo*, 26 de maio de 1996, Caderno Mais, p. 14.

A Lei de Execução Penal em vigor (lei 7210/84) determina seis modalidades de assistência aos sentenciados: assistência material, educacional, social, à saúde, religiosa e jurídica. A lei não é cumprida integralmente em nenhum estabelecimento penal do país, apesar das consideráveis diferenças entre eles.

A precariedade da assistência jurídica gratuita constitui o maior clamor das presas e presos, uma vez que 85% não dispõem de recursos para pagar advogados. Isso torna a pena privativa da liberdade uma espécie de *castigo seletivo para pobres*.

Além do pequeno número de defensores públicos, o Judiciário conta com poucos juizes — em média, um para cerca de 30.000 cidadãos, proporcionalmente menos que outros países democráticos, como, por exemplo, a Alemanha (um para 3.448) e a Itália (um para 7.692). Este fator contribui para a unanimemente reconhecida morosidade da Justiça, crescendo-se a insuficiência de recursos materiais, excesso de formalidades nos procedimentos, legislação ultrapassada, emaranhado burocrático das varas de execução penal etc. Não adiantaria, porém, simplesmente aumentar o número de juizes, pois o judiciário precisa também ser democratizado. Necessita de

toda uma reformulação, a fim de que o povo tenha condições de participação e controle da administração da justiça no país.

O aparato judicial está tão desacreditado que o povo, em geral, inclina-se a pensar que quem decide sobre a culpa ou não dos indiciados é o poder aquisitivo. A impunidade dos criminosos “de colarinho branco”, a seletividade das punições segundo critérios inomináveis, tudo isso contribui para a perda de credibilidade nas instituições e leva a população a práticas de regulação dos conflitos ao arrepio da lei, como linchamentos, uso de “justiceiros” e outras formas de fazer “justiça” com as próprias mãos.

Outra questão relevante é a ociosidade reinante nas prisões. Além de “dever social e condição de dignidade humana”, como diz a lei, o trabalho possibilita o abatimento da pena do condenado. O instituto de remissão da pena estabelece que a cada três dias de trabalho corresponde um dia a menos na sentença. Por uma série de motivos, entre eles a exigüidade de espaço físico, apenas uma minoria de presos no Brasil tem condições de exercer o direito ao trabalho e gozar de seus benefícios.

3.3. Quem são os nossos presidiários?

Uma maioria escandalosa de pobres, como bem podemos imaginar. O censo penitenciário publicado em 1995 apresenta 129.169 presos, sendo 96,31% de homens e 3,69% de mulheres. São na maioria jovens (68% com menos de 30 anos); a duração média de suas penas beira os cinco anos; a maior parte cometeu crimes contra o patrimônio (43% entre assalto e furto); o tráfico de drogas cresce (10%), mas, quanto à corrupção, não há estatísticas...

As características da população encarcerada acompanham, em grandes linhas,

as características das classes populares das diversas regiões brasileiras, não apenas quanto aos indicadores sociais, como também quanto aos costumes, valores morais, práticas religiosas. Alguns comportamentos diferenciados são justamente decorrentes do próprio encarceramento.

“Nossos seqüestradores são jovens e carentes. Infelizmente é só esse tipo de gente, carente, que está na cadeia” (trecho da entrevista de D. Aloísio Lorscheider no dia seguinte ao seu seqüestro, em *O Globo*, 18 de março de 1994, p.7).

Quem chega a uma prisão, em geral, já teve seus direitos fundamentais violados. Talvez desde a infância, ou antes mesmo de nascer, levando-se em conta as carências e maus-tratos vividos por mulheres das camadas empobrecidas. É possível que se tenha defrontado com a polícia desde a adolescência, em razão da aparência ou de atitudes “suspeitas”. Pode ter mesmo sido torturado, pois a tortura permanece um procedimento usual para a obtenção de confissões, como noticia regularmente a imprensa. Passando depois pela “escola do crime”, como popularmente é conhecida a prisão, fica realmente difícil não reincidir. Embora não haja pesquisas confiáveis sobre a taxa de reincidência criminal, sabemos ser elevada. Há, no entanto, mulheres e homens que se reabilitam, se regeneram, como costumam dizer, por que encontraram apoio afetivo e um meio honesto de sobrevivência.

3.4. Prisões que estão por trás das prisões.

Percebemos que a cadeia é um fim de linha de prisões anteriores. Mesmo os que se acham livres podem carregar algemas, de vários tipos e tamanhos. Uma delas, certamente, é o *consumismo*. Os objetos valem não tanto por sua função utilitária, mas como sinais indicativos de “*status*” de seu proprietário. Bem diz o povo: “vale

quem tem". Não ter, para além da privação de algo necessário, é humilhação social. Para os jovens, sobretudo, abre-se aí um campo fértil de tentações para infringir a lei.

O consumismo traz consigo a imagem de uma *desvalorização do trabalho*. O consumidor ideal apresentado pela mídia encontra-se, geralmente, em atividades de lazer. Como o salário de quem tem a sorte de estar empregado garante apenas a sobrevivência (quando garante!), o trabalho, em particular o não-qualificado ou mais pesado, acaba associado ao "não ter", ao "ser menos", e até ao "não ser".

Seria inumerável a lista de prisões por trás das prisões: a falta de formação para a liberdade e a honestidade no país do "jeitinho" e do "levar vantagem em tudo"; a impunidade dos "grandes"; o clientelismo, reforçando a atitude de dependência, de "dever favor"; o desamparo às famílias, estraçalhadas pela miséria, desemprego, migração forçada; pela instabilidade afetiva, pela gravidez de adolescentes, pelo alcoolismo e outras drogas...

O empobrecimento crescente da população não acontece por acaso. O Brasil se enriquece, porém a pobreza aumenta em número de pessoas e gravidade das situações. Quem já está inserido no sistema tem possibilidade de progredir, enquanto os demais são crescentemente sacrificados. Aos poucos, vai faltando até a esperança. A ausência de perspectivas exacerba a agressividade e leva a atitudes extremadas, de difícil retorno.

Há uma prisão muito sutil à qual, sem perceber, o mundo moderno vai se condenando. É lembrada por Bertolt Brecht, dramaturgo que viveu o período nazista da Alemanha:

A indiferença

*"Primeiro levaram os comunistas,
mas eu não me importei com isso.*

Eu não sou comunista.

*Em seguida levaram alguns operários,
mas não me importei com isso,
Eu também não era operário.*

*Depois prenderam os sindicalistas,
mas não me importei com isso.
Eu não sou sindicalista.*

*Depois agarraram os sacerdotes,
mas como não sou religioso,
também não me importei.*

*Agora estão me levando,
mas já é tarde."*

4. JULGAR

"Quem de vocês não tiver pecado, atire a primeira pedra" (Jo 8,7).

4.1. A realidade desafia a fraternidade

Depois que a violência passou a marcar as relações entre os seres humanos, em consequência de seu pecado, a vitória da fraternidade só se obtém através do *perdão*. "O perdão atesta que no mundo está presente o amor, bem mais poderoso do que o pecado", recorda João Paulo II em sua encíclica *Dives in misericordia*, 14.

O perdão não significa, em nenhum momento, complacência com o pecado. Como dizia Santo Agostinho, devemos amar o pecador e odiar o pecado. Não é fácil, sobretudo por que a realidade nos desafia com situações concretas e complexas. Por exemplo: como cuidar dos direitos dos condenados, considerando ao mesmo tempo o sofrimento e os direitos das vítimas? Onde fica o limite da justa reação humana diante de uma agressão?

As vítimas da violência criminal necessitam de toda atenção e apoio efetivo para superar danos e sofrimentos físicos, morais e espirituais. Cercadas de amor e com o auxílio da graça divina, podem chegar ao perdão que possibilita a reconciliação, liberta e produz a paz.

Quem viola princípios justos de convivência social, desrespeita a vida e os direitos do outro, deve ser punido. Porém, por maior que tenha sido o crime, *o autor continua sendo uma pessoa humana*. Além de ser punido e reparar, na medida do possível, o mal causado, o infrator deveria ter todas as condições de se reeducar, de se recuperar. Em geral, quem faz vítimas tem, ele próprio, um problema humano que precisa ser resolvido, uma necessidade imensa de reconciliar-se consigo mesmo, com os outros, com Deus.

O filme “Os últimos passos de um homem” (*“Dead man walking”*. USA, 1995), baseado em fatos reais, narra a saga de uma religiosa, Ir. Helen Prejean, junto a um condenado à morte pelo assassinato cruel de um casal de namorados, em Louisiana, EUA. Ela acompanha a trajetória psicológica e moral do condenado nesse doloroso processo de reconciliação, animando-o até o fim: “Você é um filho de Deus”! Os pais das vítimas sofrem o ódio e o desejo de vingança, situação diante da qual a Irmã experimenta sua impotência e a convicção que só misericórdia pode salvar.

4.2. O projeto de Deus e seus sinais

O texto-base procura mostrar a lenta evolução da consciência humana no tocante à violência e à vingança, em resposta à pedagogia divina que vai, por meio de intervenções concretas, revelando seu projeto de paz.

Javé vem libertar os hebreus do Egito não por que fossem justos e merecessem, mas porque estavam sofrendo, e o Senhor ouve o clamor daqueles que sofrem. Do mesmo modo interveio também pelos profetas, exigindo o direito e a justiça, pressupostos para a paz. Condenando os que erram, espera que descubram o caminho do bem: *“Terei eu prazer com a morte do*

malvado? — oráculo do Senhor Javé. Não desejo eu, antes, que ele mude de proceder e viva? Não sinto prazer com a morte de quem quer que seja” (Ez 18,23.32).

O perdão acompanha a história interminável de quedas e ofensas do povo ao seu Libertador. O maior sinal dessa misericórdia que nos salva é o próprio Jesus Cristo. Ele se entregou integralmente à sua missão redentora, como Bom Samaritano da humanidade.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19).

Impressiona muito o carinho de Jesus para com os considerados impuros, suspeitos de conduta irregular, mulheres marginalizadas. Sua reputação foi prejudicada por sua prática e ensinamentos espantosos, como a promessa de pecadoras públicas e publicanos entrarem no céu antes dos virtuosos sem compaixão (Mt 21,31).

Ao analisar o modo como Jesus perdoou, percebemos que o perdão abre caminhos para a conversão. Diante do amor gratuito e desinteressado é que as pessoas percebem a possibilidade de mudar. Talvez nem tivessem motivo para tentar uma recuperação, ou nem acreditassem que ainda fosse possível. Jesus prova que sim, até o último minuto: *“Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”* (Lc 23,43). Nada de discursos moralistas nem averiguação de possíveis méritos. O perdão é a resposta de Deus diante da violência, e a maior violência é matar a esperança.

Às vezes nos acostumamos à novidade do Evangelho e não ficamos mais nem ao menos intrigadas ao ouvir a parábola dos trabalhadores da última hora (Mt 20, 1-16)

nem desconcertadas com o capítulo 15 de Lucas. Trata-se de uma lógica completamente contrária ao senso comum. E mais: Jesus estabelece como critério para a nossa própria salvação a atitude que tivermos com os marginalizados (Mt 25), sem entrar no mérito de suas possíveis culpas ou méritos. Devem ser socorridos simplesmente porque precisam, nada mais. Há ainda o sermão da montanha, acrescido (em Mt 5) com a recomendação de atitudes que contrariam frontalmente todo desejo de vingança: orar pelos inimigos, ceder a capa a quem tirou a túnica, andar outros mil passos...

Para entrar nessa dinâmica de misericórdia e solidariedade, só mesmo a abertura à graça, que nos faz capazes de ouvir a Carta aos Hebreus: *“Lembrem-se dos presos como se vocês estivessem na prisão com eles. Lembrem-se dos que são torturados, pois vocês também têm um corpo (13,3).*

Jesus não apenas se lembrou, mas viveu pessoalmente tudo isso. Seu processo de condenação à morte foi uma coleção de violações dos direitos humanos. Ele nos liberta de todas as prisões e nos habilita a viver também a serviço da cura das feridas humanas, da recomposição da vida e da animação da esperança.

Há gente que faz isso no anonimato, superando o impulso de vingança e vencendo a violência pelo amor. Para ilustrar essa maravilha escondida, transcrevemos o depoimento do Pe. Luís Roberto Teixeira Di Lascio, sacerdote orionita que, em visita a um preso do Pavilhão 9 da Casa de Detenção do Carandiru — SP, presenciou uma cena da qual dá testemunho:

“...Observei que entrou uma senhora de seus 60 anos, simples, cabelo grisalho, rugas no rosto, andar calmo, meio curvada, semblante sereno, carregando uma sacola. Dirigiu-se até o banco onde estava sentado

um jovem de uns 25 anos. Ele a acolheu com carinho, e ela, com seus gestos de amor materno. Fiquei admirado como aquela mãe demonstrou o tempo todo carinho, acolhimento, alegria, como o seu olhar para o rapaz era de ternura e como ele se sentia alegre. No abraço que eles trocaram para se despedir, Deus estava presente. O preso que eu visitava percebeu que eu estava admirando aquela cena, e disse: — Sabe, Pe. Luís Roberto, aquela senhora não é a mãe dele, mas a mãe do rapaz que ele matou. Ela prometeu, no dia do enterro, que ela o perdoava, e como sinal deste perdão ela o acompanharia com muito amor e assistência enquanto ele estivesse na prisão.”

4.3. Critérios para a prática da justiça e da misericórdia.

Diante dos conflitos de idéias e opiniões provocados pela violência criminal, importa retomar os vínculos existentes entre o perdão e a justiça: *“Em nenhuma passagem do Evangelho o perdão, ou mesmo a misericórdia como sua fonte, significa indulgência para com o mal, o escândalo, a injúria causada, o ultraje feito”* (Dives in misericordia, 14). Mas nossa justiça não pode ser vingança ou simples cumprimento frio de leis, e sim uma justiça regeneradora: *“Se vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, não entrareis no Reino dos Céus”* (Mt 5, 20).

Alguns critérios básicos podem nos orientar:

- O primeiro é a sacralidade da vida humana, em todas as situações e em todos os aspectos, incluindo aí os direitos tanto de vítimas como de agressores.
- A impunidade é fator de insensibilização moral. A Justiça tem de ser imparcial e administrada a todos, sem exceção de

ninguém. A desmoralização dos caminhos legais nos condena a ser regidos pela “lei” do mais forte, injusta para os seres humanos.

- A gratuidade é forma privilegiada para derrotar o mal, e a compaixão a atitude humana e cristã diante de quem sofre, não importa se em consequência de seus próprios atos ou por delitos de outros.
- A relação entre os valores que uma sociedade cultiva e o maior e menor grau de violência que nela existe nos faz todos responsáveis. Assim, somos chamados a trabalhar com todas as pessoas de boa vontade para erradicar as causas e prevenir o mal.

5. AGIR

Mais do que ações passageiras após uma Campanha, nosso agir deve concretizar-se em atitudes duradouras. Quando, em 1995, refletimos sobre “A fraternidade e os excluídos”, consideramos que *“quem dá de comer ao faminto, veste o nu, visita o doente ou o preso, vai perceber que há muitas injustiças, exclusões, explorações, leis injustas e estruturas sociais que marginalizam. Por isso, essas obras não ficam em simples ações pontuais, fazem parte de um processo que visa criar a fraternidade dos amados de Deus”* (CF-95, Texto-base, n. 154).

5.1. O que pode ser feito

O primeiro passo é empenhar-se na *educação para a solidariedade*, para o bem comum, para a cidadania, que leve à superação dos preconceitos e discriminações. Neste sentido se pode fazer muitíssimo, a partir da própria comunidade eclesial. O Texto-base, para aguçar a nossa criatividade, sugere algumas pistas:

- Em nossas palestras, cursos, homilias, será que não repetimos o senso comum, reproduzindo imagens distorcidas sobre

os direitos humanos? Reconhecemos os legítimos direitos dos empobrecidos, ou as consequências da injustiça social são apenas o cenário de nossos discursos?

- Desenvolvemos, por exemplo, na ação catequética, uma leitura crítica da realidade, do consumismo, da tendência de tratar as pessoas diferenciadamente, segundo a classe social?
- Ajudamos as famílias, com jeito e inteligência, a viver mais sobriamente diante do excesso de bens de consumo, que funcionam como sinal de prestígio social?
- Protestamos quando o direito dos fracos é violado e nos solidarizamos nessas situações? Auxiliamos a organização de pessoas prejudicadas em seus direitos, de forma a favorecer seu protagonismo?
- Em nossas relações cotidianas, na família, na fraternidade religiosa, como construímos a paz? Se não muda a qualidade de nossas relações, as transformações sociais podem ser ilusórias, simples alternância de mandatários do mesmo poder desumanizante... *“Há uma verdadeira cultura da não violência que consiste em aprender a não reagir com violência a um ato violento. Libertar as pessoas da própria violência será um novo desafio, imprevisto, mas inevitável”* (J. Comblin, *Cristãos rumo ao século XXI*, p.340).

5.2. Política penal e penitenciária

Mesmo reconhecendo que a prisão é um mal e que queremos uma sociedade sem violência e sem prisões, há, de imediato, uma série de medidas na área da segurança pública, da justiça e da administração penitenciária que poderiam ser tomadas. Algumas são sugeridas no texto, dentre as quais a participação nos *conselhos da comunidade*, órgãos que devem existir em toda comarca para auxiliar na

execução das penas. É a sociedade civil repartindo com o Estado a tarefa da reinserção social dos condenados, sem eximilo, é claro, de suas responsabilidades constitucionais.

Para quem não atua diretamente nessa área, permanece o dever cívico de cobrar o cumprimento das leis. E ainda verificar, nas plataformas políticas de partidos e candidatos, que lugar nelas ocupam os direitos humanos e quais as propostas apresentadas para o sistema penitenciário, a reorganização policial, a reforma do judiciário e outras questões tão importantes à integridade das pessoas e à convivência social.

5.3. Sugestões para uma pastoral carcerária

É importante que se aproveite o tema da Campanha da Fraternidade para organizar equipes de pastoral carcerária onde quer que haja uma cadeia ou delegacia, além de articular melhor, em nível diocesano, regional e nacional, as equipes já existentes.

Trata-se de um tipo de pastoral que não deve ser feita por agentes isolados, e de preferência com grupos mistos, de homens e mulheres. O aval do bispo é necessário, pois haverá certamente situações de conflito e enfrentamento com funcionários e autoridades do sistema.

O trabalho pastoral nas prisões se faz em nome da Igreja, que assim cumpre sua missão profética, denunciando todo desrespeito à dignidade da pessoa humana e anunciando aos presos a boa nova do Reino. Assumindo a defesa incondicional da vida, inclui-se naturalmente o combate permanente a toda política de extermínio.

Os agentes de pastoral carcerária devem receber uma formação específica, além

de formação bíblico-teológica e acompanhamento espiritual. Ao visitar os presos, eles mesmos são visitados pelo Senhor e recebem por herança o Reino. "*Venham e vejam!*" (Jo 1,36).

6. CONCLUSÃO

Constatamos que a escolha de personagens concretos, como, no caso, os encarcerados, é uma boa maneira de evitar que a temática dos direitos civis seja tratada apenas teoricamente. O mesmo deveremos fazer com relação aos direitos sociais e econômicos, inserindo-nos no Projeto Rumo ao Novo Milênio e contribuindo para marcar a feição social do Jubileu, enfatizada pelo próprio Papa.

Na mesma direção se situa a 3ª Semana Social Brasileira, que tem por tema central: "*resgate das dívidas sociais: justiça e solidariedade na construção de uma sociedade democrática*". Em 1997, a prioridade são os eventos ou "semanas" em nível local (PRNM n. 128). A proposta é que cada Igreja, em parceria com outras confissões, com movimentos populares e entidades civis, configure concretamente as dívidas sociais daquela localidade e encamine mobilizações e compromissos em vistas de sua superação. Esse movimento se faz em articulação regional e nacional e em referência à questão da *dívida internacional, cuja "consistente redução, se não mesmo o perdão total"* (TMA n. 51) pode vir a ser um dos grandes frutos do Jubileu.

Há trabalho para todas, para todos! Nossa pequena contribuição será assumida por Jesus Cristo e servirá para efetivar a libertação de todas as prisões, a fim de que possamos gozar, irmanados com toda a criação, da gloriosa liberdade dos filhos de Deus.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A CF/97 “deseja despertar a sensibilidade e a solidariedade dos cristãos para com as vítimas da violência criminal e para com os presos, em vistas a superar preconceitos e injustiças”. Procure discernir em comunidade que atitudes e ações concretas vocês podem realizar, juntamente com outras comunidades e grupos, para colaborar na consecução desse objetivo.
2. A autora apresenta uma série de elementos e dados sobre a situação carcerária no Brasil, na parte do artigo que se ocupa do “VER”. Procure discutir em comunidade essas perguntas e perceber como tudo isso questiona a Vida Religiosa e sua Missão.
3. Ao visitar os presos, diz a autora, os agentes de pastoral carcerária são, eles mesmos visitados pelo Senhor e recebem por herança o Reino. Como esta frase é compreendida e experimentada na sua comunidade?

Quem rouba pouco é ladrão,
quem rouba muito é barão.
A impunidade dos grandes e
poderosos não escapa mais ao
povão que, talvez fique em
silêncio, mas não confia na
clássica cegueira da justiça.

No grande pátio do convento, o frade andava, terço na mão, para lá, para cá. A noite estava caindo, e a escuridão apoiava a tranquilidade da reza. De uma vez, no fim do corredor, três homens armados o cercaram. Um encostou logo o revólver embaixo do queixo do frade: cala a boca! Os dois outros apertavam-lhe as costas com suas armas. Queriam juntar a comunidade toda para arranjar dinheiro. Três horas de prisão com guarda armado na porta. O resto não interessa, pois de muitas casas de religiosos e famílias no Brasil podem-se contar variações do mesmo tema: assalto à mão armada.

Numa hora dessas, o que se passa na pessoa assaltada? Uma mistura de angústia, raiva, agressividade e sensação de impotência. Nos filmes, os machos salvam a mocinha das mãos dos bandidos que, "matados", depois das tomadas, levantam-se para receber seu salário. Mas na violência real, os mortos não fazem assim. Que fazer se bandido ou soldado lhe firmarem

uma arma? Ninguém é Kung-Fu. O jeito é obedecer e ficar entre tremer de medo e acumular raiva malcontida, que, no fundo, é a experiência de Caim: querer matar o atacante. Não é por nada que a versão popular da lei judaica do talião virou escudo da vontade de se vingar, revidar o ataque e matar. Três homens armados contra um sem arma para se defender? O jeito é atender e ficar quieto, mas o turbilhão por dentro não acalma.

O ENFOQUE ÉTICO OPCIONAL

Para entender a problemática ética dos presos, o método primário de aproximação não é olhar de fora, analisando as reações de vítimas com seus sentimentos de angústia, raiva, vingança, ódio, e exigências de justiça e castigo. Também não basta sair da sociedade organizada comum e seus anseios e direitos de paz, tranquilidade e proteção de vidas, posses e poderes e de segurança da ordem estabelecida, legitimada por leis e protegida pela polícia civil e militar. Sempre ainda, o povo trabalha muito com o coração e suas reações, dicas e inspirações, enquanto intelectuais invocam mais a racionalidade, normas e motivos. Mas um coração angustiado e agressivo não costuma ser bom conselheiro, e a pura razão manipula facilmente códigos, leis e legalidades que precisam ser observados e respeitados, ao menos da parte dos outros, sem olhar as reais condições das pessoas que cometeram um delito.

Combinando Levinas e Häring, o ângulo de aproximação será o outro, neste

caso, os presos em seu ambiente e condições reais. Não são as vítimas, lesadas em sua vida e direitos formais, nem a sociedade atormentada pela violência que têm a última palavra nesta questão. Também não são os crimes definidos no código penal ou as normas éticas objetivas ou penas determinadas por lei que interessam em primeiro lugar, embora entrem na reflexão tão bem quanto as aflições dos que foram lesados ou sofrem a perda de um parente próximo. Talvez exija uma forma de despojamento do cidadão correto, da sociedade livre, mas são os próprios encarcerados que formam aqui o ponto de saída da reflexão ética. Faz dois séculos, o marquês de Beccaria acusou o aspecto abominável dos xadrezes, seus métodos odiosos e o suplício insuportável para os infelizes, os presos¹. A situação deve ter melhorado. A focalização fica centrada nas pessoas mesmas: os presos no sistema carcerário que funciona na realidade atual. Se estão lá a título preventivo, de detenção simples, de reclusão ou de pena administrativa, não muda a característica principal, a privação de sua liberdade civil.

Em livros é interessante estudar as exposições do direito penal, do direito processual penal, do sistema penitenciário e as teorias, razões explicativas, sentidos da pena e diversidade de crimes, de circunstâncias agravantes e atenuantes. São uma prova clara do alto nível da chamada "cultura de bacharel" no bom sentido. Mas o Pequeno Polegar precisa de botas de sete léguas para pular das páginas dos livros para a dura realidade da vida nas prisões. O povo diz: na prática a teoria é outra. Na ética esbarra-se constantemente com o mesmo problema: a bela doutrina das virtudes e dos projetos de vida e a práxis

concreta histórica com suas sombras e deficiências profundas em que os filhos de Adão e Eva são centrais, pois eles têm a responsabilidade de fazer a verdade. Em seu abandono, fechados sobre si mesmos, são os encarcerados os verdadeiros agentes éticos, seres humanos que precisam se realizar e, na perspectiva cristã, se salvar com a graça e misericórdia de Deus. Outros não podem fazer a caminhada que eles não de fazer.

Escrever ou ler sobre essa opção é tarefa leve de algumas linhas. Na prática, o método de se situar como ouvinte diante do outro e no lugar do outro em sua alteridade, quase entrando na pele dele, no coração dele, é tanto mais difícil quanto maiores são a diferença e a distância que há entre os dois. Empatia, certa correspondência e proximidade para com o outro são mais complicadas do que ligar seu rádio. Dostoievski, Soljenitsin, Charrière, Graciliano Ramos², muitas histórias dos campos de concentração nazistas, como o próprio Texto-base da Campanha da Fraternidade – 1997 (abreviado CF com número) ajudam a fazer os primeiros passos dentro deste outro mundo fechado que é o espaço vital dos encarcerados. A distância fica e a estranheza diante desses feridos da vida e cortados em sua liberdade permeará a reflexão toda.

PRESOS E SEU HABITAT (CF 33-188)

O povo pobre criou no passado mitos de coragem, bravura e astúcia, de admiração pela generosidade de certos bandidos tipo Robin Hood ou sentiu medo de suas vinganças. No Brasil a mais famosa talvez

¹ Cesare Beccaria, *Dos delitos e das penas*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s. d. 2f. Original de 1764.

² Dostoievski, *Crime e castigo*; Soljenitsin, *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, e: *Arquipélago Gulag*; H. Carrière, *Papillon*; Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*.

seja a saga de Lampião, que jurou vingar-se contra todos e só respeitava o Padim Ciço, mais ninguém³. No mundo moderno urbano, os bandidos estimulam pouco a imaginação folclórica, mas fomentam tanto mais o medo e a insegurança do povo sob a pressão das violências urbanas e rurais que estão aumentando. Suas façanhas como líderes de gangues ficam no máximo dois dias no noticiário por causa de uma fuga espetacular de helicóptero, das mordomias de um rei do jogo de bicho ou da calma saída pela porta principal da prisão com carro esperando. Rebeliões com reféns ou terminadas em banho de sangue, como foi em Carandiru, ocupam os meios sociais de comunicação por mais tempo, mais pouco se firmam memória coletiva e desaparecem no rápido fluxo das novidades de cada dia.

Para com os encarcerados, a separação entre eles e o mundo social comum é tão grande que quase desaparecem do interesse ou curiosidade do grande público. De verdade, é um outro mundo em que os presos vivem ou vegetam. De fato, o sistema carcerário é produto da sociedade global e até certo ponto a reproduz, mas é separado e isolado dela, de modo que os presos são mais banidos do que bandidos. Muito antes do modismo da globalização, os encarcerados foram globalizados, foram uma categoria global, mesmo se não são uniformizados e reduzidos a números, como era nos campos de concentração nazistas. Deixando de lado a percentagem mui limitada de colarinhos brancos e privilegiados, a grande massa dos presos é marcada, no dizer de um juiz de direito, por três pés: pobres, pretos, putas, que estão atrás das grades para pagar pelos crimes e dar sossego aos cidadãos corretos. Como

eles vivem ou tentam viver, preocupa muito suas famílias, mas fala pouco à imaginação ou sensibilidade do povo em geral.

Além de ser um espaço existencial trancado, a prisão é uma instituição total que absorve e regula completamente a vida de um grupo de pessoas, chamadas presos, separando-as por muros altos, guardas armados, torres de vigia, grades e fechaduras do mundo e vida normais. Conforme seus processos penais, eles ficam como guardados e isolados durante meses, anos ou a vida toda. A própria construção física e a organização interna simbolizam o fechamento e a separação da comum sociedade dos mortais⁴. Retirada da circulação normal, sua população, processada e condenada ou não, está presa e confinada em uma ilha social, onde a "vida" é disciplinada com rigor de regulamentos especiais e horários rígidos, ao menos para a grande maioria.

Nesses "internatos" vigiados e controlados por todos os lados geralmente há pouca oportunidade de trabalho produtivo ou estudos de profissionalização. Mais uma vez a ociosidade se torna o travesseiro do diabo, como os antigos monges já sabiam. Nas celas comuns, muitas vezes superlotadas, a permanência diária causa muito aborrecimento, discussão e briga. Geralmente jovens, os presos são como corpos solitários, encostados em outros corpos solitários, quase sem distração ou prazer em armazéns de gente humana. Da pressão psíquica das celas solitárias é difícil fazer-se uma imagem realista. "Sem nome, sem profissão e sem ver a família, tendo na violência a maneira de sobreviver entre os homens"⁵. E a violência já escreveu uma longa história no Brasil e a expressão popular "o pau comeu" não é de hoje só. O

³ E. J. Hobsbawn, *Bandidos*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1975, 22, 54-58, 89-92.

⁴ E. Goffman, *Manicômios, prisões e conventos*, São Paulo, Perspectiva, 1992, ed. 4, 16ss.

⁵ William da Silva Lima, *Quatrocentos contra um*, Petrópolis - Rio de Janeiro, Vozes - ISER, 1991, ed. 2, 16.

artigo 5 da Declaração dos Direitos Humanos é idealista e paciente: "Ninguém será submetido a torturas, penalidades ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes". Nas prisões, porém, torturas, pancadarias e arbitrariedades são mais do que sadismo particular; são como institucionais. Com fina ironia, William da Silva Lima, experimentado nestas coisas, observa: "A privação da liberdade é só o começo do que se assiste depois"⁶.

Mesmo sem uniformes, os encarcerados são despersonificados de todas as maneiras. Viram bichos, às vezes bichas, que querem sobreviver, fechados no mesmo espaço e dentro do mesmo regime, sem liberdade ou opção. Sempre juntos, vivem, comem, tomam sol, com o mesmo grupinho de homens, sem cantinho próprio e sem privacidade. Até as visitas são na mesma sala do presídio com hora marcada e guardas por perto; cartas são censuradas e revistas controladas; qualquer pacote ou presente, os guardas estão em cima. Assim mesmo, ficam ainda um pouco seres humanos, porque inventam sistemas de comunicação, enganam e subornam os funcionários, arranjam drogas, armas, tentam fugir, escavam corredores subterrâneos, organizam revoltas, prendem reféns. Fora dessas iniciativas, a vida carcerária representa um conjunto de condições monótonas que desconstroem as pessoas que, massacradas, são capazes de tudo, até matar colegas por vingança ou para pressionar as autoridades. Para a sociedade e o regime carcerário, os presos são reduzidos ao seu crime ou seus crimes, assaltantes, homicidas, traficantes. O resto de suas pessoas deixa de existir.

Excaixados e imobilizados, os presos não de restaurar o senso de segurança das vidas e propriedades da sociedade livre,

amedrontada pelas muitas formas de violência contra pessoas e bens. Talvez aceitem sua exclusão como castigo merecido, talvez sintam ódio, mas acabou sua vida normal no mundo aberto. Não há mais liberdade, pois estão impossibilitados de andar por onde quiserem e procurar a quem ou o que quiserem. Seu espaço vital é reduzido a uns metros quadrados cercados e controlados. Especialmente para presos de mais tempo, uma vez libertados, a alienação se vinga. No mundo fora, enfrentam dificuldades sérias para se reorientar, readaptar e encontrar emprego, porque foram obrigados a viver numa contracultura e anti-sociedade, intituladas sistema carcerário. Exilados da sociedade, foram enterrados vivos e perderam a capacidade e a oportunidade de serem cidadãos e se defenderem na vida normal conforme o padrão correto dominante da sociedade.

Nas revoltas e motins das cadeias, manifesta-se como o próprio sistema carcerário condiciona as tensões explosivas: superlotação, falta de higiene, alimentação precária, ociosidade, frustração sexual, promiscuidade, arbitrariedades da direção, perigo de vida por causa dos conflitos internos entre presos ou presos e guardas. Enquanto no zoológico moderno animais selvagens ganham cada vez mais espaço sem grades, vivendo até em família, os "animais racionais" presos vegetam em gaiolas, às vezes sem lugar para todos deitarem, e vivem todos os dias com os mesmos homens, sem poder evitar ninguém e sem vida doméstica, familiar. Entram as preocupações com a mãe, a mulher, os filhos e os sofrimentos por apertos financeiros, mais ainda pela vergonha que passam diante de seus vizinhos e colegas de escola e de emprego. A legitimação tradicional da condenação e da pena é repetição de manuais do direito, mas não é capaz de

⁶ William da Silva Lima, op.cit., 71.

encobrir o que é a vida sofrida e revoltante da maioria dos presos na realidade.

Erving Goffman introduz o termo de morte civil, em contraste com as descrições idealistas da cidadania ética e legal⁷. Sob o manto da reeducação, os presos perdem muitos direitos corriqueiros humanos de se locomover, ter sua vida familiar caseira, fazer compras, freqüentar o bar da esquina, encontrar amigos, trabalhar, fazer negócios, viajar, dar sua opinião... Enquadrados no regime carcerário, sofrem violência por parte da polícia, com processos atrasados e todo o impacto anti-humano da superlotação dos presídios. Cerceados em suas liberdades anteriores à prisão, os presos entram na correnteza da decomposição de sua personalidade já formada, talvez não tanto pelo "ritual da entrada" da captura, interrogatórios, policiais, delegados, processo, condenação, o cerco dos jornalistas e fotógrafos, mas pela própria maneira de conviver e ser tratado na realidade opressiva duradoura do sistema presidiário.

Na realidade, presos não são simples categoria verbal, mas pessoas de carne e osso, individualmente, cada um com sua história particular desde os primeiros passos em seu ambiente de origem e entrada no crime, prisão e condenação até as esperanças que restam de uma vida normal na sociedade livre. O processo da individualização de um preso é sempre condicionado pela sociedade em que viveu e viverá depois de ter cumprido a pena, se tudo correr bem. No entanto, apesar do intercâmbio contínuo entre pessoas e sociedade, para o preso essa relação se desenvolve dentro da lógica do *apartheid*, como diagnosticou

Rubens César Fernandes⁸. Pois a prisão separa o cidadão preso da sociedade dos cidadãos livres que ignoram ou esquecem, como e sob quais influências sociais desfavoráveis o preso chegou a ser qualificado de criminoso. Assustados, angustiados, obrigam-no a uma vida fora da circulação comum e condenam-no a uma existência a-social de exclusão. Os marginais são marginalizados, às vezes até a morte os violentar. O fim da pessoa presa, então é uma cova rasa, uma cruzinha com um número.

Falta de ocupação e de contatos normais com a sociedade, isolamento em um espaço fechado e rotina rígida do esquema carcerário mudam a noção, a vivência do tempo nos presos⁹. Especialmente para penalizados com penas prolongadas, o tempo se torna indefinido, como se a vida tivesse a monotonia mortal de um boi rondando em moinho de cana. O ritmo agitado da vida que levaram antes da prisão é reduzido a um tempo lento e quase parado, sem diversão ou distração. Na convivência com os outros, o passado próprio de cada um tende a desvanecer, ficando o fato que todos são presos, submetidos a um estatuto igualitário. O futuro se perde na neblina de quantos anos ainda, sem novidades, num eterno retorno de horas e dias. O que vale é o presente e sua exploração imediata, resto triste do clássico ideal do "carpe diem", aproveite o dia. Como a esperança fica viva além da visita prometida, um prazer sexual fugitivo, um suborno, um plano de fuga para impedir a deteriorização da pessoa do preso na lenta passagem do tempo? E a vivência do tempo é fator importante na formação da conduta de qualquer pessoa.

⁷ E. Goffman, op.cit., 25.

⁸ No prefácio do livro de William da Silva Lima.

⁹ S. Cohen e L. Taylor, "Time and deterioration", em: H. Brown e R. Stevens, *Social behaviour and experience*, London, Hodder and Stoughton, 1975, 349-362.

UMA MORAL DE PRESOS

Uma das desgraças que caem por cima de presos é que pela sociedade ficam identificados com seu crime e levam a marca de presidiários, mesmo se as duas letras de ex- são acrescentadas, pela vida toda. Por causa de serem reduzidos ao que a justiça penal chama crime e a norma cristã pecado mortal, a moral deles é considerada pela opinião pública apenas negativa e ausente. São maus, amorais ou imorais; não têm moral, sua vida não tem valor humano, é inútil e prejudicial. Os gastos com eles é jogar dinheiro fora. Agressiva, a sociedade ameaçada reage com repressão, exclusão e até extermínio. Bandido bom é bandido morto, enterrado em vala comum.

Na mistura de tipos de criminosos, grandes e pequenos, presos juntos nas mesmas celas e galerias, o senso moral sofre, mas não desaparece. Que homens entre si, geralmente jovens, sem mulher, sem família, sem liberdade, constantemente encarando uns aos outros ou totalmente isolados, cheguem a abusos sexuais talvez ofenda ouvidos devotos, mas é humanamente difícil de evitar. O anormal se torna normal por necessidade circunstancial. A consequência é outra anomalia, o índice excepcionalmente alto de DST e AIDS (CF 76). Contudo, as brigas e ameaças de morte entre os presos mostram, que nem tudo o que é feito ou exigido por um é aceito pelo outro. Fica algo de honra, altivez e autodefesa da vida. Por que acontece várias vezes que um estuprador-homicida de criança ou adolescente é linchado pelos seus companheiros de cela? Contra tal crime há justiça pelas próprias mãos. Execução no presídio, anuncia o jornal mais uma vez.

As muitas violências e privações que os presos sofrem em cadeias superlotadas ou celas solitárias criam um clima moral que faz lembrar certas experiências da segunda guerra mundial. Nas condições desumanas desta guerra, necessidade e clandes-

tinidade produziram problemas éticos de emergência, de fronteira, que davam dor de cabeça aos moralistas. Para com o inimigo, os termos roubar, matar, mentir, prejudicar foram trocados por outros novos que implicitamente significavam algo de licença ou ao menos tolerância da parte do povo oprimido. Força da resistência julgavam seus próprios companheiros traidores que puseram a vida dos outros em perigo de morte. Ao lado da moral tranqüila estabelecida dentro da moldura da boa ordem, uma moral de sobrevivência era praticada conforme o princípio da guerra: ou eu ou você, como única opção. Era uma moral de salve-se quem puder para escapar ao terror nazista. Exemplos de admirável coragem para salvar perseguidos e fugitivos, judeus, pilotos, não faltavam.

Para os teólogos da sociedade civil livre, a prisão é uma instituição legal de recuperar e reintegrar seus presos que perturbaram a ordem e tranqüilidade dos cidadãos corretos. Que ao contrário, a impressão se firmou de que seja mais uma escola do crime trouxe mais insegurança e agressividade e motivou grupos de extermínio, justiceiros e esquadrões da morte. Da parte dos presos, a visão é diferente. Para não cair no apagamento psíquico, fatalismo resignado ou até loucura, o jeito é cultivar a liberdade, enquanto possível, defender sua vida e aproveitar seu tempo a fim de aprender algo mais para o futuro que os espera na realidade: enfrentar a rejeição social.

O que encarcerados podem comunicar e aprender senão as experiências de vida dos companheiros com os quais convivem 24 horas por dia no mesmo espaço? Nasce simpatias e amizades, criam-se planos para o futuro e desenvolvem-se métodos de enganar os guardas ou suborná-los e fugir com os mais corajosos. Também aqui a esperança é a última que morre. A história do Comando Vermelho é bem

ilustrativa. Seu autor sabia perfeitamente, que a opção que lhe restava e resta aos presos ou é lutar pela liberdade e sobrevivência ou apodrecer¹⁰. Entre presos políticos do nazismo, os ânimos se recuperavam, às vezes, na base de discussões sobre a nova sociedade, direitos humanos, a utopia da liberdade. No ambiente das prisões, o assunto é a própria vida, protestos contra os maus-tratos, vingança contra a crueldade do sistema e escavar um túnel ou descobrir um caminho pelo esgoto para escapar e enfrentar o perigo de vida de um fugitivo da polícia. Fazer o que numa sociedade inimiga que o joga fora como se fosse lixo não reciclável?

Contra a evidente dupla moral social que repercute profundamente na composição da população carcerária, a justiça e os direitos humanos, bandeira de luta pela emancipação tão precária dos pobres, penetram progressivamente na consciência coletiva do povo-povão. Quem rouba pouco é ladrão, quem rouba muito é barão, é uma velha sabedoria popular que acerta em cheio até hoje. A impunidade dos grandes e poderosos que sempre saem de consciência tranqüila e de dever cumprido não escapa mais ao povão que talvez fique em silêncio, mas não confia na clássica cegueira da justiça (CF 132-135). Os crimes dos pobres costumam ser simples, e seus processos não são pilhas e mais pilhas de pastas com provas e pareceres. Muitas vezes nem podem pagar advogado para defender sua causa. Talvez reconheçam seu erro ou culpa, mas não entendem nem aceitam em seu coração, porque têm de apagar tanto, enquanto os outros de cima escapam.

Uma vez presos pela polícia, pobres se perdem facilmente no labirinto de delegacias, interrogatórios, celas, maus tratos, advogados, processos, audiências com o

juiz, sentenças, transferências, punições e arbitrariedades que não entendem. Sentem-se manipulados, injustiçados e abandonados sem recurso. Pobre não tem vez, mas a emergência de seu senso sofrido de justiça fortalece-lhe uma qualidade típica: pode parecer "humilde", mas é cabeça dura que não leva desaforo para casa, não esquece seus inimigos e responde violência com violência para defender sua honra de homem, mesmo se lhe custar a vida. Do outro lado, dividir o pouco que tem com um companheiro, com outro preso que precisa não é problema. Também entre os pobres presos, desgraçados e mal tratados, crescem laços de camaradagem e solidariedade que deixam nascer e garantem um código informal de honra, proteção mútua e respeito entre eles.

No cinema, o público vê com prazer as tentativas de fuga de um grupo de oficiais aliados, presos num antigo castelo na Alemanha ou vibra com as violências de policiais e bandidos, sem jamais se lembrar da vontade de fugir e das violências que marcam a vida da população encarcerada, de alta periculosidade ou ladrão de galinha, em cadeias de segurança máxima ou de delegacia no interior. Até há juiz que liga com exclusividade crime e castigo conforme o Código Penal número tal, sem olhar a pessoa do criminoso em sua particularidade histórica. O povo sabe dessas coisas: para os amigos todos os favores; para os inimigos, a dureza da lei.

No entanto, o que mais movimenta a vida dos presos é a vontade de se libertar de toda opressão da cadeia e ser livre de novo. Talvez esse profundo valor dinâmico do ser humano lhes dê energia para agüentar o sistema carcerário real, procurar regimes legais que lhes dão maior liberdade e esperar o fim do tempo da condenação. Talvez leve-os a planos arrisca-

¹⁰ William da Silva Lima, op. cit., 33, 37-104.

dos de fuga ou rebelião em massa. Por trás de todas essas variações, funciona a força da liberdade que pressiona mais à medida que ficar mais apertada, oprimida e violentada por outros. Quanto mais violenta for a repressão, tanto mais explosiva e vingativa tornar-se-á a libertação dos oprimidos pelas suas próprias mãos.

De fato, a sociedade correta histórica impõe um regime de exclusão, castigo e violência aos cidadãos, especialmente aos pobres, que lesaram sua ordem hierárquica institucionalizada. Mas nenhuma lei penal ou condenação humana pode extinguir a fundamental liberdade humana. Vida e liberdade estão intimamente interligadas também em encarcerados. Em épocas de crescente violência social, sempre de novo a proposta de reintroduzir a pena de morte, embora as provas aduzidas não sejam mais do que uma racionalização da prática bárbara de autodefesa do poder no passado. Seria mais sincero a sociedade correta analisar e corrigir suas injustiças, desigualdades e abusos de poder internos, campo em que germina constantemente a ciranda da violência e morte. Humanistas do século XVIII já defenderam, que a pena de morte não se apóia em nenhum direito¹¹. E o Evangelho?

RELIGIOSOS E O EVANGELHO

Conforme o Ministério da Justiça (CF 126), entre os presos no Brasil 96,31% são homens dos quais quase a metade são ladrões e assaltantes, contra 3,69% de mulheres. Os números da vida consagrada apresentam o inverso. A grande maioria são religiosas (3,4 v.1), enquanto os religiosos homens são a minoria de que 2/3 são sacerdotes ligados geralmente à pasto-

ral paroquial. Estes dois subgrupos, os presos e os religiosos, vivem na mesma sociedade, na mesma cultura, no mesmo espaço ecológico, mas não costumam se encontrar. Francisco de Assis experimentou a vida no cárcere medieval de Perúgia, correu atrás dos ladrões, porque não tinha entregado todas as moedas que levava consigo no momento e converteu o Lobo de Gúbio, provavelmente o apelido de um cavaleiro-assaltante da região. Mas os religiosos de hoje, qual é o serviço que vão prestar aos presos?

Da vida consagrada, o eixo central é Jesus e seu Evangelho, comunicação entre o mistério trinitário de Deus e a humanidade e orientação inspiradora básica para religiosos formarem sua caminhada convivencial no habitat da terra. Em redor deste eixo, a história da cultura, da teologia e do direito canônico tradicionalmente ocidentais tem criado tanto efeito, que o total parece uma árvore de Natal tão cheia de guirlandas, bolas coloridas, luzinhas elétricas e presentes, que a verdadeira fonte da vida consagrada arrisca ficar escondida. Seja o risco real ou imaginário, a promessa de Jesus o ultrapassa. Ele continua enviando o Espírito Santo para estabelecer a culpabilidade do mundo e conduzir as pessoas juntas à plena verdade (Jo 16, 7-13).

Na sociedade moderna, o direito civil e penal se movimenta na esfera da secularização a-religiosa, a racionalidade, o pragmatismo político partidário e a pluralidade cultural e atitudinal da sociedade. A realidade do sistema carcerário presente é mistura de boa vontade e esforço sincero e de fraqueza e maldade humanas, em favor e em prejuízo dos presos. A teoria gira em redor dos direitos humanos e a justiça, sejam quais forem suas interpretações e aplicações diversas; a práxis inclui as som-

¹¹ C. Beccaria, 91-102.

bras da violação e injustiça que são produzidas pela responsabilidade, melhor irresponsabilidade humana no sistema carcerário existente e na sociedade toda que não estão de mãos limpas. A pena é punitiva, mas sobretudo recuperativa na teoria do direito penal. O efeito real em geral é outro.

Por causa da distância entre teoria e prática, a condenação do criminoso a tantos anos de prisão é mais do que um pronunciamento "inocente" e legal, porque a consequência inevitável é a vida carcerária que de fato funciona com sua violência e degradação da dignidade humana. No papel, a pena dada é justificada legalmente pela culpa do condenado e lesão do bem comum, para a restauração da ordem social, a recompensa dos danos causados e a satisfação da justiça às vítimas e seus parentes. Entretanto, a sociedade e suas representações legais não estão simplesmente na frente do concidadão criminoso; desempenham seu papel condicionante e participativo na formação histórica dele e na maneira de ele ser tratado na prisão. Mesmo se fosse perfeito o sistema da reclusão, ainda fica o problema da justificação do mesmo, embora seja uma herança tradicional, ao menos teoricamente bastante tranqüila¹². A psiquiatria começou a discutir seriamente a abolição do sistema de seus institutos de isolamento. Quando começará a discussão sobre os fundamentos do sistema penitenciário?

A vida consagrada obriga a mudar de canal e perguntar, como Jesus se comportou, enquanto os evangelhos comunicam (CF 220-253). Revelador da verdadeira justiça de Deus que decide o futuro de

todos os mortais, não continuou a tradição de seu povo que mitigava o espírito de vingança pela lei de talião. A palavra e atitude típica de Jesus são de reconciliação e perdão, ultrapassando a imagem judaica de Deus. Seja o ofendido ou o ofensor, a primeira tarefa é de reconciliar-se com seu irmão, perdoar o inimigo, não resistir ao homem mau, oferecer a outra face (Mt 5, 24s. 39. 44). Na parábola do filho pródigo, o pai faz festa na hora; nem quer saber o que ele tinha arrumado lá fora (Lc 15, 11-32). O bom pastor deixa suas 99 ovelhas, para procurar a única que se perdeu (Mt 18,12). Na sinagoga de Nazaré Jesus mesmo confirma a profecia de que foi enviado para proclamar a remissão dos presos e libertar os cativos (Lc 4, 18 s.). Interessante a conversão, a volta do pecador; a culpa que leva some na misericórdia de Deus libertador, compassivo de todos os peregrinos. Condenado, Jesus assume sua morte injusta e ainda pede perdão ao Pai por aqueles que não sabem o que fazem (Lc 23,34).

Como Jesus tomou a sério a graça e a exigência da reconciliação e do perdão, mostra a oração que o evangelho guardou e o povo de Deus repete: perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido (Mt 6,12). Bem-aventurados são os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia (Mt 5,7). Atrás desta graça-missão de perdão e de paz está o lado negativo, preparativo da solidariedade do pecado com que Jesus desafiou seu público: quem estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra no outro (cf Jo 8,7). Para com a mulher adúltera, uma criminosa (seu companheiro evidentemente não foi

¹² Fr. Compagnoni, "Ordine morale e ordinamento giuridico nello Stato pluralista", em: AA. VV., *Ordine morale e ordine giuridico*, Bologna, Dehoniana, 1985, 207-219; K. Luederssen, "Vergeltung und Sühne vor dem Forum der christlichen Ethik", em: AA. VV., *Christentum, Säkularisation und modernes Recht*, Baden-Baden, 1981, 1261-1271; E. Hamel, "La miséricorde, une sorte de justice supérieure?" em: AA. VV., *In libertatem vocati estis*, Roma, 1977, 585-598; K. T. Kelly, *New directions in moral theology*, London, Chapman, 1993, ed. 2, 118-137.

apresentado), a palavra de Jesus foi: nem eu te condeno: vai e de agora em diante não peques mais (Jo 8,11). O criminoso ladrão ficou feliz, pois ouviu de Jesus, condenado e crucificado com ele: Hoje estarás comigo no paraíso (Lc 23,43). Jesus não conhece o castigo de Deus que muitos cristãos ainda descobrem atrás de calamidades, desastres e mortes repentinas. Sua exigência aos discípulos é perdoar. Perdoar setenta vezes sete, Pedro (Mt 18, 22.33.35).

Já cedo na história da Igreja, a radicalidade exigente do perdão perdeu sua força sócio-política, especialmente sob a influência do sistema jurídico do império romano. O cidadão romano, Paulo de Tarso, que conhecia seus direitos e apelou para César, idealizou a autoridade civil constituída, identificando-a com a ordem estabelecida por Deus (AA 24 e 25; Rm 13, 1-7). Assumindo o conceito romano da justiça eqüitativa, os Padres antigos abrandaram apenas seu rigor, como Cipriano definiu: a eqüidade é a justiça temperada pela doçura da misericórdia¹³. Quanto mais o cristianismo se divulga pelo Ocidente, tanto mais "combina" o evangelho com as culturas romanas, depois germânica, justificando o aparelho jurídico carcerário, até as torturas e pena de morte de práxis na época, na base da especulação jurídica pós-evangélica da lei natural ou racionalidade. Somente no Concílio Vaticano II, de modo delicado, os Padres reconheceram, que restou pouca Bíblia na teologia moral que trata tradicionalmente de tais assuntos do mundo (OT 16).

O perdão sem castigo é o privilégio exigente que a gratuidade de Deus oferece às suas criaturas e filhos racionais na terra. Na travessia a compaixão, a misericórdia e o perdão libertador dominam. Somente

depois da morte corporal realizar-se-á o julgamento de Deus que medirá cada um conforme a medida que aplicou aos outros terrestres (Mt 7, 25; 25, 31-46). Enquanto a justiça humana do sistema carcerário lembra o paradoxo curioso do clássico adágio: suma justiça, suma injúria, a pedagogia de Jesus para com os que erraram o caminho é mostrar-lhes o caminho verdadeiro e animá-los a segui-lo, em vez de deixá-los entregues à própria sorte, como o sacerdote e a levita fizeram na parábola do bom samaritano (Lc 25-37). Na legislação atual do Brasil algo do bom samaritano está de volta, obrigando quem provoca o desastre a prestar socorro às vítimas. Será, que aqui está esgotada toda a inspiração contida na parábola e no exemplo de Jesus? O cristianismo levou 18 séculos para abolir a escravidão em nome do Evangelho. Quanto tempo levará para salgar, fermentar e iluminar o sistema penitenciário em sua facticidade atual?

Que os encarcerados merecem castigo e servem de bodes expiatórios de seus próprios crimes e iniquidades contra a sociedade, talvez se enquadre bem na mentalidade do Antigo Testamento. Na pessoa de Jesus, porém, manifesta-se um Deus que se aniquila para ser igual à toda criação, feita de barro, e assume a condição humana (Fl 2, 7). Compassivo e solidário, ele se identifica com os que não têm nada nem lugar e sofrem violência, maus tratos, doença e abandono. Sua opção preferencial pelos pobres não obriga seus discípulos a incluir também os presos pobres e sua vida, tantas vezes subumana, na reflexão e na práxis do amor, perdão e paz? Será, que na tranquilidade comum diante da situação carcerária real e sua racionalização não se esconde um pedaço do mundo do pecado dentro da moral cristã tradicional? Se Deus encerrou todos na desobediência para a

¹³ E. Hamel, 585.

todos fazer misericórdia (Rm 11, 32), não deviam ser incluídos também os presos que desobedeceram à ordem social estabelecida, mas não encontram misericórdia?

UMA CAMINHADA DE OBSTÁCULOS

O caminho de pensar, planejar e agir para melhorar a situação dos presos é mais estreito e apertado do que ter compaixão e formar uma equipe de pastoral carcerária, embora seja um ótimo serviço local. Para com o panorama global, impedimentos e embaraços não faltam:

1. A distância sociocultural. Com raras exceções, os presos são pobres, de pouca instrução escolar e sofrem violências, privações e falta de espaço para viver. Os religiosos desenvolvem sua maneira de observar a pobreza. Em geral têm boa escolaridade, primeiro grau, segundo grau, até estudos universitários e cursos superiores de filosofia e teologia, e sua formação religiosa é sistematicamente continuada. No largo espaço social livre, eles têm garantia de emprego, sustento, alimentação, casa confortável, férias, viagens, assistência médica e dentária sem muito problema. Participam da sociedade livre e de seus meios comuns de comunicação que registram e divulgam uma imagem de medo e insegurança coletiva dos cidadãos corretos, ao lado da imagem negativa, degradante, bandidos presos que mais do que merecem ser castigados e retirados da circulação normal dos "bons". E esta carga emocional de pavor e vingança é altamente contagiosa, pois as histórias de crimes circulam por todos os lados. Em muitas casas de religiosos não faltam grades e cachorros contra ladrões.

Além disso, para religiosos, protegidos e assegurados em toda a sua formação não é simples entender uma juventude pobre

que não tem futuro garantido e ilustra constantemente, porque não alcança o nível de consumo no circuito das drogas. Diante da vida dura e incerta destes jovens, a vida dos religiosos é cômoda. Aproveitando do Estatuto da Criança e do Adolescente, os chefes do tráfico de drogas recrutam suas "mulas", entregadores e dependentes, entre jovens pobres, atraídos pelo enriquecimento aparentemente fácil. Além da dependência, sua sorte pára muitas vezes na violência da prisão ou na morte matada. Álcool e "beber socialmente" podem entrar na vida dos religiosos; drogas e dependência ao máximo como remédios. Classe privilegiada, também no sentido social, vive longe da mistura de pobreza, pequenos furtos e drogas, que produz um número crescente de jovens pobres presos de futuro cego.

2. Apenas um detalhe escondido. Os presos pertencem aos milhões de pobres que compõem a sociedade brasileira, sem renda suficiente, desempregados, mal-tratados, mal-alimentados, meio analfabetos, praticamente sem recursos. Vivendo nesta realidade de pobreza e miséria, de tantas famílias necessitadas e marginalizadas, muitos se acostumam nem se comovem mais ou se consolam com uma esperança a longo prazo. Neste quadro vivencial global, os presos ficam quase invisíveis; recebem o que merecem. Obras sociais particulares são difíceis, porque dependem em geral da generosidade do público e de verbas que atrasam. Nem são capazes de resolver o problema social nem atingem suas raízes.

Um desfecho eficiente está na linha de uma política social firme de distribuir a renda e os meios de produção, de estender os serviços da saúde pública e o acesso à escola e à profissionalização, de tornar os direitos da cidadania democrática realidade para todos e de submeter a economia de mercado à solução responsável das gri-

94
c
i
l
i
a
r
a
tantes desigualdades de que os pobres são as vítimas¹⁴. Diante do gigantismo desta tarefa política, os problemas carcerários arriscam se encolher tanto que somem atrás do horizonte. Os religiosos tem tanta coisa a fazer. Ficam os presos e suas famílias apenas um detalhe nebuloso na realidade social global ou formam sua expressão mais extrema? (veja CF 123).

3. No papel da vítima. Religiosos estão do lado das vítimas da violência de criminosos, com toda a gama de reações humanas comuns. Para com o susto que levaram, os danos materiais que sofreram e a bagunça que encontraram depois em seus quartos não terão muita dificuldade. Um aviso às casas dos confrades, irmãs para estarem prevenidos, mais grades e portões trancados não custam muito. O mal é, que a experiência pessoal, local atrai e como concretiza toda a esfera de violência que vive na opinião pública, alimentada e fortificada por reportagens sensacionalistas de certa imprensa e programas de TV. Sempre de novo, esta ampliação emocional ressuscita as nuvens de angústia, insegurança, ódio e vingança que ficam escondidas nas cavernas subterrâneas da existência humana pessoal e coletiva, como se fosse uma bomba de efeito retardado. Violência provoca violência em resposta, mesmo se por agora é apenas agressividade verbal ou indignação moral com fundo de vingança.

Depois da segunda guerra mundial, o famoso processo de Nurenberg contra os líderes nazistas foi um ato solene de justiça que, assim mesmo, levou a suspeita de ter sido a justiça dos vencedores. Nem de longe resolveu os traumas, perdas, destruições que quatro anos de guerra acumularam. Como é a situação agora na ex-Jugoslávia ou na África central? Violências costumam ferir, machucar e martiri-

zar as vítimas e suas famílias, criando uma esfera de fobia, agressividade e desconfiança social, que se irrita com discursos sobre direitos dos inimigos, dos criminosos que estão presos agora na cadeia.

“Exigimos justiça” parece justo, mas pode ser também um grito demasiadamente humano, como se pudesse haver justiça para um, a vítima, sem justiça para o outro, o bandido, ladrão, homicida. Direitos humanos em sua aplicação não são monopólio das vítimas, mas são igualmente a medida ética a ser posta ao lado da situação real dos encarcerados. As feridas da violência, sejam sofridas pelas vítimas ou pelos condenados à prisão, não curam de um dia para outro. Tampouco a massa agressiva some, porque a pessoa quer. Trabalhar traumas e amarguras que muitas vezes ficam perturbando a boa vontade das pessoas exige vigilância e perseverança a longo prazo.

A PORTA ABERTA

Freqüentemente o povo fala: tenho muita fé. Medir esta fé é mais difícil do que medir as muitas violências e injustiças que começam com os crimes ou já antes, passam pelo sistema real penitenciário e continuam a obstar à reintegração de expresos na sociedade correta. Os fatos objetivos de violência e violação dos direitos humanos estão aqui. Tudo indica, porém, que a eficiência da práxis evangélica da parte dos fiéis é mais fraca do que a organização nacional da liderança eclesiástica faz supor. Documentos oficiais sobre ação social e política não faltam para orientar os fiéis, mas a Igreja “dispõe” apenas de um número limitado de batizados. Uma liderança leiga que se emancipou do domínio clerical tradicional parece ter pouca influência na história atual do povo. A

¹⁴ Veja: CRB, Triênio 1992-1995, p. 5-10; II Semana Social Brasileira; 33ª Assembléia Geral CNBB.

vivência e práxis da fé na sociedade não são suficientemente fortes para remover a pedra da injustiça e violência que caiu por cima das esperanças dos encarcerados e outros excluídos, embora este trabalho pareça ser menos exigente do que transportar montanhas (Mt 17, 19).

De transportar montanhas, Minas Gerais e as companhias de mineração entendem. Mas máquinas e computadores não resolverão os graves problemas humanos da criminalidade, do sistema carcerário e da reeducação e formação profissional dos presos, nem produzirão reconciliação e paz social. O Povo de Deus, especialmente os religiosos estão diante de uma tarefa de que não tomaram conta até agora. Do lado individual até o heroísmo entra. Maximiliano Kolbe escolheu sua morte para salvar a vida de outro preso, pai de família. Mas no vasto horizonte da humanidade, a questão não é simplesmente individual, "por teres abandonado teu primeiro amor" (Ap 2,4), ou porque o processo da conversão evangélica pessoal estagnou na rotina e aburguesamento da vida confortável e garantida, risco inerente à vida religiosa mais do que nunca.

Em geral as limitações humanas são grandes, demasiadamente grandes, em visão, em coragem, em solidariedade, em ação comunitária aberta, em perseverança, em colaboração com os outros que não pertencem à Igreja, talvez nem simpatizem com ela, com o clero e o que geralmente não se menciona, em recursos financeiros. Mudar mentalidades, a sua e as dos outros, especialmente se estão tradicionalmente arraigadas e funcionam como traços culturais, é a décima terceira obra que Hércules ainda não realizou. Tão pouco ele é capaz de mudar rapidamente a pirâmide etária dos religiosos. O Papa João Paulo II que também ultrapassou o limite de 75 anos

consola os religiosos idosos com o fato que eles têm certamente muito a dar em sabedoria e experiência à comunidade¹⁵. Se no mercado de consumo jovem há muita procura destes artigos, fica questão aberta. O individualismo moderno, semelhante ao egoísmo antigo, não parou diante das portas das comunidades religiosas, e pode tornar-se tão contaminoso que a vida comunitária toma traços típicos de uma "apart-hotel" por falta de comunicação e organização internas.

Os paradigmas evangélicos do sal, da luz, do fermento, do crescimento estão no contexto do Sermão da Montanha. Este simbolismo sugere o próprio segredo da vida humana que, muito mais do que uma simples caminhada na planície das sinecuras, é escalar uma montanha rude e íngreme, sem trilhos largos. Nesta escalada os religiosos não somente hão de participar da cruz de Nosso Senhor, mas contam também com o impulso contínuo da caridade de Cristo que os compele (2Cor 5,14). Ou o que melhor expressa a experiência do apóstolo Paulo: quem tem a coragem de subir mais, pode contar com a graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo (2Cor 13,13). Lucas, o evangelista, guardou a palavra de Jesus: Eu vim trazer fogo à terra e como desejaria que já estivesse acesso (Lc 12,49). Talvez a frase se refira às desuniões e discórdias que se manifestam entre aqueles que confessam sua fé em Cristo Jesus e que impedem a eficiência das ações. Mas desde a sarça ardente, o fogo está também ligado à revelação de Deus e à experiência vivida do Espírito Santo.

Sem dúvida, a CF-97 acenderá o fogo de muitas iniciativas e ações dentro das paróquias e dioceses que ocupam toda a área geográfica do Brasil, embora a Igreja não possa contar com a boa vontade de todos os habitantes e todas as forças que

¹⁵ *Vita Consecrata*, D.P. 296, Petrópolis, 1996, n° 44.

condicionam a vida sofrida dos presos. Paz, reconciliação, perdão, justiça equitativa para todos pertencem ao âmago da mensagem de Jesus e ao coração vivo da Igreja, o Povo de Deus¹⁶. A revelação de Deus que disse: quero misericórdia (Os 6, 6) é que se encarnou em Jesus, sua palavra e práxis. É o programa de vida que de modo especial os religiosos hão de irradiar pela sua maneira de conviver e de comunicar-se com os outros, querendo ou não companheiros da viagem comum da humanidade toda por este mundo, até o "Eschaton".

Na realidade, o problema carcerário não é problema "intra muros", entre nós. O espaço e o raio de ação da Igreja são limitados demais para resolvê-lo. O problema é nacional e abrange de uma ou de outra maneira todos os cidadãos sejam quais forem suas opiniões; é político dentro do sistema pragmático de partidos políticos da situação e da oposição, afetado pelo vírus do corporativismo e das negociatas; é econômico num país de recursos limitados à disposição e de muitos e graves problemas sociais a resolver; é cultural, herdou uma

longa tradição de tortura e violência e pouco respeito pela vida dos outros; é pluralista no sentido de provocar reações opostas, muita emoção, agressividade da parte dos presos e da parte das vítimas dos criminosos, que impedem um diálogo tranquilo; é de longo prazo, não permite uma solução mágica ou milagrosa e exige um esforço prolongado e persistente.

O encaminhamento do problema carcerário sugere, no mínimo, três linhas de ação interligadas: a colaboração de especialistas das várias áreas envolvidas, o que constitui um prato cheio para as universidades católicas e outras; a participação dos próprios presos como também das vítimas e seus familiares, para promover um certo entendimento e aproximação reconciliadora, enquanto humanamente possíveis; a formação justa da opinião pública do povo, amedrontado pela onda de violência e infectado pelo sensacionalismo em redor de certos crimes, rebeliões e matanças. Este quebra-cabeça está no signo de Caim, mas encontra a esperança de uma solução humana em Cristo Jesus.

¹⁶ B. Häring, *Die Heilkraft der Gewaltfreiheit*, Duesseldorf, Patmos, 1986, 175-178.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Ao longo do seu artigo, o autor faz uma série de questionamentos e perguntas de particular relevância para a Vida Religiosa e sua Missão. Depois de uma leitura orante do texto, procure refletir pessoalmente e discutir em comunidade estas questões:

- "Que serviços os Religiosos podem prestar aos presos?"
- "O cristianismo levou dezoito séculos para abolir a escravidão em nome do Evangelho. Quanto tempo levará para salgar, fermentar e iluminar o sistema penitenciário em sua faticidade atual?"
- "Será que na tranquilidade da situação

carcerária real e sua racionalização não se esconde um pedaço do mundo do pecado dentro da moral cristã tradicional?"

- Para você e sua comunidade, "ficam os presos e suas famílias apenas um detalhe nebuloso na realidade social global ou formam sua expressão mais extrema"?

2. No final do seu artigo, o autor aponta três linhas de ação interligadas para o encaminhamento do problema carcerário. Como você e sua comunidade podem participar na implementação dessas linhas?

SER CRISTÃO NO MEIO DE CONFLITOS (UMA LEITURA DE 1 COR)

Prof. Antônio Geraldo Cantarela

O modo de ser cristão esboçado por Paulo está, sem dúvida, relativamente, distante do caminho radical de Jesus de Nazaré. Expressa, apenas, a sua compreensão da Boa Nova.

Resumo: Misturando informações históricas, exegese e teologia bíblica, este artigo é um convite à leitura da Primeira Carta aos Coríntios. Para descobrir nela o modo paulino do seguimento de Jesus e como a comunidade cristã, em meio a inúmeros problemas, vai construindo sua identidade.

1. PAULO – SEGUIDOR DE JESUS

1.1. Paulo – cristão admirável

Que Paulo tenha sido grande perseguidor do cristianismo, zeloso que era de sua fé judaica, isso ele mesmo o confirma: “Ouvistes certamente da minha conduta de outrora no judaísmo, de como perseguia sobremaneira e devastava a Igreja de Deus e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições pa-

ternas” (Gl 1, 13-14 – leia todo o trecho de Gl 1, 11-23).

Esse auto-retrato em Gálatas, mais a posterior insistência do livro dos Atos dos Apóstolos (At 8, 1-3 e 26, 9-11) em falar do Paulo inimigo da Igreja servirão sem dúvida para realçar sua conversão: de grande perseguidor a grande apóstolo.

Até esse ponto, não é tão difícil encher a boca para falar de Paulo. Sujeito admirável! Tanto maior nossa admiração por ele quanto mais damos valor a trabalhos missionários do tipo “levar” ou “transmitir” a fé ou a mensagem cristã. Outra vez, nada melhor que Atos dos Apóstolos para uma boa propaganda da Igreja em expansão. E lá está Paulo, preenchendo todos os espaços, desde o capítulo 13 até o final do livro.

1.2. Paulo – cristão suspeito

Problemas de fato mais relevantes surgem quando começamos a ler as próprias cartas de Paulo ou os escritos que trazem seu nome.

E os problemas são muitos:

- a) O primeiro deles é que, em geral, lemos muito pouco os escritos paulinos. Uma folheada em Coríntios aqui, para ilustrar assuntos de moral; outra pitada de Timóteo acolá, para justificar ministérios. E pronto! E as grandes linhas da teologia de Paulo não foram sequer tocadas.
- b) Outro problema decorre do fato de, comparando com a leitura das cartas

de Paulo, nos sentirmos mais à vontade na leitura dos evangelhos. Os textos dos evangelhos são mais conhecidos, já estão em nossos ouvidos. O gênero literário dos evangelhos é de fato de mais fácil leitura. É narrativo, tem um fio de meada fácil de desenrolar, parecido com o jeito popular de contar casos e coisas da vida. Mas, qual cineasta arriscaria fazer um filme com os oito primeiros capítulos de Romanos? “No evangelho, a justiça de Deus se revela da fé para a fé” (Rm 1, 17). Sem exageros: qual pregador comentaria algo assim da Carta aos Romanos quando tem à sua disposição, para tecer sua homilia, qualquer perícopo de Marcos ou Mateus?

- c) Também criamos alguma confusão ao atribuir à mesma autoria de Paulo escritos tão distantes entre si quanto, por exemplo, 1 Tessalonicenses e Tito. Enquanto a primeira revela uma comunidade meio sem rumo, ainda preocupada com o retorno imediato do Cristo, a outra mostra uma Igreja já relativamente estruturada, com cargos e funções eclesiásticas. Sem discutir aqui o problema da pseudepigrafia, vale lembrar que pelo menos Colossenses, Efésios, 1-2 Timóteo e Tito não devem ser de primeira mão atribuídas a Paulo, mesmo que tragam seu nome.
- d) Mais suspeitas ainda acrescentamos a Paulo quando o comparamos a Jesus de Nazaré. No que fala e no que faz, Jesus mostra a preferência de Deus pelos pequenos: pecadores, prostitutas... Já Paulo parece lidar com essa questão de maneira muito diversa. Exemplos: Enquanto Jesus come com publicanos e pecadores (veja, por exemplo, Mc 2,15-17), Paulo diz, de um “pecador”: “Com tal homem não deveis nem tomar refeição” (1Cor 5,11). Enquanto entre os seguidores de Jesus encontramos mesmo um grupo de mulheres (fato

incomum para a época), Paulo parece argumentar em outra direção: Afirma que “a cabeça da mulher é o homem” (1Cor 11,3), ordena que elas usem o véu como “sinal de sua dependência” (1Cor 11,10). Mesmo considerando o fato de não terem vindo da mão de Paulo, ele vai carregar ainda a má fama de passagens como estas: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor” (Ef 5,22); “Vós, mulheres, submetei-vos aos maridos, como convém no Senhor” (Cl 3,18); ou “durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem” (1Tm 2,11-12).

Não faz muito tempo, alguém chegou a dizer: o Êxodo, com a história da libertação do Egito; os Juízes, com a ocupação e organização na terra; a luta das mulheres em Rute, Judite, Ester, o alcance político, libertador, da prática de Jesus, narrada nos evangelhos sinóticos. Isso, sim! Mas, Paulo? Paulo não se presta para falar de libertação.

1.3. Paulo é fiel a Jesus?

Todas essas suspeitas sobre Paulo nos remetem, direta ou indiretamente, à pergunta fundamental: em que sentido se poderia falar de fidelidade de Paulo a Jesus de Nazaré?

De fato, pouca coisa dos escritos de Paulo faz eco às palavras e ensinamentos de Jesus. Nas duas cartas aos Tessalonicenses, que são os primeiros escritos de Paulo, aparece o termo “Reino de Deus” (Cf 1Ts 2, 12 e 2Ts 1,5); a afirmação de que “o Dia do Senhor virá como ladrão noturno” (1Ts 5,2); e pouca coisa mais (Cf 1Ts 2,15; 5,15; 2Ts 1,6-7). Em 1Cor 11,23-25, são citadas as palavras de Jesus sobre a ceia. E nada mais. Palavras que Jesus usou para falar de si mesmo, como “Filho do homem”; para falar dos destinatários

de sua missão, os "pobres"; nada disso aparece em Paulo.

Parece que Paulo, mais que falar de Jesus, está preocupado em dar solução a problemas práticos surgidos nas comunidades fundadas por ele. Excetuando talvez o escrito aos Romanos, todas as demais cartas de Paulo nasceram da necessidade de resolver conflitos entre cristãos provenientes do judaísmo e cristãos vindos da cultura grega, os gentios; da necessidade de exortar a comunidade a manter-se fiel à proposta de seu evangelho; da urgência de pôr ordem nas Igrejas.

Uma coisa, entretanto, não falta no trabalho de Paulo: a referência constante à morte e ressurreição de Jesus. Não para narrar os últimos acontecimentos relativos ao profeta que teve seu projeto limitado pela pena de morte na cruz. Mas para falar de seu sentido. Mesmo que Paulo, em quase todos os seus escritos, se volte para as urgências e problemas concretos das comunidades, ele não deixa nunca de dizer algo sobre o significado da vida, morte e ressurreição de Jesus.

E aqui começamos a encontrar o caminho para entender aquela pergunta: Paulo é fiel a Jesus?

É fácil observar que o assunto da pregação de Jesus não é o mesmo da de seus discípulos. Jesus anunciou o Reino. Os discípulos anunciam Jesus. Mesmo os evangelhos sinóticos, que se preocupam em recordar dados da vida de Jesus, não estão interessados na mera narrativa histórica. Eles sugerem uma direção que é sempre a do significado da história de Jesus. Fazem, como Paulo, cristologia. Em Paulo isso é mais simples de ser percebido porque ele não fala quase nada da "história" de Jesus. Vai direto à questão do significado.

O anúncio que Jesus fez do Reino de Deus, ter aos pobres e pecadores como seus amigos, seu assassinato na cruz... tudo isso

se compreende bem se levamos em conta a situação política de seu país, naquele tempo: a dependência política em relação ao Império Romano, os movimentos de resistência a essa dominação, os jogos internos do poder, a situação do povo e suas esperanças. A chave de compreensão da prática de Jesus é uma chave política.

Poucas décadas depois da morte de Jesus, o cristianismo encontra-se espalhado por todo o mundo greco-romano. É o mundo chamado dos "pagãos", dos "gentios", isto é, aqueles que não são judeus, como Jesus ou Paulo. Que interesse haveria de ter para esses pagãos a situação política da marginalizada comunidade judaica? Que interesse teria a história de mais um profeta judeu culminada em morte?

Com que chave Paulo abriria as portas do mundo pagão para apresentar Jesus? Como falar de Jesus de tal modo que esse anúncio seja fiel a ele? Mais: Que sentido dar à história de Jesus de tal maneira que isso seja boa notícia para os gentios? Este é o desafio de Paulo. E ele vai respondê-lo de modo criativo.

2. O EVANGELHO DE JESUS SEGUNDO PAULO

Chamamos de "evangelho de Paulo" ao conjunto de sua criação pastoral e teológica. É o evangelho de Jesus Cristo segundo Paulo. É a interpretação que Paulo faz de Jesus, o Cristo; do lugar único que Cristo ocupa na vida humana, no meio de tantas forças que afetam a existência humana, como Lei e Liberdade, Graça e Pecado; mensagem dirigida a comunidades cristãs novas, ainda em fase de formação e organização; comunidades originárias do ambiente "pagão", fora portanto do país de Jesus; integradas tanto por convertidos do judaísmo de Diáspora como por pessoas da cultura grega em geral, com toda sua

variedade de organizações, práticas morais e religiosas.

Paulo anuncia seu evangelho de maneira criativa e variada: funda comunidades, volta a visitá-las, faz planos, envia mensageiros, enfrenta opositores, envia cartas. Da situação das comunidades e das necessidades surgidas nesse variado trabalho pastoral vão se esboçando as linhas mestras da teologia paulina. Para ilustrar a criação pastoral e teológica do trabalho de Paulo, escolhemos um ponto: a formulação prática de uma identidade cristã, a partir de conflitos na comunidade de Corinto.

2.1. O desafio de Corinto

Paulo centra sua ação missionária em grandes metrópoles do Império Romano. É o caso de Corinto, capital da província romana da Acaia. Quando Paulo chega a Corinto, aí pelo ano 50 ou 51, a cidade devia ter meio milhão de habitantes.

Servida por dois portos (Cencreia e Lequeu), a cidade de Corinto desenvolvia intensas atividades nas áreas do artesanato, do comércio, do câmbio, da construção. Muitas famílias se enriqueceram. Mas havia também muitos pobres. Boa parte do trabalho era feita com mão-de-obra escrava. Entre a população, muitos eram estrangeiros.

Além da diversidade de práticas religiosas trazidas de fora, Corinto contava um grande templo de Afrodite, a deusa do amor. Nas grandes festividades, as centenas de sacerdotisas desse templo praticavam a prostituição sagrada.

Reconstruída, então, a menos de cem anos, Corinto encarnava o intenso, o frenético, o aberto a novidades. Era, além disso, um lugar estratégico para a difusão do evangelho; lugar de passagem, bem no centro do Império Romano. Mas, seria Corinto um terreno fértil para a novidade cristã?

Paulo aceita o desafio.

2.2. Os problemas

A Primeira Carta aos Coríntios, que Paulo escreve aí por volta de 56 ou 57, fornece uma boa amostra dos problemas pelos quais passa aquela comunidade de recém-convertidos na busca de sua identidade cristã. Vale a pena ler toda a carta. Senão, vejamos:

- a) 1Cor 1, 10-4,21 fala de “partidos” na Igreja de Corinto. Um grupo diz que é adepto de Paulo, já que foi ele quem fundou a comunidade. Outro grupo é seguidor de Apolo, o pregador que Paulo enviou de Éfeso para Corinto. Um terceiro é “de Cefas”, considerado o apóstolo mais ilustre entre as comunidades cristãs. Outro grupo ainda, talvez proveniente do mundo palestinese, diz que é seguidor de Cristo. Qual desses fundadores será mais sábio ou dará mais poder e prestígio a seus adeptos?
- b) 1Cor 5 apresenta um caso de incesto dentro da comunidade cristã. Ou mais exatamente, a tolerância da comunidade para com um homem que se juntou com a concubina de seu pai ou com sua madrasta.
- c) 1Cor 6, 1-11 refere-se a litígio entre membros da comunidade cristã, indo a briga parar diante dos tribunais pagãos.
- d) 1Cor 6, 12-20 aponta para o problema da prostituição. Parece que alguns cristãos de Corinto julgavam estar em tal grau de perfeição que prostituir-se não os afeta.
- e) 1Cor 7 levanta uma série de perguntas a respeito de casamento, divórcio, celibato, continência. Que é melhor: casar? Ficar solteiro? Qual é o critério do agir cristão?
- f) 1Cor 8 discute a questão da liberdade cristã diante das carnes de animais sacrificadas aos deuses pagãos. O excedente dessas carnes, que não era

consumido nos banquetes sagrados em honra dos deuses, era vendido no mercado. Um cristão poderia comprar e comer dessa carne? Não estaria pactuando com a idolatria? Ou para o cristão, para quem os ídolos não são nada, tanto faz comer como não comer?

- g) 1Cor 11 a 14 faz referência a vários problemas relacionados às reuniões da comunidade: o uso do véu e a posição das mulheres; as diferenças entre ricos e pobres na celebração da ceia do Senhor; a desordem na manifestação dos carismas.
- h) 1 Cor 15 expressa dúvidas sobre a ressurreição dos mortos.

2.3. A resposta de Paulo

Não cabe aqui analisar resposta por resposta de Paulo a cada um daqueles problemas. Nem discutir a atualidade dessa ou daquela solução apresentada. De fato, diversos daqueles problemas não são exatamente os nossos. E mesmo para aquelas questões que parecem ser as mesmas nossas, as respostas de Paulo podem não ser adequadas para hoje, já que sua argumentação é dependente dos costumes e contexto da época.

Para nós a questão é: que elementos encontramos nas respostas de Paulo que, por sua fidelidade ao espírito do evangelho de Jesus Cristo, constituem base para construir a identidade cristã?

2.3.1. Em primeiro lugar, a pessoa mesma de Jesus Cristo e a centralidade que ocupa na vida de comunidade. Ao falar de Cristo, Paulo não o coloca como profeta a ser imitado. Aliás, há mesmo uma distância grande entre o modo de vida de Jesus e aquele das comunidades fundadas por Paulo. Jesus de Nazaré e alguns de seus seguidores viveram como pregadores itinerantes, carismáticos e radicais, renunciando ao domicílio certo, à família, à fonte de

sustentação fixa, às riquezas e propriedades.

Paulo até poderia ser apresentado com algo desse modelo: não se fixa por muito tempo nas comunidades; depende delas, com exceções certamente (Cf 1Cor 9), para desenvolver seu trabalho missionário; renuncia, ao que parece, à família. O mesmo não se dá, entretanto, com quase todos aqueles que aderem ao evangelho de Paulo. Não se tornam itinerantes radicais. Pelo contrário: formam comunidades. Mais: comunidades que congregam uma maioria de membros de condição humilde e alguns poucos "sábios, poderosos e de família de prestígio" (Cf 1Cor 1,26). É um cristianismo "moderado", onde as diferenças são aceitas.

O radicalismo de Jesus de Nazaré pode não ter servido de modelo para aquelas comunidades; mas o significado que Paulo dá ao Cristo, à sua paixão, morte e ressurreição estrutura a vida da comunidade. As diferenças, aceitas como um fato, são atenuadas. De qualquer maneira, "com Cristo, por Cristo, em Cristo", existe para todos uma boa nova.

É nesse sentido que os conflitos da comunidade de Corinto são discutidos. No seu enfrentamento, a identidade cristã vai encontrando o caminho de sua expressão.

- a) Diante das rixas em busca de sabedoria, poder e prestígio, Paulo responde com o Cristo crucificado, loucura e fraqueza de Deus (Cf 1Cor 1, 10-2). A identidade cristã não vem do fato de alguém seguir este ou aquele fundador; em Cristo, a comunidade é que se torna senhora de tudo, até daqueles que a levam à fé (Cf 1Cor 3,5). "Ninguém procure nos homens motivo de orgulho, pois tudo pertence a vós: Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes e as futuras. Tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus" (1Cor 3,21-23).

- b) Do mesmo modo, porque justificada em Cristo, a comunidade, mesmo através de seus membros mais desprezíveis, pode julgar os litígios, sem precisar de recorrer aos tribunais pagãos (Cf 1 Cor 6, 1-11).
- c) Por ser membro do corpo de Cristo, o cristão não mais pertence a si mesmo e, por isso, não se entregará à prostituição (Cf 1 Cor 6, 12-20).
- d) Na mesma linha de pensamento, mesmo reconhecendo a dependência da mulher em relação ao marido (Cf 1 Cor 11, 2-16), Paulo acaba afirmando uma "fraternidade" entre eles: "a mulher é inseparável do homem e o homem da mulher, diante do Senhor. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus" (1 Cor 11, 11-12).
- e) Da mesma maneira, as diferenças que se manifestam nas reuniões para comer a Ceia do Senhor revelam desprezo pela Igreja (Cf 1 Cor 11, 17-34).

Resumindo: Cristo não é, para Paulo — como já foi dito —, uma referência exterior à comunidade, alguém em quem ela possa se espelhar. Cristo é aquele que resgatou a humanidade. A experiência de vida fraterna em comunidade expressa, pois, a santidade de quem foi "comprado" por Cristo. Assim, na discussão sobre a hierarquia dos carismas (Cf 1 Cor 12-14), Paulo chega à fantástica síntese teológica chamando a comunidade de corpo de Cristo — identidade que deve se expressar no dom maior da caridade.

2.3.2. Esse primeiro aspecto da identidade cristã nos leva imediatamente a um segundo elemento da resposta de Paulo: o cristão mostra quem é por seu testemunho.

O radicalismo vivido por Jesus e por alguns círculos de seus primeiros seguidores revelava um sistema de vida onde o que era dito e o que era vivido formavam

perfeita identidade. Tratava-se de uma prática. O que Jesus falava era caminho de vida — dele e de quem foi atrás de seu "segue-me". Nas comunidades paulinas, esse sistema de vida radical é na prática impossível. A fidelidade a Jesus de Nazaré não se dará, neste caso, pelo radicalismo de um caminho itinerante, mas pelo testemunho de vida fraterna da comunidade que se crê salva. O radicalismo do tipo de vida a que Jesus chamava podia trazer consequências como perseguição (Cf Mt 10,23).

O próprio Paulo deve ter provado na pele problemas assim: "Até o momento presente ainda sofremos fome, sede e nudez; somos maltratados, não temos moradia certa e fatigamo-nos trabalhando com nossas mãos. Somos amaldiçoados, e bendizemos; somos perseguidos, e suportamos; somos caluniados, e consolamos. Até o presente somos considerados como o lixo do mundo, a escória do universo" (1 Cor 4, 11-13).

Mas Paulo não exige tanto de suas comunidades. Pede sim que a comunidade testemunhe que está purificada do velho fermento (Cf 1 Cor 5, 6-8). Não se trata de fugir do mundo. Mas, diante do mundo, celebrar Cristo "na pureza e na verdade".

- a) Neste sentido deve-se entender o aparente exagero de Paulo, diante do incestuoso: "com tal homem não deveis nem tomar refeição". Vale a pena reler 1 Cor 5, 1-13, dando especial atenção aos versículos finais (de 9 a 13).
- b) Frente ao caso de litígio levado aos tribunais pagãos, Paulo detona pesada carga: não para dizer que os magistrados de Corinto sejam venais ou iníquos; ou para instituir um tribunal próprio da Igreja, que teria a competência para julgar suas pendências internas. Também neste caso é pela exigência de testemunhar sua santidade que aos cristãos de Corinto Paulo pede que resolvessem fraternalmente suas desavenças.

c) Até mesmo a expressa preferência de Paulo pelo dom da profecia em relação ao dom das línguas revela algo dessa exigência de testemunho cristão: “Com efeito, se deres graça apenas com o teu espírito, como poderá o ouvinte não iniciado dizer Amém à tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes? Sem dúvida, tua ação de graças é valiosa, mas o outro não se edifica” (1Cor 14, 16-17). Ou: “Se, por exemplo, a Igreja se reunir e todos falarem em línguas, os simples ouvintes e os incrédulos que entrarem não dirão que estais loucos?” (1Cor 14, 23). Experimente ler, sob a ótica do “testemunho”, todo o capítulo 14.

2.3.3. Em sua prática, Jesus falava de um Reino de Deus destinado aos pequenos: pobres, pecadores, publicanos, prostitutas. Ele mesmo se apresentou como um marginalizado. O mesmo radicalismo não se encontra no sistema de Igreja-comunidade, típico do cristianismo helenístico, que congrega também membros ricos e de famílias prestigiosas. Mesmo assim, no cristianismo “moderado” das comunidades paulinas, encontramos algo daquela atenção aos pequenos.

Nada melhor, para ilustrar este elemento da “identidade cristã”, que os capítulos sobre a liberdade cristã frente ao comer carnes sacrificadas aos ídolos. Algumas frases da argumentação de Paulo: “Se alguém julga saber alguma coisa, ainda não sabe como deveria saber” (1Cor 8,2). “Não são os alimentos que nos aproximam de Deus: se deixamos de comer, nada perdemos; e, se comemos, nada lucramos. Tomai cuidado, porém, para que essa vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos” (1Cor 8, 8-9). “Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos” (1Cor 9, 22). “Tudo é permitido, mas nem tudo convém. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica. Ninguém procure satisfazer

aos seus próprios interesses, mas aos do próximo” (1Cor 10, 23-24).

Releia sob a ótica da “preferência pelos pequenos” (1Cor 8-10).

Lendo 1Cor, vimos como, a partir de problemas concretos, Paulo vai esboçando as linhas básicas do que poderíamos chamar de identidade cristã. Quais sejam:

- A comunidade cristã, como corpo de Cristo, em sua experiência de vida fraterna, se reconhece como resgatada por Cristo.
- A comunidade cristã testemunha tal experiência salvífica diante do mundo, vivendo “na pureza e na verdade”.
- A experiência de fraternidade é particularmente exigente na atenção aos pequenos.

Esse modo de ser cristão está, sem dúvida, relativamente distante do caminho radical de Jesus de Nazaré. Mas expressa, de alguma maneira, a compreensão que Paulo e suas comunidades têm da “boa nova”. O significado que Paulo dá ao Cristo aparece expressamente, na Primeira Carta aos Coríntios, através de inúmeras afirmações: “Anunciamos o Cristo crucificado” (1Cor 1, 23); “Nossa Páscoa, Cristo, foi imolado” (1Cor 5, 7); “Alguém pagou alto preço pelo vosso resgate” (1Cor 6, 20); “Vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus” (1Cor 3, 23); “Fostes justificados em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito de nosso Deus” (1Cor 6, 11); “Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram” (1Cor 15,20). E muitas outras.

Estas formulações cristológicas, todavia, estão meio “soltas” no meio do emaranhado dos argumentos de Paulo, nas suas respostas aos problemas da comunidade de Corinto. Uma formulação bem mais elaborada e complexa sobre a significação que Cristo tem para o homem vamos encontrar

na Carta aos Romanos. Mas isto será assunto para outro artigo.

3. PARA NOSSA REFLEXÃO

A abordagem que fizemos do cristianismo paulino, a partir da leitura de ICor, pode nos sugerir diversas pistas de reflexão. Indicamos aqui algumas, particularmente voltadas para a vida religiosa.

3.1. Paulo não fala quase nada da história de Jesus. E no entanto consegue oferecer aos seus interlocutores do mundo helenístico um dado de sentido sobre o Cristo. O radicalismo ético de Jesus, proposto num contexto rural e limitado ao mundo palestinese, não tinha como vingar no ambiente urbano pagão. Justamente aí Paulo consegue, com criatividade, dizer a “boa nova”. O significado que Paulo dá ao Cristo e a exigência cristã de fraternidade daí decorrente fazem eco, em última análise, ao caminho de Jesus. Frente à criativa fidelidade de Paulo ao evangelho, nos perguntamos:

- Aquilo que dizemos hoje, a partir de nossas formulações da fé cristã, das instituições a que pertencemos, dos ministérios que exercemos, é “boa nova” para as pessoas deste final de milênio?
- Se bem que o evangelho de Jesus Cristo não se restrinja a um “saber teológico”, vale ainda assim a pergunta: Será que não conhecemos a respeito de nossos fundadores mais do que a Jesus de Nazaré? Que lugar ocupam a leitura e o estudo da Bíblia na formação dos religiosos?

3.2. O modelo de Igreja-comunidade difundido por Paulo no mundo pagão significou, sem dúvida, uma criativa possibilidade para a expansão do cristianismo. Mas também uma grande perda. O que deve ter sido, no contexto rural palestinese, um seguimento radical do caminho de Jesus

passou a ser, no mundo helenístico, um modelo “moderado” de vida cristã.

Historicamente, a vida religiosa tem passado por um processo semelhante. Em torno de um fundador, radicalmente comprometido com a promoção de uma causa, surge primeiro um movimento de seguidores, também radicais; depois, devagar, o radicalismo da proposta vai cedendo lugar a formas que acabam institucionalizando o carisma original; e finalmente já não se sabe o que se quer promover: se a causa ou a instituição.

Diante dessa constatação, nos perguntamos:

- Nossas instituições religiosas, com suas constituições e regulamentos próprios, com seu carisma particular, dedicando-se em geral às suas obras já estruturadas, com seus típicos esquemas de horários comuns para refeições e orações... não estariam limitando, de algum modo, as vocações radicais?
- “Como incorporar na Vida Religiosa este modelo tão fiel da seqüela de Jesus?” (W. Gruen. *Radicais e moderados...* p. 215).
- Na prática, que fazer para que os membros das comunidades religiosas possam expressar honesta e fraternalmente suas angústias e desconfianças recíprocas?

3.3. Por diversos motivos, a renúncia radical a fonte de sustentação e domicílio fixos, à família, aos bens, característica da prática de Jesus, não teve como vigorar nas comunidades paulinas. Assim, por exemplo, no tocante ao casamento, se Paulo adota para si mesmo aquele radicalismo de Jesus, o mesmo ele não exige dos membros da comunidade. Diz: “Quisera que todos os homens fossem como sou; mas cada um recebe de Deus o seu dom particular; um, deste modo; outro, daquele modo” (1Cor 7,7 — é bom reler todo o capítulo 7).

Tradicionalmente, a Vida Religiosa tem se estruturado de modo a fazer uma síntese entre os dois modelos: Através dos votos de pobreza, castidade e obediência expressa o seguimento do caminho radical de Jesus; mas se organizando em comunidades, com regras e modo de trabalhar próprios de qualquer corporação.

Ocorre que, em muitos casos, particularmente quando a instituição se torna grande, as incongruências entre os dois modelos tendem a se tornar agressivas. Assim, nem sempre o modelo "comunidade religiosa" favorecerá o amadurecimento afetivo que deve estar na base da renúncia ao casamento; e o celibato "pelo Reino" não passará, na prática, de um desembaraço frente aos compromissos do matrimônio e da família. Da mesma maneira, a manutenção de empresas religiosas, importante para a estabilidade de alguma congregação, de um lado pode fornecer instrumentos valiosos para o trabalho pastoral, garantir a seus membros relativo bem-estar e comodidade e certa tranquilidade na velhice, oferecer a seus novos membros acesso aos estudos etc. Mas, de outro lado, por mais que esteja "a serviço", e por melhores que sejam tais serviços, é muito difícil fazer alguém se convencer de sua pobreza.

Diante disso, perguntamos:

- Como superar os desgastes provocados por essas incongruências?
- Não estaria na hora de promover novos modelos de Vida Religiosa? E pensar em novas formulações de conselhos evangélicos?

4. BIBLIOGRAFIA

Giuseppe BARBAGLIO. *As Cartas de Paulo*, I. São Paulo, Loyola, 1989. P. 133-376.

Apresenta, com muitas informações históricas e de crítica literária, um comentá-

rio exegético à Primeira Carta aos Coríntios, oferecendo também pistas de atualização.

Jean COMBY e Jean-Pierre LÉMONON. *Vida e religiões no Império Romano no tempo das primeiras comunidades cristãs*. São Paulo, Paulinas, 1988.

Apresentam, através de documentos da época, as religiões existentes no Império Romano, concepções morais e filosóficas, idéias a respeito do casamento e da família, o modo de tratar os escravos — mostrando conflitos e aproximações entre o mundo greco-romano e o Evangelho.

Wolfgang GRUEN. "Radicais e moderados nas entrelinhas do Novo Testamento". In *Atualização* 113-114; mai/jun 1979: p. 202-217.

Resume e comenta as idéias principais de dois artigos de Gerd Theissen, apresentando dois modelos de vida cristã: o Radicalismo dos Carismáticos Itinerantes (de Jesus e de alguns círculos de seus primeiros discípulos, no mundo palestinese); e o Patriarcalismo na Base do Amor (modelo moderado das comunidades paulinas no mundo helenístico).

Wayne A. MEEKS. *Os primeiros cristãos urbanos; o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo, Paulinas, 1992.

Descreve a sociedade helenística em que se desenvolveu o cristianismo paulino, falando do ambiente urbano, do nível social dos cristãos paulinos, do modo de organização em Igreja desses primeiros cristãos, de seus rituais e modelos de crença e de vida.

Juan Luis SEGUNDO. *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. São Paulo, Paulinas, 1985. Vol. II/I.

Discute o conteúdo profético da pregação de Jesus e sua chave de compreensão, a partir dos evangelhos sinóticos; e a interpretação que Paulo faz de Jesus de Nazaré, a partir do estudo de Rm 1-8.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Segundo o autor, Paulo anuncia o Evangelho de modo criativo. Uma de suas preocupações pastorais era: "Que sentido dar à história de Jesus de tal maneira que isso seja boa notícia para os gentios?" Na pluralidade cultural e religiosa de hoje, como a atitude de Paulo pode ajudar a entender a missão evangelizadora da Igreja? "Aquilo que dizemos hoje, a partir de nossas formulações da fé cristã, das instituições a que pertencemos, dos ministérios que exercemos, é 'boa nova' para as pessoas deste final de milênio?"
2. O autor apresenta no artigo (itens 2.3.1; 2.3.2; 2.3.3) elementos da teologia paulina que, por sua fidelidade ao espírito do Evangelho de Jesus Cristo, constituem base para construir a identidade cristã. Procure refletir sobre esses elementos e partilhar com a comunidade a sua reflexão.
3. Na parte final do artigo — "Para nossa reflexão" — o autor apresenta algumas reflexões questionadoras para a Vida Religiosa e suas práticas. Procure discutir na comunidade esses questionamentos.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A VIDA CONSAGRADA CONFRONTO ENTRE O IDEAL QUE NOS PROPOMOS E A REALIDADE VITAL *

Ir. Elza Ribeiro, Presidente da CLAR
Belo Horizonte – MG

A Vida Religiosa hoje está em
situação de caos.

Ela o vive como oportunidade de
revitalização, ou seja,

viver mais e melhor, ou o
contorna com exercícios de
sobrevivência, isto é, esforço para
prolongar a agonia?

Não ignorar a gravidade.

Estas reflexões estão baseadas e sustentadas:

- na experiência e contato com várias realidades;
- na reflexão e aprofundamento de teólogos especialistas no tema, especialmente de Felicísimo Martínez Díez, no seu livro “Refundar la Vida Religiosa”, de recente publicação.

— na oração, na interiorização e escuta do Espírito.

Elas querem ser a partilha com irmãs e irmãos que têm as mesmas inquietações, as mesmas buscas e vislumbram as transformações e o NOVO que o Espírito está sugerindo à Vida Religiosa.

Não têm outra pretensão além de querer ajudar, provocar, inquietar, na certeza de que a Paz é fruto de uma sã perturbação.

INTRODUÇÃO

Minha presença nesta Assembléia, importante por se tratar de um acontecimento eclesial, pelo número de participantes e pelo tema que vai ser tratado, minha presença, repito, só se justifica pelo fato de haver eu participado de um dos momentos especiais no processo de retomada da renovação da Vida Consagrada que foi o Sínodo.

A Exortação Apostólica Vida Consagrada, outro momento dentro desse processo, está pedindo nossa atenção e aprofundamento, a fim de podermos, com me-

* Palestra proferida pela autora nas Assembléias Regionais de São Paulo e de São Luís do Maranhão, em 1996.

nos sombras, perceber os acenos da história para o novo milênio que já bate às nossas portas.

Essa Exortação nos foi oferecida com carinho e deixa perceber a solicitude paterna do Papa para com a Vida Consagrada.

Ela deve ser tomada, lida, rezada, apropriada pelas nossas comunidades com a mesma solicitude e interesse.

Antes porém, de entrarmos diretamente no conteúdo da Exortação, tomo a liberdade de propor alguns pontos para a reflexão das pessoas aqui presentes, pontos por si mesmos questionadores e despertadores em vista de uma tomada de consciência mais radical e comprometida.

Durante o Sínodo, uma das expressões que surgiu muitas vezes, retomada nas Proposições e presente na Exortação, foi “PROVOCAÇÕES”.

Algumas vezes essa palavra vinha seguida de outra que fala ainda mais forte: “PROVIDENCIAIS”.

Provocações providenciais: para mim soam como agulhão, como coisa que incomoda, que obriga a estar alerta, que força a caminhar, impedindo acomodações e estabilidade.

Por aí quero passar com as reflexões que lhes proponho.

Quero, de propósito, incomodar e provocar reações, sejam quais forem. Mas não estou sozinha nesse mister. Vou ser ajudada por outras pessoas que pensam a VR, que a analisam e procuram contribuir, com sua reflexão e experiência, para a compreensão do momento em que vivemos e elucidação do enigma que paira sobre nós nesta época de mudanças, ou melhor, nesta “mudança de época” como está sendo denominada.

Minha provocação é decisão tomada diante do Espírito, rezada, ruminada, fundamentada.

O MOMENTO EM QUE VIVEMOS

Não vou fazer aqui uma análise da conjuntura atual sob nenhum dos aspectos que são comuns em nossos encontros. Cada pessoa aqui presente traz consigo um banco de dados, vividos, experimentados, sofridos, partilhados, que nos daria — no conjunto — um retrato da realidade a nível global, continental, nacional, local, eclesial.

Se pudéssemos captar as diferentes situações em que cada uma, cada um tem seu contexto existencial, certamente apresentaríamos um “longa metragem” com as características do dramático, do trágico, do cômico, do desconcertante e pouco, muito pouco de esperançoso e ideal. O que lhes proponho, é situar-nos nesse contexto com a VISÃO DA FÉ e da ESPERANÇA que nos animam.

Retomo a imagem do Profeta Isaías, no capítulo 21. Trago-a para o nosso momento e me pergunto se ele, o Profeta, não se referia à realidade que é a nossa neste fim de século, neste fim de milênio.

Vers. 3.4 — “E agora, meus rins não são mais que arrepios. Dores tomaram conta de mim, como dores daquela que dá à luz. Estou por demais atormentado para ouvir, por demais assustado para enxergar. Minha mente se confunde, tremo de pavor. O frescor da tarde que desejei, se transformou para mim em pavor”.

Vers. 6.7 — “Assim me falou o Senhor: Vai, coloque um vigia. Que ele anuncie o que divisar.

Que ele preste atenção. Que redobre a atenção”.

Vers. 8 — “Em meu posto de guarda, meu senhor, mantenho-me o dia inteiro. Em meu posto de guarda PERMANEÇO DE PÉ A NOITE INTEIRA”.

Vers. 11.12 — “Sentinela, a que horas da noite estamos? Sentinela, a que horas da noite estamos?”

go, anúncio missionário, testemunho de comunhão eclesial).

- Comprometida com a transformação social: cultura da vida e civilização do amor.
- Alimentada e animada por uma prática profundamente evangélica, fundamentada e sustentada pela Palavra de Deus e escuta da vida.
- Assumindo o compromisso com os pobres e excluídos, com expressão concreta na presença, inserção e inculturação.
- Deixando-se questionar e provocar pelo social.
- Capaz de comprometer-se com a busca de formas alternativas de vida, de organização, de relações, de participação.
- A exemplo de Maria: toda presença e toda serviço (afetiva e efetiva).
- Em atitude eclesial: na Igreja, com a Igreja, como povo de Deus.
- Eminentemente Eucarística: Corpo entregue e Sangue derramado.
- Essencialmente Pascal: sinal, símbolo, parábola e profecia do Reino do ressuscitado.
- Manifestando sua identidade no serviço e na comunhão.
- Reveladora do rosto materno de Deus: abertura, acolhimento, ternura, misericórdia, compaixão, amor gratuito, providente.
- Assumindo os ministérios que dão respostas às verdadeiras carências do nosso tempo, do nosso povo.
- Firmada na ação constante do Espírito que cria, recria, renova e transforma todas as coisas.

É lugar para mais uma provocação:

- A VR de nossas Congregações, comunidades, Regional, está vivendo essas características? Que fatos concretos comprovam essa afirmação?
- Quais delas precisariam ser assumidas com maior determinação a fim de que

a presença da VR seja transformadora da realidade?

- Como fazer dessas linhas força dinamizadora para a evangelização na Igreja Particular em que estão inseridas nossas comunidades?

COMO VAI A VIDA RELIGIOSA EM NOSSO CONTINENTE?

Faz pouco tempo recebi uma carta de uma religiosa que vive em Roma e ela me perguntava: “É verdade que a VR na América Latina está em crise?” E eu respondi a mim mesma: Graças a Deus ela vive em crise! O dia em que encontrarmos resposta a todas as nossas perguntas, em que tivermos saídas para todas as nossas dificuldades e virmos sanados todos os nossos conflitos, corremos o risco de estagnação e morte. Tomo aqui a palavra “crise” como “juízo de Deus” que obriga a uma constante revisão, avaliação, autocrítica e discernimento, para que seja, REALMENTE, o Espírito o condutor de nossos caminhos e projetos.

Crise é busca, é insatisfação, é graça, é presença eficaz de Deus operando em nosso meio.

Para prosseguir nesta reflexão, vou me servir de algumas idéias apresentadas por um teólogo que vive na Venezuela — Felicísimo Martínez Díez, Dominicano, na sua obra: “Refundar a Vida Religiosa”. Tomarei dele algumas idéias que me parecem coadunar perfeitamente à realidade em que nos encontramos.

Citando um autor norte-americano, Felicísimo utiliza a imagem do CAOS para refletir a situação da atual VR. É uma imagem dramática, diz ele, mas com profundas ressonâncias bíblicas: caos como matéria-prima da criação primeira, da libertação, da conversão ao Senhor. Caos

como oportunidade de graça. Mas é ao mesmo tempo uma ameaça. Cria insegurança e medo. (Texto de Isaías 21).

A VIDA SÓ É POSSÍVEL NO CAOS COM BASE NA FÉ E NA ESPERANÇA.

A VR hoje está em situação de caos. As seguranças pessoais e institucionais já não existem (graças a Deus!). Desaparecem os sinais de poder e de prestígio (graças a Deus!) Desaparecem os velhos modelos e não surgiram novos (graças a Deus!). Cresceu a consciência dos direitos individuais mas sem se harmonizarem com os direitos do grupo... A secularização foi demasiada até fazer perder o sabor e a identidade. Há uma sensação geral de que vagamos sem rumo fixo.

Não será esta uma situação de caos bíblico, uma oportunidade de graça, de libertação, de recriação e de conversão?

As reações a esta situação são muito variadas: desde o desejo de ignorá-la, como se não existisse... de justificá-la, de esperar por um milagre de mudança, até aquelas em que se buscam saídas a curto prazo e não muito exigente para a pessoa: viver o dia-a-dia sem aprofundar a existência; uma atividade apostólica desenfreada; busca de um "guru" que devolva a identidade perdida, sem maiores compromissos de mudança; busca de novas experiências em manifestações espirituais de várias ordens e categorias...

NOSSA VR ESTÁ SENDO CRIATIVA NO CAOS? ELA O VIVE COMO UMA OPORTUNIDADE DE REVITALIZAÇÃO OU O CONTORNA COM MEROS EXERCÍCIOS DE SOBREVIVÊNCIA?

A sobrevivência, continua refletindo Felicíssimo, é o esforço por não morrer e não para viver mais e melhor. É uma opção por prolongar a agonia. No caso de VR é o esforço mais para manter o corpo institucional do que para lhe conferir alma.

Os que buscam a sobrevivência preferem fechar os olhos à realidade, ignorar a gravidade da crise ou buscar explicações nos sintomas.

Mas os sintomas não são a enfermidade!

Vamos tentar um olhar mais profundo: — A escassez das vocações que tanto preocupa hoje as nossas Congregações é só um sintoma de uma enfermidade que pode ter raízes mais profundas: a falta de sabor, de fé radical, de prática coerente, de qualidade evangélica em nossas vidas, de experiência de Deus...

Querer sobreviver conquistando alguns e algumas candidatas para a Congregação, sem enfrentar o problema de fundo, é prolongar a agonia. Isso não parece honesto nem com a juventude e nem com as pessoas que já estão na instituição.

Há algumas formas disfarçadas de sobrevivência que podem enganar-nos:

- cultivar o passado congregacional de maneira triunfalista
- investir recursos financeiros para conseguir vocações
- abrir novas casas em lugares férteis de vocação para repovoar nossos Conventos
- estabelecer contratos fixos de trabalho para garantir o amanhã
- ampliar as opções do carisma das Congregações para resolver conflitos ou para que tudo seja justificado
- reduzir as exigências no discernimento vocacional...

A história nos prova que as grandes renovações na Igreja e na VR tiveram lugar nos momentos de crise.

QUANDO SE FAZ O VAZIO SE PODE DEIXAR LUGAR PARA O NOVO. QUANDO O ESPÍRITO PRONUNCIA SUA PALAVRA SOBRE O CAOS, SURGE A POSSIBILIDADE DE VIDA.

As dúvidas e angústias criadas pela situação de caos são numerosas e causam sofrimentos. Às vezes são difíceis de ser lidas e interpretadas. A sensação de que as coisas não caminham, a necessidade sempre crescente de mudanças pequenas, sem que as coisas importantes e maiores sejam tocadas...

Voltemos à imagem descrita pelo Profeta Isaías:

A que nos levaria a atitude de sentinela, de vigia, que dia e noite está no seu posto, sondando as trevas, perguntando ao dia, interrogando os sinais, tentando decifrar os enigmas, para cumprir sua missão de alertar, de despertar, de dar o sinal de avanço, de impulsionar e de fazer tomar consciência da resposta que a realidade atual está pedindo?

Sob que tendas nos abrigamos? Ou somos capazes de permanecer a céu aberto, com plena confiança no Senhor da história, no Senhor da nossa história, deixando-O conduzi-la por estradas e caminhos que nós somos incapazes de perceber?

“No meu posto de guarda vigio todo o dia e estou desperta a noite inteira”... Como ver, ler, interpretar, discernir os sinais dos nossos tempos?

Que estará reservado à VR do ano 2000? Onde e como estaremos nós? Que futuro construirão as novas gerações de religiosas e religiosos? Somos capazes de apostar nelas? Ou queremos deter o curso da vida? Quais são as razões de nossa esperança? Que respostas somos capazes de dar às nossas próprias perguntas?

Aqui tocamos o tema da juventude que hoje vem cerrar fileiras conosco. E com ele todo o tema da FORMAÇÃO para uma VR para os nossos dias e com vistas ao novo milênio.

Poderíamos desfiar um rosário de dúvidas, de inquietações, de perguntas. Podía-

mos somar nossas preocupações. Mas o importante mesmo, é o fato — pouco constatado entre nós — de multiplicar nossas esperanças com relação ao amanhã e a nova vida religiosa que está sendo gestada pelos jovens e pelas jovens de nossas famílias.

Temos dificuldade de acreditar nisso. Não somos capazes de confiar na nova criação que o Espírito quer realizar, servindo-se do caos, das incertezas e inseguranças que o momento atual nos apresenta.

Talvez pior que a crise de vocações, seja a crise de fé na juventude que está aí para dar continuidade à intuição dos Fundadores.

Alguns analistas afirmam que 70% da VR está estagnada. São homens e mulheres que já não se situam neste mundo, estão incapazes de direcionar suas vidas de acordo com as exigências evangélicas que produzem respostas adequadas à realidade. Ou estão desnorteados, desnorteadas, sem perspectiva e ideal. Não são capazes de dar respostas às suas próprias perguntas ou de encontrar sustento para sua opção.

A tristeza, o pessimismo, a desmotivação, o cansaço, a falta de sentido e de valor evangélico nas comunidades, são encontrados com relativa frequência. Entregues à rotina, à mera observância; indolentes numa vida assegurada e sem riscos ou então na embriaguez de uma vida apostólica ou de militância social e política...

Esses constituem os 70%. E onde estão os 30% que restam?

Os grandes desafios da modernidade ou pós-modernidade, não deveriam esmorecer os ânimos ou causar inquietações além de nossas forças. O Espírito está presente neste mundo, nesta realidade. Este mundo, esta situação, este momento, é um presente de Deus para os que nele vivemos e só podemos contar com ele. Esta é a história que estamos ajudando a escrever e em nossas mãos está o torná-la bonita e poder exclamar: “E vi que tudo era bom, belo”.

As energias que nos são dadas e não nos faltarão, trazem a graça para o hoje e agora. Não para o ontem ou o amanhã.

SENTIDO DOS QUESTIONAMENTOS

A VR tem uma função, um papel, uma missão, uma graça que deve ser oferecida ao mundo, em qualquer época de sua história.

A Exortação Apostólica Vida Consagrada diz que a VR é dom para a Igreja. Um dom oferecido pelo Espírito e sem o qual a Igreja seria incompleta.

A VR deve ser para o mundo SINAL-SÍMBOLO-PARÁBOLA e PROFECIA do Reino. Vejamos o que significa — pelo dicionário mesmo — cada uma dessas palavras:

SINAL — o que serve de advertência ou possibilita conhecer ou prever algo.

Aceno. Gesto. Vestígio. Manifestação.

SÍMBOLO — o que representa, significa ou substitui outra coisa; o que evoca, traz à memória.

PARÁBOLA — narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca outra realidade de ordem superior.

PROFECIA — predição do futuro, prognóstico, oráculo. O que fala em lugar de outro.

Como deve ser a VR hoje, na realidade concreta em que vivemos, para significar para o mundo esse sinal, esse símbolo, essa parábola e essa profecia?

Uma pergunta que merece nossa atenção e consideração.

Vamos pedir que o Pe. Felicíssimo continue nos ajudando na reflexão.

Ele nos assinala quatro grandes referências que podem clarear a reflexão:

— Ter a experiência de Deus como fundamento.

— A reconstrução da comunidade religiosa.

— A volta à pobreza evangélica.

— A inserção: periferia, fronteiras e deserto.

A) EXPERIÊNCIA DE DEUS COMO FUNDAMENTO

Valor inteiramente contestado pelo neoliberalismo que nega os valores transcendentes e se firma totalmente na esfera do sensível, do imediato, da eficácia.

O mundo liberal não se ajusta aos valores evangélicos. A VR, em muitos casos se nivelou tanto com suas idéias, hábitos de vida e hierarquia de valores, que deixou de ser parábola e interpelação. Ela se tornou insípida e insignificante. Os religiosos passaram a ser tão iguais a todo mundo que já não valia a pena entrar ou seguir adiante... Os bons serviços profissionais, inclusive generosos compromissos em causas nobres, não eram suficientes para justificar sua existência. Outras pessoas faziam o mesmo e com semelhante generosidade em nome de outros credos ou de simples humanismo.

Sem essa profunda experiência de Deus ficou um vazio muito grande na VR: donde lhe viria o sabor? Onde estão os verdadeiros mestres e mestras espirituais? Os oásis de oxigenação para o mundo?

Se falta essa contribuição específica da VR, todas as suas funções, missão e compromissos perdem a força, o significado.

Felizmente estamos entrando numa FASE DE REAÇÃO CRIATIVA. A busca está em caminho. A busca de experiência de Deus é tendência essencial hoje na VR. Fala-se de fé radical, de dimensão contemplativa, de vida segundo o Espírito. São expressões com o mesmo propósito: definir a VR como um projeto de vida baseado sobre a experiência de Deus.

nômico neoliberal. Não só com as práticas do consumismo — porque às vezes faltam recursos — mas também com a filosofia, sua cultura e espiritualidade.

Provavelmente aqui está a raiz dos maiores males: a falta do sabor evangélico de uma vida simples, austera. O fracasso na prática da pobreza evangélica é a raiz de quase todos os problemas que hoje existem em nossas comunidades.

O Vaticano II urgiu a volta à pobreza evangélica e à Igreja dos pobres. Este clamor entusiasmou muitas comunidades, foi um desafio exigente e comprometedor. Houve muito boas intenções e generosos esforços, mas resta um longo caminho a percorrer.

A Exortação Apostólica Vida Consagrada vem lembrar novamente essa necessidade básica.

É crescente a consciência de que a pobreza e a conversão à Igreja dos pobres são essenciais para o seguimento de Jesus. Mas o valor da consciência é relativo quando não está respaldado pela prática.

Não se pode negar a existência de muitas comunidades que fizeram real e efetiva opção pelos pobres. Uma opção que se traduz pela austeridade de vida, inserção nos meios mais pobres, trabalhos como forma de sustento, em solidariedade efetiva com os desprovidos.

O tema das seguranças e das seguranças institucionais é um problema sério que exige muita abertura ao Espírito e discernimento, se quisermos ser fiéis à nossa vocação.

E eu introduziria aqui um ministério a mais, baseado nas exigências e apelos de nossa vocação: o MINISTÉRIO DA ESPERANÇA. É ela a força capaz de nos esvaziar de nossas riquezas, imprimindo em nós as marcas do despojamento, da liberdade isenta do jugo das riquezas.

D) A INSERÇÃO: PERIFERIA-FRONTTEIRAS-DESERTO

A maioria de nossas comunidades foram criadas em lugares periféricos, onde viviam os pobres. Mas as cidades invadiram o território, os pobres foram afastados e nossas casas, hoje, em geral, estão entre as classes média e alta.

O mesmo aconteceu com as instituições: colégios, hospitais. No começo se destinavam às populações mais carentes ou de baixa renda ou mesmo desprovidas de qualquer recurso. O sistema social e político, as pressões econômicas, transformaram muitas dessas instituições em empresas, inteiramente inacessíveis aos pobres... O peso econômico e gerencial dessas obras se tornou num grande desafio para muitas de nossas Congregações.

Por outro lado, assimiladas pelo sistema, essas obras perderam seu sentido profético, ficaram debilitadas em sua missão de contestação e de alerta ao meio em que vivem.

O fenômeno da INSERÇÃO foi um grande passo na renovação da VR. Aqui inserção tem o sentido propriamente eclesial e assumido pela VR nos últimos 30 anos: inserção nos meios mais pobres. Refere-se à presença da VR na periferia do sistema.

O “deslocamento geográfico” é importante porque condiciona todos os outros. O lugar em que nos movemos marca com força nossas idéias e nossos hábitos. Mas ainda mais importante é a mudança social e cultural. Colocar-se cultural e socialmente na periferia é colocar-se na fronteira, lugar privilegiado da criatividade profética e da resistência. É o lugar onde a VR faz a nova experiência de Deus e dele depende, em grande parte, o renascimento da VR.

As comunidades inseridas são uma versão prática da teologia da encarnação que consiste em assumir a condição huma-

na no seu nível mais baixo, no nível do servo.

Aqui se unem os desafios da opção pelo pobre e da inculturação.

As comunidades inseridas constituem uma experiência fecunda para alentar o futuro modelo da VR. É importante situar-se onde a vida está germinando. A grande sabedoria do profeta consiste em discernir os lugares e os tempos. "Sentinela, onde estamos da noite?"

É saber perceber que "algo novo está nascendo".

Parece que não é difícil acrescentar aos outros ministérios, o tão necessário, atual e profético MINISTÉRIO DA SOLIDARIEDADE, DA PRESENÇA, DA CONVIVÊNCIA.

Experiência de Deus, reconstrução da comunidade, volta à pobreza evangélica, inserção na periferia, fronteira e deserto... tantos passos que poderão ajudar a VR a superar o peso do marasmo que o final do século e do milênio pode desencadear ainda de maneira mais forte.

Comprometimento com os ministérios da solidariedade, da presença, da convivência; o ministério da esperança; o ministério da compaixão, da misericórdia, da ternura; o ministério da vigilância e da conversão, outras tantas portas de saída e de entrada num caminho de testemunho e de profecia.

O MAIOR DESAFIO

Penso que neste momento, tão confuso e desconcertante, mas tão carregado de promessas e esperança para quem crê, o maior desafio apresentado à VR é a HUMANIZAÇÃO.

A VR está chamada a oferecer à sociedade modelos alternativos de relações, de participação, de organização. Para isso ela

tem que ser criativa e fiel. A Exortação Apostólica Vida Consagrada nos sugere essa FIDELIDADE CRIATIVA como resposta aos grandes desafios do tempo. Tarefa bonita, quando consideramos a abertura e confiança que a Igreja está manifestando com relação à VR.

Os gritos surdos, que não são sempre expressos e nem compreendidos, saindo das vidas e situações concretas de nossos povos, podem ser traduzidos, creio eu, por uma ânsia de reconciliação, de reconstrução, de ressurreição.

Então, fico imaginando mais um ministério que chamo de MINISTÉRIO DE HUMANIZAÇÃO, capaz de favorecer, de ajudar, de testemunhar ao mundo a imagem de uma sociedade Reconciliada, Reconstruída, Ressuscitada.

Uma sociedade RECONCILIADA

- com a NATUREZA
- com a VIDA
- com o SAGRADO

Uma sociedade RECONSTRUÍDA

- em sua DIGNIDADE
- em seu DIREITO
- em sua LIBERDADE

Uma sociedade RESSUSCITADA

- na sua FÉ
- na sua ESPERANÇA
- na sua ALEGRIA

Reconciliação, reconstrução, ressurreição que têm tudo a ver com a relação com o Pai, com o Filho, com o Espírito. E nos lembra, de maneira profunda, a opção que a VR tem de seguir Jesus Cristo, unindo-se a Ele pelos votos de Pobreza, Obediência e Castidade.

Como dar resposta à nossa esperança?

Cabe a nós, que agora estamos vivendo — nesta realidade, neste contexto histórico, decidir qual o sentido de nossa vida e como nos servir dos instrumentos e mediações existentes — presença do Espírito

— para a relação do grande Projeto de Deus para nossas vidas.

Uma certeza podemos ter: o Espírito de Deus paira sobre a situação, sobre o caos e está pronto a CRIAR, a RECRIAR, a TRANSFORMAR, a RENOVAR e fazer novas todas as coisas, abrindo-nos a um novo milênio com a feliz esperança de novos céus e nova terra, num mundo outro e pleno de VIDA.

COMO CONCLUSÃO

Não sei se alcancei o objetivo que me propus. Eu dizia que tinha o propósito de provocar, incomodar, produzir reações.

Tentei apontar, com a ajuda de pessoas mais capazes e entendidas, alguns aspectos da VR atual, sobretudo naquilo que ela apresenta de desafio, de questionador, de vulnerável mesmo.

Mostrei a necessidade de ser, como VR, sinal, símbolo, parábola e profecia do Reino.

Apontei alguns ministérios que serão capazes de preencher os vazios e dar respostas às principais carências de nosso tempo.

É tempo de ESPERANÇA e de SEMEADURA.

É tempo de revisão, de avaliação, de auto-crítica, de projeção.

É tempo de nos apresentarmos ao mundo como TERAPIA e BÊNÇÃO como nos propõe a Exortação Apostólica Vida Consagrada.

Iniciei esta nossa conversa com a ajuda do Profeta Isaías e quero concluir com outras palavras que me falam muito alto, dando-as como presente de Deus capaz de facilitar a caminhada.

Vou tomá-la do Apocalipse, nos capítulos 2 e 3. São as promessas que o Anjo faz às Igrejas, depois lhes ter revelado sua

verdadeira situação. Sem sombras e máscaras. Elas são desnudadas pelo conhecimento e pelo “juízo de Deus” (crise) e alentadas pela força de uma promessa que as leva adiante. Quem assim seja para nós. Vamos nos apropriar delas, acolhê-las com o coração e, firmes na esperança, agradecer por sermos agraciadas com esse dom de Deus.

“Conheço tuas obras, teu labor e tua perseverança” (2, 2).

“És perseverante: sofreste por causa do meu nome e não perdeste a coragem” (2, 3).

“Sei de tua tribulação e de tua pobreza” (2, 9).

“Continuas ligada a meu nome e não renegaste a fé” (2, 13).

“Conheço tuas obras, teu amor, tua fé, tua dedicação e tua perseverança; tuas últimas obras ultrapassam em número as primeiras” (2, 19).

“Tens pouca força e contudo guardaste minha palavra e não negaste o meu nome” (3, 9).

Por isso: “O que tem ouvidos para ouvir, ouça:”

“Ao vencedor darei de comer da árvore da vida” (2, 7).

“Ao vencedor darei o maná escondido; dar-lhe-ei também uma pedra branca e, gravado sobre ela, um nome novo, que ninguém conhece, a não ser aquele que a recebe” (2, 17).

“Ao vencedor darei a estrela da manhã” (2, 28).

“O vencedor se trajará com vestes brancas: não apagarei seu nome do livro da vida e por ele responderei diante de meu Pai e de seus Anjos” (3, 5).

“Porque guardaste minha palavra com perseverança, eu também te guardarei na hora da provação” (3, 10).

“Do vencedor farei uma coluna no templo de meu Deus e dele nunca mais sairá e inscreverei nele o nome do meu Deus e o nome da cidade do meu Deus, a Nova Jerusalém que desce do céu de junto de Deus, e meu nome novo” (3, 12).

“Ao vencedor concederei sentar-se comigo no meu trono, como eu também alcancei vitória e fui sentar-se com meu Pai no seu trono” (3, 22).

E podemos acrescentar a essas promessas a condição que as precede:

“SÊ FIEL ATÉ A MORTE”, ainda que seja pelo martírio!

Bibliografia:

- Felicísimo Martínez Díez, OP
Refundar la Vida Religiosa
San Pablo, 1994 – Madrid
- Herman Schaluck, Superior Geral OFM
“Herança perene, novos desafios”
Convergência – abril 1996 – p. 170 ss.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O texto de Ir. Elza faz um elenco de sinais que justificarão a existência e a presença da Vida Religiosa nos anos futuros. Procure refletir sobre esses sinais: Em que medida eles animam a vida da sua comunidade e da sua província ou Congregação? Partilhe na comunidade a sua reflexão.
2. A autora apresenta também uma série de características mais peculiares da Vida Religiosa na América Latina, no momento atual, e faz algumas “provocações”, a partir dessas características.

- Procure responder em comunidade a essas “provocações”.
- A Vida Religiosa de nossas Congregações, comunidades está vivendo essas características? Que fatos comprovam essa afirmação?
 - Quais delas precisariam ser assumidas com maior determinação a fim de que a presença da Vida Religiosa seja transformadora da realidade?
 - Como fazer dessas linhas força dinamizadora para a evangelização na Igreja particular em que estão inseridas nossas comunidades?

VIDA RELIGIOSA E CONTEMPORANEIDADE

Frei Prudente Nery – OFMCap.

Cristão, originariamente,
largueza de coração, alegria,
sorriso agradecido de quem
experimenta, em sua vida,
o amor de Deus, a redenção de
Jesus Cristo,
a fraternidade das pessoas.

Em 1832, Gregório XVI, manifestando-se sobre a sua época, escrevia: *A maldade rejubila alegre, a ciência se levanta atrevida, a dissolução é infrene. Menospreza-se a santidade das coisas sagradas. Nem as leis divinas nem as instituições nem os mais santos ensinamentos estão ao abrigo dos mestres da impiedade. Impugna-se a autoridade divina da Igreja [...]. O clamoroso estrondo de opiniões novas ressoa nas academias que contestam abertamente a fé católica*¹.

Cento e sessenta e um anos depois, em 1993, a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, nos Lineamenta para a Assembléia Geral Ordinária sobre a Vida Religiosa, assim se expressava: *Um dos problemas*

*cruciais de hoje na vida consagrada é o de enfrentar o impacto da modernidade e da cultura pós-moderna da sociedade, profundamente contrárias aos valores evangélicos*².

À exceção do breve tempo em torno do Concílio Vaticano II, em que a Igreja encontrou palavras de aberta simpatia para com os homens de sua época, este tem sido o subtom dos discursos eclesiais sobre a contemporaneidade: indiferença para com Deus e com as coisas sagradas, ateísmo prático e existencial, secularismo e mundanização, relativismo ético, flutuação doutrinária, culto do subjetivismo, aversão à autoridade e às leis supra-individuais.

Houve, nos últimos quatrocentos anos de nossa história, em todas as áreas do saber e em todos os arranjos culturais, indubitavelmente, revoluções surpreendentes. Alargou-se consideravelmente a nossa consciência. Temos, hoje, à disposição, um impressionante arsenal de conhecimentos sobre Deus e o homem, sobre o mundo e a vida, sobre as estruturas sociais, os mecanismos do poder, a arqueologia da alma humana, sobre a Igreja, as Escrituras Sagradas, o sagrado e o profano, as culturas e a ética. Com a sensibilidade que lhe é própria, a Igreja tem percebido isto: o mundo já não é mais o mesmo. Mas se-

¹ Mirari vos, 2 — em Documentos Pontifícios, 34, Vozes — Petrópolis (1961), p. 4.

² A vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, 29 e — em A voz do Papa, 129, Ed. Paulinas — São Paulo (1993), p. 62.

riam, de fato, o tempo e o homem de hoje piores que o homem e o tempo de ontem? Esta questão merece a nossa análise. Esbravejar, de modo pretensamente profético, lamúrias e indignados anátemas contra a contemporaneidade, sem tentar surpreender a *anima* e compreender o *animus* de nosso tempo, pode até ter algum efeito para aliviar a consciência, mas será ineficaz também no presente, como já o foi no passado. Acastelar-se, mais uma vez, nas fortalezas do *sempre o mesmo* e, de lá, vociferar furiosas críticas contra tudo aquilo que, de diferente e novo, se desenha no horizonte do mundo, revelou-se, no passado remoto e recente da Igreja, como de pouca utilidade. É que os homens já não precisam mais do consentimento eclesiástico para levar adiante a sua história. Ou a Igreja ousa caminhar com eles, ou eles irão à frente sem ela, como, aliás, já o fazem.

Mas serão, realmente, os homens contemporâneos *mestres da impiedade*, indiferentes para com Deus, moralmente dissolutos, mundanos, individualistas, anômalos, adversos e avessos às autoridades? Haveria mesmo uma contradição essencial entre a contemporaneidade e o Evangelho de Jesus Cristo? Ou não haveria, antes, entre ambos, surpreendentes afinidades, convergências e incidências mútuas, se olhássemos a nossa época um pouco mais benevolamente? É o que, sumariamente³, tentaremos propor aqui à reflexão, abordando rapidamente algumas das acusações mais freqüentemente feitas contra a contemporaneidade.

Com insistência, acusa-se o homem de hoje de hedonista, afeito aos prazeres e às alegrias, refratário a sofrimentos, ascetes e renúncias. Mas não eram, exatamente, essas as acusações contra o primeiro grupo

daqueles que se reuniram ao redor de Jesus Cristo? Pelo menos na sua versão originária, o cristianismo nunca foi uma religião da ascese, do luto, das vestes sombrias, dos jejuns⁴, dos olhares turvos e tristes⁵. A transformação da cristidade numa fé sem sorrisos e em doutrinas que mais decepam cabeças do que encantam os espíritos foi, sem dúvidas, uma errância histórica bem tardia. Conhecemos, da bela e triste história do Cristianismo, exemplos impressionantes, uns quase jocosos, outros estarecedores, que quase transmutaram a fé cristã numa monstruosidade, um vilipêndio da natureza e uma grave irreverência para com a bondade do Criador. Santo Antônio (357), por exemplo⁶, ao que consta, nunca mais se banhou, desde os inícios de sua vida eremítica até à morte. Schnutte, um prior copta, surrava tanto os seus monges que seus gritos podiam ser ouvidos nas aldeias circunvizinhas; dele escreveu um discípulo: *ele comia apenas uma vez na semana... seus olhos eram como buracos ou cavernas, escurecidos pelas lágrimas que ele derramava a cântaros*. São Jerônimo (537) conta-nos, não sem um certo orgulho, ter conhecido um monge que jamais lavava suas roupas e só trocava a túnica quando esta, apodrecida, despencava aos pedaços. O dominicano Heinrich Seuse (1366), um brilhante discípulo de Mestre Eckhart (1328), o mais célebre místico cristão de seu tempo, carregou por oito anos seguidos uma cruz com trinta pregos, transformando suas costas, ao final, numa única ferida putrefata. Santa Maria Magdalena dei Pazzi (1607), uma carmelita de Florença, costumava revirar-se nos espinhos, pedia que lhe pingassem vela derretida sobre a pele, que pisassem no seu rosto e a chicoteassem. Narra-se que Santa Margarida Maria Alacocque (1690) costumava

³ O que segue são mesmo apenas algumas considerações fragmentárias, convites a uma ulterior reflexão que se aperceba dos muitos outros aspectos não tratados aqui.

⁴ Mc 2, 18-22.

⁵ Mt 6, 16-18.

⁶ Os exemplos poderiam recobrir páginas e páginas; recolhemos aqui apenas alguns dentre os mais ordinários.

comer pão embolorado e frutas podres e, para humilhar-se a si mesma, teria, certa vez, chegado ao extremo de ingerir o vômito de um enfermo. Em menores proporções, tais mortificações e auto-flagelações físicas foram praticadas até recentemente no cristianismo ocidental⁷. Por sinceros e bem intencionados que tenham sido tais heroísmos, eles pouco ou nada têm a ver com Jesus Cristo, este homem da sóbria alegria⁸. Não. Não foi para o sofrimento e a cruz, mas para a mesa farta, a música, o brinquedo, o jardim, o abraço e para a ternura que Deus nos chamou à vida e era

isso o que Jesus mais queria: reconduzir-nos ao paraíso perdido de nossa última verdade, o Reino de Deus, onde fôssemos, *todos*, filhas e filhos da Prodigalidade, não mendigos da penúria. Originariamente cristãos são, assim, a largueza de coração, a generosidade, a alegria, a ludicidade, o bom humor, o sorriso agradecido⁹ de quem experimenta, em sua vida, o amor de Deus, a redenção de Jesus Cristo e a fraternidade dos homens. Não poderiam os homens de hoje, neste aspecto, estar mais próximos de Jesus Cristo do que muitos cristãos que deformaram sua fé em desprazer, para si e

⁷ Mas como neutralizar as críticas feitas, no passado e no presente, contra o Cristianismo, ou como defender a fé cristã contra as acusações em grande parte verazes de provocar, sobretudo nos clérigos, nos religiosos e religiosas, infantilismos, infelicidades, ressentimentos, rancores, enfim, desequilíbrios irreparáveis se, hoje ainda, insistimos em declarar como santidade tantas posturas e atitudes (sacrifícios não mais da carne, mas do espírito e da alma!) que há muito foram decifradas como patologias? Vejamos o que escrevia o poeta libanês Kahlil Gibran, em 1946, numa das mais impressionantes páginas de toda sua obra: *Em minha juventude contaram-me de uma cidade, na qual todos viviam segundo a Sagrada Escritura. Então eu disse: Quero procurar esta cidade. Tomei grandes providências para a viagem, pois o caminho até lá era longo. Depois de quarenta dias, avistei minha meta e no quadragésimo primeiro dia entrei na cidade. E veja: todos os habitantes tinham somente um olho e apenas uma mão. Fiquei surpreso e pensei: será mesmo que, nesta cidade, todos tenham um só olho e uma só mão? Então vi que também eles estavam admirados e maravilhavam-se por causa de minhas duas mãos e meus dois olhos. Enquanto eles conversavam, aproximei-me deles e perguntei: É esta a cidade, na qual todos vivem segundo a Sagrada Escritura? Eles me responderam: Sim, é ela. Mas o que, tornei a perguntar, o que vos sucedeu e onde estão vossos olhos e vossas mãos direitas? Uma inquietação percorreu a multidão e eles disseram: Vem e vê. Então eles me levaram ao centro da cidade, ao Templo. Ali eu vi um grande número de mãos apodrecidas e olhos. Chocado, perguntei: Que conquistador realizou tal atrocidade contra vós? Outra vez um murmúrio percorreu a multidão. Um dos mais velhos antecipou-se e disse: Nós mesmos fizemos isto. Deus fez-nos vencedores sobre o mal que habitava em nós. Em seguida, ele me conduziu até o altar-mor. Todos nos seguiam. E ele me mostrou uma inscrição cinzelada em pedra e lá eu li: "Se teu olho direito é para ti uma pedra de tropeço, então arranca-o e lança-o para longe de ti; pois é melhor para ti perder um de teus membros do que ser lançado no inferno todo o teu corpo. E se tua mão direita é para ti pedra de tropeço, então corta-a e lança-a para longe de ti; pois é melhor para ti perder um de teus membros do que ser lançado no inferno todo o teu corpo". Quando saímos do Templo, num piscar de olhos, deixei aquela cidade sagrada...*

⁸ Elencar Jesus na fileira dos anacoretas, dos eremitas, dos ascetas e dos encratistas seria, no mínimo, um grave equívoco. Com surpreendente naturalidade, os evangelhos nomeiam Jesus em freqüente relacionamento com homens e mulheres, refeições, banquetes e perfumes (cf. Lc 7, 36-50, uma cena na qual tudo isto ocorre de uma só vez). Por tal conduta, Jesus foi atacado pelos seus adversários com as qualificações nada elegantes de *glutão* e *beberrão* (Mt 11, 19).

⁹ É uma questão de sensibilidade: quem conhece as suas próprias misérias e não perde de vista a dor de seus irmãos e os intermináveis sofrimentos das criaturas, ainda que conheça instantes de sorrisos, trará consigo, para sempre, uma velada tristeza... enquanto durar a história e sua enigmática ambigüidade. É o que nos recorda Agostinho, quando afirma que há uma *tristitia laudabilis* (De Civ. Dei, 14), própria daqueles que se sentem ainda longe da plenitude, peregrinos ainda num mundo irredento, ou redimido apenas na esperança. Seria bom, entretanto, recordar que os excessos da tristeza, isto é, a acídia e toda a sua parentela (a pusilanimidade, o torpor da alma, o desespero, a sonolência do espírito, as lamúrias, o luto descomedido, a melancolia interminável) sempre foram considerados pelos evangelhos como indicativos de uma ausência de fé (Lc 24, 13-35; Mc 16, 14). Compreende-se, assim, porque muitos dos grandes mestres da espiritualidade cristã não vacilaram em indexar a acídia no catálogo dos pecados mortais, isto é, daqueles desvios que podem significar a perda da vida... já agora.

para os outros? Não deveria a Vida Religiosa, à vista disto, repensar muitos de seus organismos, costumes e modos de viver que acabam, inevitavelmente, transformando a *leveza e suavidade* de Jesus Cristo¹⁰ num peso que, ao final, só desestrutura e arruína vidas humanas, irreparavelmente?

Racionalista é outra denúncia que se faz contra o homem de hoje e com boas razões. O homem, nos últimos quatrocentos anos, exercitou, como nenhuma outra, esta sua capacidade. Ele foi longe. Dilatou impressionantemente seus conhecimentos sobre o mundo e sobre si mesmo, iluminou, com a luz de sua razão, realidades até então obscuras. Muitos mistérios se dissolveram, provocando em determinadas áreas religiosas o sentimento de uma dessacralização do mundo ou uma mundanização do sagrado. A razão, porém, não é nem contra nem a favor de Deus, ela apenas quer saber. Este é o seu instinto e direito. Dificultosa ficou a situação apenas para aquelas verdades religiosas que se sustentam sobre a irracionalidade ou para alguns anunciadores da religião que se valem das fragilidades da razão para, nas lacunas do saber, introduzir suas doutrinas. Sem dúvida: o Deus, que ora ressurge nos horizontes de nosso tempo, já não é mais o Deus, sobre o qual tanto parecíamos saber. Ele nos é, hoje, por força de nossa argúcia racional, bem mais retraído, silencioso, menos conhecido, menos necessário e, em consequência, mais cheio de graça, mais misterioso e, talvez por isso mesmo, mais divino. Não estaria este Deus, que hoje, no uso rigoroso de nossa racionalidade, redescobrimos como velado e humilde¹¹, muito mais próximo do Deus que Jesus nos ensinava a buscar e encontrar no recesso da sobriedade e no obscuro da vida¹², do que do Deus dos sacerdotes e escribas, antigos

e novos, com toda a sua prolixidade sacral? Não estaria a fé, em nossos dias, justamente por causa da perspicácia da razão, convidada a ser ela mesma: não mais um infra-saber, não mais um sacrifício intelectual, não mais um amontoado de afirmações só sustentáveis por força de autoritarismos, medidas disciplinares e indiferença analítica, mas uma declaração de lúcido amor pelo mistério de todas as coisas? Não estaria, igualmente, a própria Teologia obrigada a ser mais teo-logia e menos o que ela, com frequência e tristemente, tem sido ainda: uma pseudo-ciência, abaixo e aquém de todo *ethos* científico, uma ciência submissa, mais tutelada por imperativos ideológicas do que um saber iluminado, sim, pela luz da fé, mas guiado pelo rigor da razão? Não nos obriga a assim crítica racionalidade da contemporaneidade a levar um pouco mais a sério um dos mais arcaicos mandamentos religiosos da humanidade: *não tomar o nome de Deus em vão*, banalizando, em leviandades reflexivas e superficialidades discursivas, o mais recatado de todos os mistérios? Sabemos: a razão apenas não nos basta, em nenhuma área da existência humana. Mas é preciso levar muito a sério as emoções da razão, se não quisermos transformar a experiência de Deus em vivências irracionais ou em espetáculos folclóricos. Não poderia ser a contemporaneidade, com seu silêncio sobre Deus, um convite aos religiosos a não só reconsiderarem a sua pretensiosa hierociência, mas a dar mais consistência crítica às suas convicções religiosas, desfazendo-se, de vez e corajosamente, de certos infantilismos religiosos?

Imanentismo é uma outra censura contra a contemporaneidade. O homem de hoje já não mais se interessaria pelo sobrenatural. Suas energias se esgotariam todas ape-

¹⁰ Mt 11, 30.

¹¹ Um Deus perigosamente avizinjado ao nada (de tudo que sobre ele imaginamos, sabemos e representamos), verdadeiramente: um *non aliud*...

¹² Mt 6, 5-8.

nas nas suas carreiras intramundanas e nada mais. Horizontalismo é a palavra que resumiria as direções de seus interesses. Bem entendido, não haveria também aqui uma esquecida afinidade de nosso tempo com o cristianismo, na sua versão originária? A fé cristã assegura que Deus não ficou nas alturas inacessíveis nem nas profundezas inabordáveis de seu mistério, mas fez-se mundano e nosso irmão, provocando-nos, desde então, a buscá-lo, não nos êxtases que nos arrancam deste mundo, mas na simplicidade quase banal de nossa existência, decifrando e surpreendendo sua presença no emaranhado de nossas pobres relações. Vale dizer: Deus, nós jamais o teremos diretamente e, encontrando-o, será sempre na mediação do mundo, em retraído mistério que inesgotavelmente nos fascina. Aliás, o que vem a ser horizontalismo e verticalismo no interior do cristianismo, se aqui se afirma exatamente a juntura destas duas direções, formando o seu próprio mistério de amor: a cruz, da qual, dizemos, pendeu a salvação do mundo? Ainda e sempre, o que falta à Igreja e à Vida Religiosa, em seus discursos e práxis, não são referências verbais ao sagrado — destas estão repletas a Igreja e a Vida Religiosa, à saciedade! —, mas uma decidida e dedicada paixão pelo mundo e por suas criaturas. Numa provocativa inversão dos lugares comuns religiosos, esta é a lição que nos dá o próprio Jesus Cristo: só alcança o Mistério de Deus quem se rebaixa na direção do mundo e dos homens. Segundo renomados peritos das escrituras cristãs, a história do bom samaritano¹³ é mesmo jesuânica. Ali Jesus proclama ine-

quivocamente: a verdadeira religião teria consistido em interromper o caminho para Jerusalém, na direção do santo dos santos, para recolher, no carinho dos próprios cuidados, o irmão que sofre. Um evidente reducionismo, imanentismo e horizontalismo, mas este era o modo de ser de Jesus Cristo.

Quanto à subjetividade, termo usualmente empregado nos escritos e discursos religiosos como quase sinônimo de individualismo, egoísmo, anarquia, desrespeito irresponsável às normas universais e objetivas, urge que se façam distinções. A coisa é antiga. Só mesmo na Igreja Católica, com seu proverbial comedimento reativo às vicissitudes da história¹⁴, é que a questão se configura como nova. Coube a René Descartes, em 1637, cunhar em palavras o que vinha sendo formado no espírito humano, então há pelo menos trezentos anos: *nada deve ser recebido como verdadeiro se não foi reconhecido — por mim — como tal*. Lenta, mas inexoravelmente, tudo — das afirmações do senso comum até às verdades tidas como reveladas! — passou a ser submetido ao tribunal da razão analítica. E doravante, já não basta mais que uma sentença seja antiga, que ela tenha sido pronunciada por venerandas autoridades e nem mesmo que ela esteja, positivamente, contida nas Escrituras Sagradas ou nas tradições católicas, para que seja aceita como verdadeira e obrigue as consciências. Todo e qualquer ensinamento, doutrina, norma, lei, convenção e instituição que não puder ser compreendido nos seus pressupostos, verificado na sua plausibilidade e atestado

¹³ Lc 10, 29-37.

¹⁴ A Igreja, por se entender como a memória viva, até o fim dos séculos (Mt 28, 20), da última revelação de Deus aos homens, acontecida na figura histórica de Jesus de Nazaré, corre o perigo permanente de caminhar, história adentro, sempre de costas para aquilo que, do futuro, vem ao encontro dos homens, identificando-se, assim, mais como uma guardiã do passado do que como precursora do por-vir, inobstante sua própria confissão de fé de que aquele que, um dia, esteve entre nós voltará, à frente de nosso caminho histórico. É de enviados celestiais a mensagem: para sermos discípulos fiéis de Jesus Cristo, não precisamos ficar olhando para cima e menos ainda para trás (At 1, 11). Saudades, ainda que compreensíveis, são sempre recordações do que se foi; e por mais consoladoras que sejam, elas podem se transformar em intransponíveis bloqueios nos caminhos da esperança e da vida.

na sua consistência pela experiência pessoal é, quando não rejeitado, acolhido apenas como um hipotético possível ou suportado como impostura autoritária. Não seria isto, esta descoberta aparentemente nova da sacralidade da pessoa humana, apenas o desdobramento histórico-epocal¹⁵ daquilo que Jesus Cristo, na sua linguagem típica, há tanto tempo, proclamava: *Ouvistes o que foi dito aos antigos*¹⁶, *eu, porém, vos digo...*¹⁷, ou em outro lugar: *o homem é maior do que todas as leis?*¹⁸ Não deveria a Vida Religiosa, no confronto com a contemporaneidade e sua valoração da pessoa¹⁹, (re)aprender que fraternidade não é confraria e que comunidade não é coletivismo, que elimina a graça das diversidades que a todos enriquece, mas convivialidade de alteridades, em que o outro, exatamente na sua inconfundível diferença, nos é dado pela prodigalidade de Deus como dádiva celestial para o vazio do que, em nossa pobreza, nos falta? *Eu vos declaro: há algo no mundo que é maior que todos os templos*²⁰. Não deveriam as religiosas e os religiosos, como aqueles que se querem devotados seguidores de Jesus Cristo, traduzir, finalmente, esta verdade em estruturas que respeitem *aquilo que, segundo o próprio Jesus Cristo, é mais sagrado que todos os templos*: a pessoa humana? Os clérigos não são funcionários eclesiásticos nem os religiosos, serviçais de seus institutos. Antes: a Igreja, como toda e qualquer instituição no seu interior, deve ser

apenas o espaço em que as pessoas se encontrem com a absoluta finalidade de sua vida: Deus.

É claro: subjetividade pode se degenerar em egocêntrica, paixão pelo mundo em mundanismo, felicidade em luxúria, ternura em lascívia. Mas os desvios podem ocorrer também do outro lado e não serão menos graves: as leis podem se transformar em legalismo, a sobriedade em amargura, a ascética em auto-destruição, a fraternidade em tirania do coletivo, o comunitário em massificação. E se o que foi dito acima tem alguma plausibilidade, então a contemporaneidade não é um amontoado de escombros, mas um instante também de graça. Talvez a florada de algumas sementes já tidas como mortas ou simplesmente desconhecidas e que agora rebentam em inesperada e perturbadora beleza²¹. Talvez a emergência de algumas virtualidades esquecidas do Evangelho. Talvez, pois seguramente ainda não o sabemos. Por ora, o que sabemos é apenas isto: numa época em que o desprezo pela contemporaneidade considera-se já quase como uma espécie de profetismo eclesiástico, parece oportuno que nos coloquemos tais questões e sobre elas reflitamos sem ira, com desvelo. Afinal, a contemporaneidade, de forma alguma, é o céu, mas definitivamente ela também não é o inferno. Ela é apenas o intervalo histórico no qual vivemos e no qual, intransferivelmente, somos convida-

¹⁵ *Trovões*, dizia Nietzsche, *precisam de tempo...* até que possamos ouvir o seu tonitroar. Aquilo que chamamos hoje de subjetividade talvez seja apenas a reverberação tardia desta explosão de sentido, longínqua e profunda, chamada Jesus Cristo.

¹⁶ E citava aqui tradições seculares de sua própria religião...

¹⁷ E às tradições sagradas contrapunha a desprotegida fragilidade de sua subjetividade: *eu, porém...* (Mt 5, 21. 27. 31. 33. 38. 43).

¹⁸ Mc 2, 27.

¹⁹ Pessoa, na sua conceituação clássica, significa unicidade intransferível. Pela sua própria participação no ser de Deus, ela possui uma dignidade incondicional que jamais pode ser subordinada a nenhum outro objetivo e finalidade que não seja Deus mesmo. Assim, a pessoa vale não pela sua funcionalidade, não pela sua eficiência na estrutura social ou na comunidade religiosa, mas por apenas ser.

²⁰ Mt 12, 6.

²¹ *Semina Verbi?*

dos a viver a nossa te. E é a te que nos assegura, frágil e firme: o ontem, o hoje e o amanhã são conduzidos não por queixu-

mes ressentidos nem por denúncias inflamadas nem por decretos ético-autoritários, mas pelas mãos invisíveis do espírito.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. No começo do seu artigo, o autor se propõe responder à seguinte questão:

“Haveria mesmo uma contradição essencial entre a contemporaneidade e o Evangelho de Jesus Cristo? Ou não haveria, antes, entre ambos, surpreendentes afinidades, convergências e incidências mútuas, se olhássemos a nossa época um pouco mais benevolamente?” Depois da leitura atenta do artigo procure responder a essas perguntas:

- Você crê que o autor conseguiu realizar a tarefa que se propôs no início do

artigo, esclarecendo a questão levantada ali?

- Você concorda com as principais conclusões a que ele chega a esse respeito?
- Qual é a sua atitude mais comum diante dos desafios que a contemporaneidade coloca para homens e mulheres comprometidos com o Evangelho de Jesus?

2. Procure partilhar com sua comunidade aqueles aspectos do artigo que foram mais questionadores para você.

RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NA VIDA RELIGIOSA FEMININA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

O objetivo primordial deste Projeto é descobrir a passagem de Deus através dos últimos quarenta anos de história da Vida Religiosa Feminina, para concretizar sua identidade no processo vivido e descobrir novos caminhos.

1ª PARTE: APRESENTAÇÃO DO PROJETO

1. ORIGEM E ALGUNS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

1.1. Plano Global da CLAR de 1991

O Plano Global da CLAR para 1991-1994 incluía um projeto intitulado: "O papel da mulher na sociedade, na Igreja e na Vida Religiosa". Tal projeto tinha como objetivo inicial reconhecer, fomentar e promover entre as religiosas e religiosos uma crescente tomada de consciência da dignidade e missão da mulher, seu ser, seu

papel, diante da Sociedade, da Igreja e da Vida Religiosa.

1.2. Oficina de Bogotá – Setembro de 1993

Em setembro de 1993, realizou-se uma oficina continental em Bogotá. As religiosas que dele participaram disseram sentir-se chamadas por nosso bom Deus, Pai e Mãe providente, terno, com força feminina, que se manifesta através da harmonia e igualdade dos sexos: para recuperar seus espaços e fazer crescer o específico de seu ser feminino e exercer seu profetismo a partir da recuperação da memória histórica que a liberte de qualquer escravidão e ajude a criar novas relações.

Entre os compromissos adquiridos, surgiu este Projeto de Investigação sobre a "Recuperação da Memória Histórica da Mulher na Vida Religiosa Feminina na América Latina e no Caribe", utilizando um método de Investigação participativa. Ao mesmo tempo, era necessário dar impulso à reflexão sobre: Mulher e Gênero; Mulher e Teologia, Mulher e Bíblia; Mulher e Espiritualidade.

1.3. Encontro em Bogotá – Setembro de 1995

Para alcançar os fins propostos, programou-se um encontro em Bogotá no mês de setembro de 1995, com um pequeno

grupo de religiosas, convocadas pela CLAR, e que, em sua maioria, haviam participado na Oficina de 1993.

Nesse encontro, foram trabalhados os temas de Gênero e Identidade feminina para relacioná-los com a Vida Religiosa; foram estudados os elementos para a Metodologia da Investigação e elaborou-se um rascunho do questionário destinado a recolher as fontes históricas.

Finalmente, foi nomeada uma Equipe Continental Coordenadora desse Projeto e foram recolhidas algumas contribuições para a preparação de um encontro em Guatemala.

1.4. Encontro em Guatemala – Março de 1996

Ali foi feita a apresentação do Projeto “Recuperação da Memória Histórica da Mulher na Vida Religiosa Feminina da América Latina e do Caribe”. Refletiu-se sobre o tema da Identidade e foram concretizados acordos sobre a metodologia, organização e operacionalização do Projeto.

Participaram trinta e seis Irmãs, representantes de dezoito países, delegadas pelas Conferências Nacionais, as quais se comprometeram a realizar o Projeto, depois de tê-lo assumido com grande entusiasmo.

O sentimento das participantes foi expresso a uma voz: **“O encontro constituiu-se num verdadeiro KAIROS para a Vida Religiosa”**.

2. JUSTIFICATIVA

Não pretendemos fazer uma simples Investigação sócio-histórica, mas deixar memória do caminho percorrido pela Vida Religiosa Apostólica Feminina da América Latina e do Caribe, durante os últimos quarenta anos. Trata-se de um caminho que tem como pauta o afã de seguir Jesus Cristo, evangelizador do Reino, sua inserção no povo e sua identificação com os “pequenos”.

Por que dissemos “Recuperar a Memória Histórica”?

A história destes últimos quarenta anos foi muito significativa para a América Latina e para o Caribe e como História de Vida Religiosa Feminina ainda não foi recolhida em seu conjunto, numa visão integradora e com o olhar da mulher.

Esta história está aí, viva; e “recuperar a memória” tem um profundo sentido: é recordar (re = voltar; cordis = coração), “voltar com o coração” ao fato, àquilo que fizemos e ao que nos fizeram. O Povo de Israel, em cada etapa de sua história, repetia como hinó glorioso e com grande fé: “Meu pai era um arameu errante, que desceu do Egito... e Iahweh escutou-nos e trouxe-nos aqui para dar-nos esta terra...” (Dt 26, 6-9; Sl 105-106).

Não podemos construir Hoje algo novo, esquecendo o Ontem, memória viva do acontecido. A transformação percorrida, de algum modo, liga-nos ao passado, que, de forma alguma, como mulheres, podemos deixar cair no esquecimento ou na inconsciência; pelo contrário, será uma memória que fará surgir novas utopias, porque Deus continua revelando-se-nos hoje, como história de Salvação.

Em segundo lugar, a CLAR opta por recolher essa Memória Histórica da Vida Religiosa Feminina para responder aos desafios que as Mulheres sentimos hoje, a partir da ação de Deus na história e do nascimento de uma nova cultura sobre a Mulher como sujeito histórico, assim o reconhecem o Documento de Santo Domingo (SD ns. 104-110) e a Exortação Apostólica Pós-sinodal Vida Consagrada (VC ns. 57 e 58).

“Igualmente, é necessário reconhecer que a nova consciência feminina ajuda também os homens a revisar seus esquemas mentais, sua maneira de autocompreender-se, de situar-se na história e interpretá-la e de organizar a vida social, política, econômica, religiosa e eclesial...” (VC n. 57).

Em terceiro lugar, pelo significado e protagonismo da Vida Religiosa Feminina na Igreja e na sociedade da América Latina e do Caribe, é importante recuperar a "Memória Histórica" e fazer uma hermenêutica dessa história como mulheres religiosas, porque existe aí uma contribuição específica que deve dar-se com responsabilidade e audácia, criatividade e novidade, a nível bíblico-teológico, antropológico e espiritual da Vida Religiosa Feminina.

A Investigação pretende recolher a história e o processo dessas buscas, com seus sucessos e seus desacertos; quer fazer constar tudo o que, à luz do Evangelho e da práxis de Jesus, pode ser considerado positivo e é necessário continuar desenvolvendo.

Nesse empenho, uma ajuda importante será a reflexão teológica sobre os dados recolhidos, que estão motivados, penetrados pela fé, e serão iluminados e interpretados a partir da reflexão crente das/dos teólogas/os.

Não será necessário confessar nosso decidido propósito de evitar anacronismos ou qualquer tipo de reducionismo, tanto na reflexão como nas projeções de futuro que dela brotarem.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo Geral

Recolher a Memória Histórica da Mulher na Vida Religiosa Feminina Apostólica da América Latina desde 1959, com o intuito de constar e reafirmar as metas alcançadas em seu processo de Identidade de Mulheres Consagradas em relações de comunhão e reciprocidade, e de serviço ao povo, a fim de impulsionar a reflexão, o discernimento e o compromisso que deve ter como Vida Religiosa Feminina, frente aos desafios deste terceiro milênio.

3.2. Objetivos específicos

3.2.1. Promover, nos diferentes países da América Latina e do Caribe, uma reflexão sistematizada (1959-1999) da história

da Vida Religiosa, segundo os carismas congregacionais e a partir da perspectiva feminina.

3.2.2. Reafirmar nossa Identidade de mulheres consagradas no seguimento de Jesus Cristo, situadas numa realidade social, eclesial e congregacional.

3.2.3. Propiciar, sob a ação do Espírito Santo, uma tomada de consciência da dignidade e da missão da mulher na Vida Religiosa, frente aos desafios de um novo milênio e de uma nova fase do processo de evangelização do continente.

3.2.4. Impulsionar a reflexão bíblico-teológica que recupere o ensinamento e a práxis de Jesus, com vistas a superar o modelo patriarcal e reafirmar o Projeto de Deus em relações de equidade e reciprocidade entre homens e mulheres.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PROJETO

O Projeto fundamenta-se na própria natureza do que é e deve ser a Vida Religiosa como dom gratuito de Deus à Igreja, e recriação dos carismas do Espírito no povo (Cf. PC ns. 1, 5, 8; LG n. 44; EN n. 69; SD n. 85; VC n. 1, 3, 19).

Vida Religiosa, marcada por uma história e um contexto determinado; em nosso caso, o da América Latina e do Caribe. Por isso, é tão importante levar em conta as diferentes dimensões em que se apóia esta Investigação:

- Dimensão antropológica
- Dimensão histórica
- Dimensão bíblico-teológica
- Dimensão eclesial.

Estas dimensões pretendem ser uma introdução ao Projeto, uma vez que cada país, em suas correspondentes conferências, ampliará este marco conceitual, que depois será enriquecido com as conclusões tiradas dos dados históricos numa hermenêutica teológica.

4.1. Dimensão Antropológica

O Projeto situa-se neste momento histórico de aceleradas e profundas transformações sociais e culturais. Essas transformações ajudam a revisar idéias, que durante séculos foram consideradas irrefutáveis, sobre a essência da Identidade da mulher e do varão.

João Paulo II, na carta "Mulieris Dignitatem", ao refletir sobre a Identidade e Dignidade das Mulheres, e na Exortação Apostólica "Christifideles Laici", afirma que a meditação sobre os fundamentos antropológicos e teológicos da mulher deve guiar a resposta cristã à pergunta, tão frequente, e às vezes tão perspicaz, sobre o espaço que a mulher pode e deve ocupar na igreja e na Sociedade (cf. CL n. 50).

O documento de preparação ao II Congresso Latino-Americano de Mulheres Católicas, promovido pelo CELAM, diz: *"A Igreja assume essas transformações como um profundo desafio à sua missão pastoral. Quando uma cultura se vê desafiada a realizar "novas sínteses vitais", é quando a Igreja se sente particularmente chamada a estar presente com o Evangelho. Puebla insinua o mesmo no número 393. Por isso, a crise de modelos tradicionais de feminilidade e masculinidade e o debate sobre os novos papéis de varões e mulheres, numa sociedade que se transforma, são outros desafios para a reflexão e a ação evangelizadora da Igreja"* (Pág. 22).

O documento de Santo Domingo (n. 108) considera como linha de ação urgente "discernir à luz do Evangelho de Jesus os movimentos que lutam pela mulher a partir de diferentes perspectivas para potencializar seus valores e iluminar o que pode parecer confuso e denunciar o que é contrário à dignidade humana".

O documento do CELAM diz também: "É necessário que varões e mulheres aprofundem na Investigação e reflexão sobre sua identidade, seus papéis, suas relações,

levando em conta as diferentes culturas e a problemática específica latino-americana. Esta reflexão, iluminada pela fé e pelos dados da revelação, irá configurando o verdadeiro rosto das mulheres e varões, até agora, em muitos casos sem desenho próprio ou deformado" (n. 84).

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vida Consagrada apóia esta nova antropologia a partir da mulher e reconhece sua importância: "Há motivos para esperar que um reconhecimento mais profundo da missão da mulher provocará cada vez mais, na Vida Consagrada Feminina, uma maior consciência do próprio papel, e uma crescente dedicação à causa do Reino de Deus" (n. 58).

4.2. Dimensão histórica

O Projeto tem um caráter histórico, uma vez que se trata de recuperar a "Memória histórica da mulher na Vida Religiosa Feminina na América Latina e no Caribe". Mas seu objetivo primordial é descobrir a passagem de Deus, através destes quarenta anos de história de Vida Religiosa Feminina, e ir concretizando sua Identidade no processo vivido, com a finalidade de descobrir novos caminhos.

Urge tomar consciência de que a Vida Religiosa e cada Instituto é uma realidade histórica e um acontecimento eclesial, que, a partir do núcleo, se desdobra e se configura em cada momento e lugar, segundo as exigências que lhe faz o Espírito, através da realidade do mundo e da Igreja. Daí a importância de levar em conta o contexto histórico.

A partir do Concílio Vaticano II, no Decreto Perfectae Caritatis, destacam-se alguns critérios para a renovação da Vida Religiosa, referentes à realidade social: "A maneira de viver, de rezar e trabalhar deve ajustar-se devidamente às atuais condições físicas e psíquicas... às exigências da cultura, às circunstâncias sociais e econômicas, em todos os lugares, mas particularmente nos lugares de missões" (PC n. 3).

A Exortação Vida Consagrada recomenda "... manter vivo o sentido da comunhão entre os povos, raças e culturas... que se ajudem reciprocamente em sua tentativa de compreender o desígnio de Deus nas atuais vicissitudes da história, para assim responder melhor com iniciativas apostólicas adequadas" (n. 53).

A Vida Religiosa Feminina de nosso continente encaminhou-se na direção dos pobres e marginalizados e, em não poucos casos, caminhou e está caminhando com eles, sem pretender mudar o curso da história a partir do poder e da violência, aos quais renunciou; mas a partir da debilidade dos pequenos. Essa busca em comum, em muitas frentes de missão: áreas de saúde, de educação, promoção humana e social, ação pastoral, etc.

Este é o Espírito que anima nosso projeto: ler na fé essa história da Vida Religiosa Feminina, em sua opção preferencial pelos mais pobres. Lê-la a partir de suas tentativas de viver a inserção nos diversos povos e culturas da América Latina e do Caribe.

4.3. Dimensão Bíblico-teológica

4.3.1. *Deus fala e acompanha seu povo*

Esta dimensão integra e dá sentido às anteriores; é como que a medula do Projeto. A História é o lugar teológico, no qual Deus fala a seu povo, acompanha-o. É um Deus de vida que se manifesta de diferentes maneiras, a partir dos rostos muito concretos na América Latina e no Caribe, onde intervém libertando os pobres. Quer, por livre escolha e vontade divina, estar a favor do ser humano e manter comunhão com ele, amá-lo e ser seu Deus.

Em seu grande amor, Deus encarna-se, revela-se num ser humano: Jesus Cristo, manifestação do Deus vivo que, na história, na materialidade, Deus se revela. Aí, dá-se o encontro com Ele. A experiência de fé, como Religiosas Latino-Americanas e Caribenhas, está muito ligada à vida, à história do Continente.

As religiosas procuram viver o Mistério da Encarnação na inserção, no acompanhamento aos pobres; na vivência da Páscoa, em meio à dor e à esperança do povo.

4.3.2. *Reflexão Teológico-cultural-espiritual*

Esta leitura bíblico-teológica a partir de nosso ser de mulheres é um convite que nos faz a própria Igreja, na Exortação Apostólica Pós-sinodal Vida Consagrada: "Espera-se muito do gênio da mulher no campo da reflexão teológica, cultural e espiritual, não somente no que se refere ao específico da Vida Consagrada Feminina, mas também na inteligência da fé em todas as suas manifestações (...). De fato, as mulheres têm um campo de pensamento e de ação singular e sem dúvida determinante: corresponde-lhes ser promotoras de um novo feminismo..." (VC n. 58).

4.3.3. *Vida Religiosa profética*

Nesta leitura de nossa história de Vida Religiosa Feminina situada na América Latina e no Caribe, queremos:

- Descobrir o Deus dos pobres e pequenos, opção preferencial da Igreja e da Vida Religiosa (Lc 4, 18; Mt 25, 40; Puebla ns. 733-734; SD n. 85; VC ns. 75 e 82).
- Sentir o chamado a uma Vida Religiosa Profética (Is 21, 3.4.6.8.12; Puebla ns. 743, 744 e 747).

"Em nosso mundo, no qual parece haver-se perdido o rosto de Deus, é urgente um audaz testemunho profético por parte das pessoas consagradas". "A fidelidade ao próprio Carisma conduz as pessoas consagradas a dar, em todos os lugares, um testemunho qualificado, com a lealdade do profeta que não teme arriscar inclusive a própria vida" (VC n. 85).

4.3.4. *Espiritualidade feminina*

Desejamos alimentar a vivência de uma Teologia e uma Espiritualidade Feminina a partir da cotidianidade, que recrie com sua contribuição a dimensão de fé em nossa

Igreja, que resgate a leitura feminista da Bíblia para tornar explícita a mensagem cristã, a partir de uma hermenêutica, que brote de nosso ser e realidade, que anime, fortaleça e conforte.

Espiritualidade a partir dos empobrecidos e de nossa experiência, que quer tornar presente o rosto feminino de Deus; celebrativa, com símbolos, expressão corporal (Cf. Puebla ns. 727-731; SD ns. 104, 106, 107, 109; VC ns. 28, 34, 57).

Nesta espiritualidade tem suma importância a Virgem Maria. "Maria é mulher... nela Deus dignificou a mulher numa dimensão insuspeitável... Maria é garantia da grandeza feminina, mostra a forma específica de ser mulher" (Puebla n. 229; Cf. SD n. 104; Puebla n. 292; VC ns. 28 e 112).

4.4. Dimensão Eclesial

4.4.1. Comunhão eclesial

A recuperação histórica da Vida Religiosa Feminina ajudar-nos-á a situar-nos de novo na Igreja, em sua vocação à santidade (Cf LG n. 44), com uma dimensão carismática e profética, própria da Vida Religiosa, vivida na pluralidade de carismas dentro da comunhão eclesial. "A comunhão na Igreja não é, pois, uniformidade, mas dom do Espírito que passa também através da variedade de carismas e dos estados de vida. Estes serão tanto mais úteis à Igreja e à sua missão, quanto maior for o respeito por sua identidade" (VC n. 4). A comunidade eclesial está chamada a ser, na América Latina e no Caribe, em direção ao mistério Maior do Amor, ao qual chamamos: Pai, Filho e Espírito Santo.

Jesus Cristo revelou-se através da Comunidade, onde todos/as são admitidos em relações de amizade, irmandade; humanidade messiânica, na qual "não há nem judeu, nem grego, nem escravo, nem livre, nem homem, nem mulher..." (Gl 3, 28).

É o estilo de Comunidade presente no IV Evangelho: de iguais, de amigos de serviço abnegado (Cf. Jo 13), suscitada por

Jesus, que não corresponde a este mundo (Jo 15, 18).

A Vida Religiosa Feminina da América Latina e do Caribe situa-se na Igreja como serva do Reino de Deus, discípulas enviadas para que todos e todas tenham vida. Recebemos, no mundo, a água viva e aí a compartilhamos com nossas irmãs e irmãos; seguimos Jesus, no meio dos pobres e marginalizados, onde encontramos o rosto de Deus e nos tornamos sensíveis à vida dos pequenos, cuidamos da vida que é frágil, ferida. Fazemos tudo isto através de nosso serviço.

4.4.2. Laicidade

O Vaticano II recorda que a Vida Religiosa não é um estado intermediário entre o clero e os leigos (Cf. LG n. 43), portanto é oportuno afirmar a plena laicidade da Vida Consagrada Feminina e reconhecer que, durante muitos séculos, esteve influenciada por concepções e pautas masculinas e clericais. Tal fato torna-se um estímulo na busca da identidade feminina da Vida Consagrada, e propicia uma mudança de relações entre mulheres e varões, na qual primam a fraternidade, a reciprocidade, a igualdade de direitos, a valorização mútua e a integração, no interior da Igreja, como o expressa Santo Domingo, nos números 105 e 109.

"Atualmente, a sociedade e a Igreja cresceram na consciência da igual dignidade da mulher e do varão. Embora teoricamente essa igualdade seja reconhecida, freqüentemente, na prática, é desconhecida... isto supõe aprofundar no papel da mulher, na Igreja e na Sociedade" (SD n. 105).

4.4.3. Inculturação

A Inculturação é outro traço e exigência de nossa Igreja Latino-Americana, que converte a Vida Religiosa numa profecia, numa presença testemunhal do Reino; Santo Domingo centralizou sua atenção nesse grande desafio (ns. 230, 243 a 251).

A Exortação Vida Consagrada também é muito explícita nesse aspecto: "Por sua vez, uma autêntica inculturação ajudará as pessoas consagradas a viver o radicalismo evangélico, segundo o Carisma do próprio Instituto e da idiossincrasia do povo com o qual entram em contato. Dessa fecunda relação surgirão estilos de vida e métodos pastorais que podem ser uma riqueza para todo o Instituto" (VC n. 80; Cf. ns. 79 e 81).

5. METODOLOGIA

O Projeto busca a "Recuperação da memória histórica da Mulher na Vida Religiosa da América Latina e do Caribe". Seu método é basicamente **HISTÓRICO**, sem esquecer que se recolhe uma história, na qual Deus se manifesta e cujos destinatários e atores são objeto da revelação de Deus na fé.

5.1. Investigação Participativa

Para poder cumprir os objetivos propostos, realizar-se-á uma investigação histórico-participativa, isto é, as próprias religiosas serão as encarregadas de realizar uma investigação com apoio e assessoria de historiadoras/es, que estarão a serviço dos grupos de investigação.

Com este método, as religiosas buscamos uma apropriação de nossa história como protagonistas do processo e não como simples objetos de análises dos historiadores. Além disso, é o melhor meio para envolver nossas Congregações e para que a investigação converta-se em meio de revisão, de questionamento, de **KAIROS** para a Vida Religiosa Feminina.

Para tanto, será requerido treinamento no Método, acompanhamento e assessoria.

5.2. Fontes Históricas

Estas Fontes Históricas serão a matéria-prima para o desenvolvimento do Projeto e é preciso selecioná-las com objetividade:

5.2.1. Fontes Escritas

Constituições, Diretórios, Atas Capitulares e de Assembléias, Cartas, Informes, Documentos de Formação, Projetos Comunitários e apostólicos, Informes, Histórias, Biografias, Memoriais, Crônicas, etc.

Fotografias, quadros, vídeos, gráficos, monumentos, estátuas, construções, obras artesanais, etc.

Nota: A tais Fontes Históricas recomenda-se acrescentar o Testemunho Oral, que completará e ampliará essa coleta de dados. É preciso admitir que o testemunho oral não somente contará os fatos históricos, mas dará apreciações em relação às histórias vividas, que desde agora assumimos com uma variável da investigação. Tais testemunhos orais serão testemunhas de vidas que continuam vivas. O mesmo acontece com a coleta de Biografias de religiosas, importante e significativa contribuição para esta investigação.

5.3. Guia para a coleta de dados

O guia compreende dois aspectos:

No primeiro (I), investiga-se a influência do contexto histórico na Vida Religiosa.

5.3.1. A Sociedade

5.3.1.1. Nacional

5.3.1.2. Latino-Americana e Caribenha

5.3.1.3. Mundial

5.3.1.4. Movimentos de Mulheres.

5.3.2. A Igreja

5.3.2.1. Nacional

5.3.2.2. Latino-Americana e Caribenha

5.3.2.3. Universal

5.3.2.4. A CLAR e Conferências Nacionais de Religiosas.

No segundo (II), investigam-se as transformações surgidas a partir de dentro da Vida Religiosa Feminina:

5.3.3. As Vocações e Formação inicial

5.3.4. Dimensões fundamentais da Vida Religiosa



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
março de 1997

Diante do mundo natural desafiador e do sobrenatural muito além de nosso alcance, a oração, **experiência de encontro com Deus como mistério a ser acolhido e adorado** é a base insubstituível para se ter força, vencer, viver e sobreviver, para não se afogar nas amarguras, nas tensões e nas polêmicas. É a fonte que reanima sempre. Impede a desistência porque produz união com Deus. Leva à vitória. **Com Deus tudo é possível.** Nas situações humanamente insolúveis, vencem e triunfam os recursos imprevisíveis do amor e do poder de Deus. Quando, porém, a oração se rarefaz em nossa vida, descortina-se, então, uma paisagem que acumula nuvens.

Nossa **oração FORMAL**, aquela que tem forma e fôrma, que exige tempo exclusivo, lugar à parte e ruptura com qualquer outra forma de atividade externa, é de relativamente curta duração. Calcule e verá que, em vinte e quatro horas, este tipo de oração atinge um percentual otimista de 5%. **Embora formal, não é impessoal.** Não há duas pessoas que digam a mesma oração exatamente da mesma forma. Cada uma lhe dá colorido, selo e marca distintos. Oração formal: modalidade irrenunciável de oração para pessoas atarefadas. Uma ajuda necessária para toda a vida.

Carecemos de treinamento para outro tipo de oração, **a oração INFORMAL**, sem forma e sem fôrma preestabelecidas. Breve. Um modo de rezar de espontânea inspiração. Brota do peito e da vida, com sua cor, urgências e dor. Traduz nossos sentimentos pessoais. Altos e baixos, progresso e retrocesso, momentos de dúvida ou de decisão. Verbaliza o interior e o exterior no ritmo da vida no seu mais real cotidiano. **Não há situação que se não possa tornar oração.** Oração e vida não podem ser dois planos paralelos que só, talvez, acidentalmente, se encontram com uma recordação artificial. Uma oração que não assume a vida é vazia.

Ver, pois, buscar e encontrar os sinais da presença do Senhor em suas manifestações invisíveis, porém, tremendamente vivas em nossas vidas e nas realidades que nos cercam, positivas ou desconcertantes. **Rezar, portanto, a vida e tirar conseqüências para a vida**, embora a oração seja mais do que a vida. E a vida, sem mais, não é oração. Nem sempre nossa oração traduz nossa verdadeira vida. Parece um mundo à parte, não o nosso. A recordação da vida, entretanto, é uma exigência de autenticidade de nossa oração. **Saber fazer a leitura orante dos acontecimentos**, pessoais ou não, é utilizar um dinamismo vitalizador da Vida Consagrada em sua dimensão profética.

Oração INFORMAL: tal qual sai do coração para os lábios sem muita escolha de palavras ou frases belas e profundas, sem a terminologia da moda, nem retórica. **Derramar o coração diante de Deus.** Desapontamento, tentação que conseguimos controlar, relações não fraternas, tudo o que nos pesa. Expressar gratidão pelos dons recebidos, confidenciar desejos e preocupações. Falar a Deus o que se sente e o que nos aborrece. Entreter-se com ele na fé e no amor. Rezar com toda a fantasia. E, coração atento, escutar em silêncio o que Deus nos fala: uma advertência, um conforto, uma orientação para a direção certa. E perscrutar o que ele nos faz. **O coração de Deus é coração de pai.** Simplicidade e confiança inabalável e sem limites de nossa parte. Atitude de esperança. Deus nos quer ver felizes. Rosto contente e coração ardente de amor. O cristão, quando ora, se experimenta como filho na presença do pai.

É vontade de Deus uma maneira concreta de poder **viver o amor na própria vida**. Mas nosso amor é ambíguo, dividido, marcado pelas inconstâncias, mordido na sua raiz pelo pecado e pela concupiscência. O egoísmo lhe é intrínseco. É como um verme que está dentro do fruto ameaçando deteriorá-lo totalmente. É esta a nossa situação. Daí a importância da **oração que purifica a caridade. Acende no coração o amor a Deus.** Desperta a consciência. Ilumina-lhe os labirintos escusos do egoísmo. Coloca-nos no processo de superação do pecado. Liberta-nos de nosso círculo fechado. Abre-nos à presença purificadora do Outro, Deus.

Porque Deus é bom, ele nos dê **a bênção da saúde do corpo e a bênção da saúde da alma**: a fé, o perdão, a graça, a posse do Espírito Santo, fonte de toda energia espiritual. O lema inspirador e a nossa estrela-guia seja o amor. **É o sol que faz o coração desabrochar.** Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB